

# Luiz Claudio Vieira de Oliveira



## GUIMARÃES ROSA NO SUPLEMENTO

A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA DE GUIMARÃES ROSA NO  
SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS



pós-lit - programa de pós-graduação em letras:  
estudos literários

**LUIZ CLAUDIO VIEIRA DE OLIVEIRA**

**CRÍTICA E SEMIÓTICA**  
**GUIMARÃES ROSA NO SUPLEMENTO**  
**A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA DE GUIMARÃES ROSA NO**  
**SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS**

Belo Horizonte  
Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários – UFMG

2002

**Copyright © 2002 by Luiz Claudio Vieira de Oliveira**  
Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer  
meio sem autorização escrita do Editor.

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:  
ESTUDOS LITERÁRIOS**

**COLEGIADO DO PROGRAMA**

**REPRESENTANTES DOCENTES TITULARES:**

Maria Zilda Ferreira Cury (coordenadora), Jacyntho José Lins Brandão  
(subcoordenador), José Américo de Miranda Barros, Lúcia Helena de Azevedo  
Vilela, Haydée Ribeiro Coelho, Leda Maria Martins

**REPRESENTANTE DISCENTE TITULAR:**

Janaína Maria Ferreira Soares

**REPRESENTANTES DOCENTES SUPLENTE:**

Sérgio Alves Peixoto, Gláucia Renate Gonçalves,  
Myriam Corrêa de Araújo Ávila, Eduardo de Assis Duarte

**REPRESENTANTE DISCENTE SUPLENTE:**

**SECRETÁRIA:**

Letícia Magalhães Munaier Teixeira



**pós-lit**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS**

## Índice

Introdução .....	7
O Suplemento Literário .....	11
A consciência crítica .....	13
A intertextualidade crítica .....	19
A crítica literária no Suplemento .....	25
A crítica e a produção de sentidos .....	31
A recepção crítica .....	31
As correntes críticas .....	34
Os caminhos da crítica .....	41
Mito e provérbio .....	56
Referências bibliográficas .....	61
Bibliografia Rosiana .....	65
Suplemento Literário do Minas Gerais .....	65
Bibliografia Publicada no Minas Gerais em Ordem Cronológica .....	109
Textos de Guimarães Rosa Publicados no Minas Gerais .....	127

“Valeria a pena (quem sabe?) reler também o “*Grande Sertão: Veredas*” – que, por bizarra que V. ache a afirmativa, é menos literatura pura do que um sumário de idéias e crenças do autor, com buritis e capim devidamente semi-camufladas.” J.G.Rosa<sup>1</sup>

“Aliás, Guimarães Rosa, que tem o vizo de deixar pistas semi-escondidas, como já foi notado, afirma...” Heitor Martins<sup>2</sup>

“Guimarães Rosa, portanto, ao escolher aquele passo do filósofo [Plotino] para figurar como epígrafe no *Corpo de Baile*, cuidou de ir mais longe do que pode parecer à primeira vista.” Guilhermino César<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Este texto representa o fruto parcial de uma pesquisa realizada no âmbito da Faculdade de Letras, da UFMG, sobre a recepção crítica da obra de Guimarães Rosa e os processos semióticos de produção de sentido desencadeados a partir do entrecruzamento dos textos metalingüísticos do autor, sob forma de prefácios, fragmentos de contos, epígrafes, entrevistas e correspondência com seus tradutores, e dos textos críticos que se escreveram sobre sua obra. Nessa análise, compreende-se a crítica como um processo permanente de metalinguagem e intertextualidade, funcionando como um signo interpretante, no conceito desenvolvido por Charles S. Peirce, para o signo lingüístico. Isso possibilita que, ao processo de geração e multiplicação de sentido existente na própria obra, acrescente-se novo procedimento de produção de sentido, constituído pelas relações do texto crítico com o texto literário e dos textos críticos entre si.

---

<sup>1</sup> ROSA apud MARTINS, 1976. p. 2.

<sup>2</sup> MARTINS, 1974. p. 6.

<sup>3</sup> CÉSAR, 1975. p. 4.

A bibliografia crítica de Guimarães Rosa, bastante extensa, foi publicada nos mais variados tipos de suportes, no Brasil e no exterior: jornais e suplementos literários, revistas especializadas, jornais de província, de circulação local, revistas cuja publicação foi interrompida, teses e dissertações cuja divulgação no meio acadêmico só não é mais precária que sua preservação em bibliotecas de vários locais do país. Em suma, recolher e ler toda a bibliografia crítica rosiana é tarefa ingente, fora do alcance de pesquisador que contou apenas com a benevolência da instituição a que pertence. Mesmo assim, a relação dos textos efetivamente coletados estende-se por mais de cem páginas. Além disso, essa bibliografia cresce permanentemente, denunciando o interesse da crítica pela obra de Guimarães Rosa, além de sua atualidade e popularidade. Menos mal.

No estágio em que a pesquisa se encontra, tendo em vista o excepcional volume da bibliografia crítica rosiana, e sua contínua ampliação, foram considerados apenas as críticas publicadas, primeiro, pelo Suplemento Literário do *Minas Gerais*, órgão oficial do Estado e, depois, pelo *Suplemento*, título assumido quando deixou de “suplementar” o *Minas Gerais*, passando para a órbita da Secretaria de Estado de Cultura.<sup>4</sup> No total, são mais de 190 textos abordando a obra de Guimarães Rosa, publicados ao longo de trinta anos interruptos, é verdade, mas que comprovam a importância do escritor mineiro e sua permanente atualidade. Desses, alguns são poemas dedicados ao autor ou exercícios de recriação de sua obra. Relacionaram-se também, para consulta, os textos de Guimarães Rosa ali publicados. A eleição do *Suplemento* para dar início à pesquisa sobre a recepção crítica rosiana deveu-se à importância do jornal como órgão de divulgação cultural no Estado e em todo o País.

É nossa intenção dar seqüência a esta “leitura das leituras” tão logo possamos trazer à lume a análise dos textos saídos no *Suplemento*, com abordagem dos textos críticos que fomos completando sobre a bibliografia crítica publicada em jornais, em artigos de revistas e, por último, em capítulos de livros e livros inteiros. Desde já reconhecemos este

---

<sup>4</sup> Adotaremos, no decorrer deste trabalho, a designação de *Suplemento* para nos referirmos a seus dois títulos.

trabalho como uma tarefa de Sísifo, uma vez que a crítica sobre a obra de Guimarães Rosa não deixa de crescer. Paralelamente, terá continuidade a pesquisa bibliográfica que, se muitas vezes pode ser feita a partir dos títulos de artigos, reconhecidos por fazerem referência explícita às obras de GR, outras vezes é dificultada por esses mesmos títulos. Por exemplo, artigos como os de Silviano Santiago, de Dirce Cortes Riedel, publicados no *Suplemento*, ou o de Fausto Cunha, publicado no *Correio da Manhã*, em 20 de abril de 1963, respectivamente denominados “Transtornado incerto”, “De chapéu e de bengala” e “As ruínas circulares de Joyce”, só serão reconhecidos como relativos a Guimarães Rosa se forem lidos integralmente. Isso dificulta uma pesquisa à distância, via Comut, ou mesmo via Internet, que só funciona se o pesquisador souber, *a priori*, o título dos artigos que deseja solicitar e em que publicação, avulsa ou periódica, irá encontrá-los. No caso de títulos opacos, como os citados acima, ainda que sejam acessados, torna-se impossível saber se os artigos que encabeçam pertencem à bibliografia crítica rosiana.

## O SUPLEMENTO LITERÁRIO

Por enquanto, trabalharemos apenas com o *Suplemento*,<sup>5</sup> que teve uma significativa importância para a cultura brasileira durante os quase trinta anos em que circulou. O seu primeiro número saiu na década de sessenta, num período tão fértil quanto tenebroso para as artes e a literatura, em que se vivia sob o peso da ditadura militar. Um dos objetivos do jornal era o de resgatar a mineiridade sem cair no provincianismo: “...imprimir a essas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar, como na escolha da matéria publicável”, [sem que se atinja] “o perigo do provincianismo”.<sup>6</sup> Ainda que tenha sido um veículo de captação e irradiação da cultura mineira, foi também um difusor da intelectualidade brasileira, que publicou nele durante todo este tempo. Nomes da qualidade e da dimensão de Antonio Cândido, Haroldo de Campos, Oswaldino Marques, Paulo Ronai, Benedito Nunes, Afonso Ávila, Maria Luíza Ramos, Eneida Maria de Souza, Rui Mourão e muitos outros aí publicaram, com repercussão nacional.

A importância do *Suplemento* reside em seu ecletismo. Durante anos publicou o que havia de mais respeitável na crítica nacional, ao mesmo tempo em que abria espaço para os novos autores mineiros que vinham surgindo, e para a novidade, àquela época um tanto hermética, da crítica universitária dos anos setenta, então no auge do Estruturalismo. Além de sua vocação literária, o *Suplemento* captou o crescimento do cinema e das artes plásticas mineiras. Vários artistas colaboraram, seja sob a forma de ilustrações aos textos publicados, seja através de artigos em que se fazia crítica de arte da melhor qualidade, como se

---

<sup>5</sup> O trabalho *Minas Gerais: Suplemento Literário*, da Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG surgiu após nossa pesquisa sobre o *Suplemento*, vindo complementá-la. Ainda que o objeto seja o mesmo, os objetivos e as dimensões são diferentes.

<sup>6</sup> APRESENTAÇÃO, p. 1, 1966.

pode ver nas colunas de Maurício Gomes Leite e de Márcio Sampaio, ao longo de vários anos.

Pode-se dizer que o *Suplemento* esconjurou o perigo do provincianismo. Os “novos”, designação dada à geração de jovens que ali publicou nos anos sessenta e setenta, vieram a constituir um elemento de renovação da literatura brasileira de então, tornando-se autores de repercussão nacional. Duílio Gomes, Ivan Ângelo, Luiz Vilela, Murilo Rubião, Adão Ventura, Luiz Gonzaga Vieira, Sebastião Nunes, Sérgio Sant’Anna, Henry Correa de Araújo e vários outros foram alguns dos autores mineiros que saíram das páginas do *Suplemento* para a literatura nacional. Ao lado dessa preocupação com a publicação dos “novos”, houve um resgate da literatura mineira, sob a forma de números especiais sobre Drummond, Gonzaga, Murilo Mendes e outros, ou sob a forma de textos esparsos sobre autores como Alphonsus de Guimarães, Afonso Arinos. O *Suplemento* funcionou como uma síntese da cultura mineira, ponto de confluência para que convergiram autores antigos, consagrados ou não, e autores novos.

Dentro deste espírito de resgate e valorização da mineiridade cultural se coloca a presença da recepção crítica de Guimarães Rosa no *Suplemento*. Inegavelmente, Rosa se tornou o maior autor da literatura brasileira de todos os tempos, o mais polêmico e, ao mesmo tempo, o que tem despertado maior curiosidade por parte do público e maior volume de crítica, superando outro campeão, Machado de Assis. Por mais discutíveis que sejam os termos regionalismo e universalismo, Guimarães Rosa correspondeu plenamente ao objetivo de imprimir feições mineiras ao jornal ainda recente: de um lado, por sua feição regionalista, de cor local, interiorana; de outro, por seu evidente universalismo, espantando o fantasma do provincianismo.<sup>7</sup> Além disso, o número de textos críticos aparecidos no *Suplemento* testemunham o crescimento do interesse da crítica por Guimarães Rosa.

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA, 1999. p. 199-210.

## A CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Guimarães Rosa é um dos poucos autores brasileiros cuja fortuna crítica é extraordinária. Teses, dissertações, artigos, ensaios, livros, tudo concorre, nestes cinquenta e seis anos que decorrem desde a publicação de *Sagarana*, para a exegese da obra rosiana. O *Suplemento* dedicou muitas de suas páginas à publicação de críticas sobre a obra de Guimarães Rosa dentro das mais variadas tendências teóricas que se revezaram ou coocorreram ao longo dos anos. É esta variedade de tipos de recepção, apesar da unanimidade de todos eles quanto à qualidade do texto rosiano, que nos interessa pesquisar. O objetivo deste estudo é, precipuamente, analisar comparativamente a recepção crítica da obra rosiana, determinando seu “horizonte de expectativas” em relação à obra do escritor mineiro, suas diferenças e semelhanças, seu embasamento teórico, que oscila da estilística à semiótica, passando por posturas tão díspares quanto o impressionismo e o estruturalismo. Em decorrência, iremos verificar como se deu o processo semiótico de produção de sentido nas leituras que a crítica fez da obra rosiana e da própria crítica, intertextualmente. Por outro lado, pretendemos resgatar a memória desta mesma crítica, tornando-a acessível ao público interessado, como fonte de consulta para todos aqueles que pretenderem estudar a obra de João Guimarães Rosa.

Pela originalidade, pela novidade formal e, por que não dizer, pela sua dificuldade, sua obra fez com que a crítica, muitas vezes, se baseasse nas informações veiculadas pelo escritor, seja em suas raras entrevistas, seja em seus próprios textos, aceitando o pensamento e as indicações feitas. Mesmo agindo como um interpretante, na acepção dada por Peirce, uma vez que cada leitura estabelece uma diferença em relação à obra e à própria recepção anterior, a crítica manteve-se, durante muito tempo, circunscrita aos aspectos mais evidentes da obra de Guimarães Rosa. Por exemplo, os textos que, ao analisarem *Grande*

*Sertão: Veredas*, não deixam de fazer referência à temática medieval aí presente: o mito da donzela guerreira, o pacto demoníaco, a relação de “preito e menagem” do servo com seu senhor, as narrativas medievais ainda presentes no imaginário brasileiro. Ou aqueles textos que destacaram a linguagem utilizada em sua obra.

Guimarães Rosa antecipou-se à crítica. De *Sagarana* a *Ave, Palavra*, estabeleceu um percurso crítico em que configurou sua própria poética. Em *Sagarana*, o conto “São Marcos” vai tratar do “íleso gume do vocábulo, da palavra nunca vista ou jamais ouvida”, enquanto, em *Tutaméia*, os quatro prefácios abordarão a relação da obra com a linguagem, o processo criativo, a renovação lingüística, o humor, o não-senso, o caráter supra-real da literatura. Nos dois volumes, assim como em *Primeiras estórias*, Rosa lança mão de vários recursos para passar ao leitor e ao crítico signos de leitura. Em *Primeiras estórias*, a capa e as orelhas, com suas seqüências de símbolos que representam cada um dos contos são marcos seguros de que “embaixo do anjo tem molho e atrás de morro tem morro”. *Tutaméia*, além dos prefácios, *Sagarana* e *Corpo de Baile* lançam mão das epígrafes. Também em *Grande Sertão: Veredas* as orelhas têm uma função de decifrar o texto que antecipam e, ao mesmo tempo, de cifrá-lo ainda mais.

Em “Aletria e hermenêutica”, o primeiro dos prefácios de *Tutaméia*, Guimarães Rosa chama a atenção para a armadura das palavras, que denomina de “... goma-arábica da língua quotidiana ou círculo-de-giz-de-prender-peru...” capazes de, com sua lógica, criar absurdos. O hábito e a incapacidade reflexiva levam o falante a automações lingüísticas, ao bom senso do clichê, impedindo-o de criar uma nova linguagem, de perceber de forma diferente a realidade, de sair fora do círculo-de-giz. Como o hábito faz o monge, é muito mais fácil permanecer dentro dos estereótipos, lingüísticos ou narrativos, que subvertê-los. A proposta de Guimarães Rosa, ao contrário, tanto na teoria quanto na prática ficcional, se faz no sentido de burlar o senso comum, endoxal, problematizando o uso da língua e a construção da narrativa, flexionando e multiplicando o que parecia uno e rígido.<sup>8</sup>

Cabe ao artista e à criança, assim como ao louco, esse papel de desconstrutor do senso comum, apreendendo a realidade sob uma

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, 1991.

nova lógica que proponha “... realidade superior e dimensões para mágicos novos sistemas de pensamento.”<sup>9</sup> O texto literário muda e se reescreve. Ao invés de se propor monoliticamente, o texto rosiano se multiplica em fragmentos que, mesmo sendo partes de um todo, mantêm, cada um, sua fisionomia própria e autônoma. É o que se dá com a tradução de sua obra. Guimarães Rosa escreve a Edoardo Bizarri: “Você não é apenas um tradutor. Somos ‘sócios’, isto sim, e a invenção e criação devem ser constantes.”<sup>10</sup> O autor não exige fidelidade cega de seus tradutores, mas capacidade criativa e inventiva. Não quer que eles, por respeito ao texto escrito, ao nome do grande escritor, fiquem presos no círculo-de-giz da linguagem e do texto. Dirigindo-se a Bizarri, diz não ter certeza de, ao produzir seus textos, não estar copiando de algum original existente no plano das idéias ou no mundo astral e de o tradutor, ao realizar seu trabalho, não estar, aí sim, acertando.<sup>11</sup> O que aceita da tradução é o que pede também à crítica e o que pratica em sua obra, ou seja:

“O escritor deve ser um Colombo. Mas o crítico malévolo e insuficientemente instruído pertence àquela camarilha que queria impedir a partida por ser contrária à sua sacrossanta lógica. O bom crítico, ao contrário, sobe a bordo da nave como timoneiro.”<sup>12</sup>

Paul Zumthor, a propósito da poesia oral, lembra que existe um processo fático, de incorporação do ouvinte ao texto que está sendo contado: “Desde que exceda alguns instantes, a comunicação oral não pode ser monólogo puro: ela requer imperiosamente um interlocutor, mesmo se reduzido a um papel silencioso.”<sup>13</sup> A figura do crítico é similar à do interlocutor de Riobaldo, que funciona como um co-autor, constantemente interpelado durante a narrativa: “O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em idéia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, portanto. Sua companhia me dá altos prazeres.”<sup>14</sup> A relação

---

<sup>9</sup> ROSA, 1969. p. 3.

<sup>10</sup> BIZARRI, 1980. p. 30

<sup>11</sup> BIZARRI, 1980. p. 64

<sup>12</sup> LORENZ, 1983. p. 76.

<sup>13</sup> ZUMTHOR, 1983. p. 222.

<sup>14</sup> ROSA, 1970. p. 22.

que se estabelece com o crítico toma-o como um co-autor, constantemente interpelado, a fim de que o interesse pela obra se mantenha. E Rosa, em múltiplas oportunidades, soube manter o crítico atento à sua narrativa/obra.

Essa cumplicidade que pede ao crítico se traduz na revelação de rotas ou, melhor dizendo, de veredas pelas quais o crítico deverá conduzir seu barco. Não têm outro sentido as revelações de que, em “O recado do morro”, os nomes dos personagens se ligavam aos nomes dos deuses da mitologia, ou as da presença do Cântico dos Cânticos em “Dão-lalalão” e de referências a Dante e ao Apocalipse ou que a expressão “Aí, Zé, ôpa!”, em “Cara-de-Bronze”, significava “a poesia”, ou a aceitação da presença de temas platônicos em sua obra. Ou, ainda, as informações de que Moimeichego se traduziria em *moi, me, ich, ego*, de que o Cara-de-Bronze era do Maranhão e de que o Grivo fora buscar a poesia. São informações que o autor poderia negar ao crítico ou ao tradutor, mas que Guimarães Rosa faz questão de fornecer. Não se trata, no caso, do adágio: “Quando o autor tem que explicar seu texto ao leitor, um dos dois é burro”.

Tratando-se de Rosa, significa que é ele interferindo na recepção de seu texto, dirigindo o leitor privilegiado para as veredas indicadas, aliciando-o como timoneiro, como a dizer que estão os dois no mesmo barco e que cabe, ao crítico, dirigi-lo a porto seguro. Mesmo que certas informações sejam reveladas, há inúmeras outras que permanecem encobertas. O que ele oferece ao leitor-crítico é um quebra-cabeças que deve ser pacientemente montado. É um conjunto de charadas, de logogrifos, de alusões veladas, de citações eruditas, de elementos esotéricos cujo deciframento funciona como a chave para o sentido de suas páginas. É o que executa em *Primeiras estórias*, como se referiu acima, cujas orelhas contêm uma seqüência de símbolos alquímicos e esotéricos, pirâmides, esfinges, lemniscatas, figuras humanas, flechas, em relação direta com o conteúdo dos contos. Também é significativa a separação dos contos desse livro em dois conjuntos, constituídos pela posição medial do conto “O espelho”. Sua notória preocupação com as capas de seus livros tem como conseqüência atrair a atenção do leitor para a iconografia aí representada e para o próprio título das obras, todos eles, de certa forma, polêmicos. *Primeiras estórias* e *Tutaméia: terceiras estórias* só adquirem uma significação destacada porque faltam as *Segundas estórias*.

Alda Baltar reproduz trecho de uma carta de Rosa a seu tradutor francês, em que destaca o símbolo final do romance: “*Plus tard quand Rosa reçoit la traduction il commente avec Villard: ‘Também gostei muito da ‘Cinta’ que a editora pôs no livro – com o sinal do infinito, o 8 deitado ou lemniscata que é o hieróglifo do Grande Sertão’ (lettre du 27/3/65).*”<sup>15</sup> Como se vê, o autor tinha plena consciência de que havia disposto signos-chave para a recepção de seus textos.

A relação de Guimarães Rosa com a crítica era incisiva: ou o crítico pertencia a uma camarilha que não entendia e, por isso, se opunha à obra, ou subia a bordo com o autor, compartilhando com ele as glórias do porvir. Apesar disso, ou por isso mesmo, o autor guardava tudo o que se escrevia sobre ele. Muito da crítica a que se tem acesso atualmente deve-se ao próprio Guimarães Rosa, que colecionava os artigos publicados em jornais e revistas, do Brasil e do exterior. Além dos artigos que recolhia pessoalmente, recebia outros através das colegas do Itamaraty. D. Marcos Barbosa, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, chama a atenção para o aspecto lúdico que a coleção de recortes assumia para Guimarães Rosa. Diz o religioso:

“Se Afonso Arinos me parece seguro de si, Guimarães Rosa era ao contrário um inseguro, que não se prezava, mas precisava de demonstrações de carinho e admiração. Era isto que o fazia colecionar cuidadosamente tudo que se escrevesse sobre ele, o que scandalizou certo crítico a quem mostrou todos os recortes.

Logo no dia em que o conheci, contou-me também que o fazia, e que colava de cabeça para baixo os artigos contrários.”<sup>16</sup>

As informações fornecidas por Rosa, espalhadas por entrevistas, como a que concede a Gunter Lorenz, pela correspondência com tradutores e amigos, pelos prefácios de *Tutaméia*, pelas epígrafes presentes desde *Sagarana*, além da própria maneira de construir as narrativas – as referências ao processo narrativo em *Grande Sertão: Veredas* e as narrativas de encaixe – tudo isso aponta para a percepção que o autor

---

<sup>15</sup> BALTAR, 1979. p. 63.

<sup>16</sup> BARBOSA, 1967.

tem de seu procedimento de criação, caracterizado por ele mesmo como uma tradução, ou seja, algo em movimento, apenas uma versão ainda não concluída. Ao aceitar a interferência do tradutor, aceita também a do crítico, desde que dentro da rota sinalizada. A relação da crítica com a obra é uma relação de intertextualidade, uma vez obedecida a condição, em que se coloca Guimarães Rosa,<sup>17</sup> de que a obra está inacabada. Por tudo que se comentou acerca da interferência de Rosa na recepção de sua obra, percebe-se que ele não escreve apenas: revela uma consciência metalingüística, presente em toda a sua obra e, na maioria das vezes, bastante explícita.

---

<sup>17</sup> PERRONE-MOISÉS, 1979. p. 217.

## A INTERTEXTUALIDADE CRÍTICA

Se uma relação intertextual é uma relação crítica, pressupõe, por parte de quem a realiza, como autor ou como crítico, um trabalho de leitura, de identificação e de extração do fragmento citado, abolindo suas fronteiras no texto de origem e instaurando novas. Por esse deslocamento, conseguem-se novas significações e uma reavaliação do fragmento e de seu texto original. Sem esta intenção crítica, de releitura e de reescritura, cairiam, autor e crítico, numa tautologia infundável. Nesse processo, o autor pode jogar com textos alheios e com os próprios, reescrevendo sua obra e reelaborando de várias formas os processos que considera importantes. O que interessa não é o referencial a que a obra remete, mas o próprio processo produtivo do texto.

A relação intertextual, sendo crítica, favorece o estabelecimento de um caráter reflexivo que é próprio da metalinguagem – tomada como uma linguagem de descrição ou a língua da gramática, de acordo com Greimas e Courtés<sup>18</sup> – e da *mise en abîme*, no conceito de DALLEMBACH: “... *est mise en abîme tout miroir interne réfléchissant d'ensemble du récit par reduplication simple, répétée ou spécieuse*”.<sup>19</sup> Refletir significa tanto ‘pensar sobre’ quanto ‘reproduzir’. Os dois significados estão presentes na obra rosiana; a obra se pensa, ou seja, reflete sobre seus procedimentos, personagens, narradores, etc.. No primeiro caso estariam as histórias encaixadas, as epígrafes, as referências metalingüísticas sobre a produção textual e todas as citações, incluindo aí os provérbios, os trechos do Upanishad, de Dante, de Goethe, e os processos de *mise en abîme* acerca do surgimento do texto ficcional; no segundo caso, complementar ao primeiro, a multiplicidade de narradores e as ‘histórias abismáticas’ como a de Maria Mutema ou a do fazen-

---

<sup>18</sup> GREIMAS; COURTÉS, [s.d.]. p. 276-7.

<sup>19</sup> DALLEMBACH, [s.d.]. p. 52.

deiro e seus vaqueiros em “A estória de Lélío e Lina”, de *No Urubùquaquá, no Pinhém*.

Metalinguagem e intertextualidade promovem uma reflexão e uma inflexão relativamente aos textos citados, destacando-os e deslocando-os. Ambas são ativas e críticas porque instauram um diálogo com os textos em destaque, retirando-os de sua passividade, obrigando-os a se modificarem e a adquirirem novas significações. Assim, para Guimarães Rosa, não basta criar uma realidade através de personagens, de um cenário, de narração e de ações. Ao mesmo tempo em que conta uma estória, polemiza sobre o surgimento dessa realidade ficcional, fazendo com que outras realidades nasçam da anterior, com que novas estórias se façam dentro da estória em narração, com que os processos de produção de texto sejam duplicados ou triplicados. Escrever não é apenas compor um texto, mas “evidenciar o trabalho da escrita”.<sup>20</sup> Essa dramatização dos processos ficcionais envolve conceitos como a citação, a paródia, a paráfrase, a tradução e a incorporação do leitor (ouvinte ou crítico) à obra, como se referiu acima.

Na obra de Guimarães Rosa, todos esses conceitos se interligam, uma vez que todos se encaminham para a noção de escritura ou reescritura que é o texto visto como produção, como constante tradução de si mesmo. Esse trabalho de tradução pressupõe uma crítica do texto, isto é, uma visão crítica que o escritor deve ter do processo criativo, acerca do seu e de outros textos. Em outras palavras, o escritor deve ter “uma prática escritural voltada para a sua produção”, sendo o texto orientado “...para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de intimação (a transformação desta escritura)”.<sup>21</sup>

Pode-se dizer que esta consciência de Guimarães Rosa acerca de seus textos, como produção e transformação, é uma consciência semiótica, ainda que “*avant la lettre*”, que passa pelo conceito de signo e de interpretante, ou seja: nenhum signo, qualquer que seja, é definitivo. Ao contrário, é sempre “muito provisório”. Haverá sempre um outro signo que o traduzirá e, ao retomá-lo, lhe imprimirá um novo significado, tal como se vê no conto “O recado do morro”: cada sujeito da

---

<sup>20</sup> JOSEF, Bella, jul-set. 1980. p. 57.

<sup>21</sup> KRISTEVA, 1974. p. 41, 98.

enunciação transforma o texto recebido e produz um novo texto. Essa consciência metalingüística e intertextual, de produção e de transformação, é a consciência da crítica em relação aos textos que retoma, sejam eles literários ou críticos. É, portanto, também uma consciência semiótica. Cada texto funciona como um interpretante em relação ao texto crítico anterior ou ao texto literário, num processo incessante, em que se coloca, simultaneamente, como objeto e como signo. Leyla Perrone-Moisés traduz bem este movimento semiótico da crítica quando, ao citar Kristeva, diz o seguinte:

...os três elementos dialogantes (sujeito da escrita, destinatário, textos exteriores) dispõem-se em dois eixos perpendiculares: o eixo horizontal (diálogo do sujeito da escrita com o destinatário virtual) e o eixo vertical (diálogo do texto com outros textos). No caso da metalinguagem, a estes dois eixos sobrepor-se-iam dois outros: horizontal (diálogo do crítico com seu leitor virtual) e vertical (diálogo do texto crítico com outros textos críticos). Esta sobreposição permitiria então certos cruzamentos transversais: o diálogo do crítico com o autor criticado, o diálogo do crítico com o leitor do autor (considerando sempre esse leitor como um elemento estrutural do enunciado poético), o diálogo do crítico com o leitor atual do autor (o que ele não podia prever, o que a continuação da história e as mudanças da cultura lhe deram, por vezes a séculos de distância), o diálogo do texto crítico com outros textos poéticos contemporâneos, anteriores ou posteriores àquele sobre o qual concentra a atenção.<sup>22</sup>

Este fragmento expressa a dinâmica semiótica que se estabelece entre o texto literário e os textos críticos posteriores, entre o texto literário, seu leitor e esses mesmos textos críticos, muitas vezes situados em épocas muito distantes. É importante ressaltar este aspecto de tradução privilegiada que o texto crítico assume em relação ao leitor. Ambos, crítico e leitor, realizam traduções da obra literária. Nesse sentido, ambos são 'sócios' do autor, são seus timoneiros e são os responsáveis pelos interpretantes novos que o signo *obra literária* recebe.

Apesar de colocar-se sob uma postura teórica diversa, Compagnon acaba por convergir para a posição explanada por Leyla

---

<sup>22</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. 1979. p. 216.

Perrone-Moisés. O autor distingue três conceitos teóricos, que estão em permanente interação: a intenção do autor, o sentido e a significação. O sentido seria o que permanece estável na recepção de um texto, enquanto a significação variaria de acordo com cada leitor. O sentido está ligado à intenção do autor e ao tipo de recepção que tenta estabelecer seu significado original; a significação, ao contrário é múltipla e variável, uma vez que cada leitor aplica o texto ao seu próprio contexto de recepção. O objetivo de Compagnon é combater a posição estruturalista e afirmar que o sentido (original) pode captar a intenção do autor, a quem os teóricos estruturalistas haviam banido do texto.

No caso de Guimarães Rosa, saber que há uma intenção, evidenciada em sua consciência metalingüística e semiótica, não nos garante sobre qual seria esta intenção. Pensamos que, por mais ostensiva que seja, ela estará para sempre perdida entre as linhas dos textos produzidos pelo romancista. A leitura atual, mesmo sabendo haver uma intenção inicial, poderia identificá-la? Não estaria caindo numa armadilha lançada pelo autor, um jogo? Benedito Nunes, ao referir-se a uma conversa tida com Guimarães Rosa, afirma: “Mostrou-me, em *Tutaméia*, exemplos de tais jogos com citações de autores fictícios, por ele inventados, alguns correspondendo a anagramas, ao lado de outras também fictícias, mas atribuídas a autores reais.”<sup>23</sup> Determinar a intenção de um autor como Guimarães Rosa não é tarefa que supomos executável. Por isso, como já demonstramos em outras leituras, não haveria um sentido original, mas, utilizando a nomenclatura de Compagnon, apenas significações: atualizações contemporâneas e posteriores do significado das obras, de acordo com as múltiplas contextualizações recebidas. Portanto, apenas parcialmente concordamos com as palavras desse autor, quando afirma:

“As grandes obras são inesgotáveis: cada geração as compreende à sua maneira; isso quer dizer que os leitores nelas encontram algum esclarecimento sobre um aspecto de suas experiências. Mas se uma obra é inesgotável, isso não quer dizer que ela não tenha um sentido original, nem que a intenção do autor não seja o critério deste sentido original. O que é inesgotável é sua significação, sua pertinência fora do contexto de seu surgimento.”<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> NUNES, 1968, p. 1.

<sup>24</sup> COMPAGNON, 1999, p. 88.

Obviamente, toda obra, não apenas as grandes, tem um sentido original, isto é, inicial, que lhe é dado intencionalmente pelo autor e que diz respeito à sua própria ambiência. Cada obra tem que ser profundamente histórica, mesmo quando contraria ou denuncia a história de seu tempo. E, ao ser histórica, consegue ultrapassar o seu tempo, possibilitando aos pósteros encontrar nela “algum esclarecimento sobre um aspecto de suas experiências”. Octavio Paz sintetiza, poeticamente, o que vimos teorizando até aqui. Em suas palavras:

“Como toda recriação, o poema do leitor não é o exato duplo do escrito pelo poeta. Mas se não é idêntico quanto ao isto e ao aquilo, é idêntico quanto ao próprio ato da criação: o leitor recria o instante e cria-se a si mesmo. O poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um leitor novo.”<sup>25</sup>

O texto literário carrega esta possibilidade de leitura e de recriação, sempre feita a partir de outras leituras e de outros textos, críticos ou não. Para isso, o leitor não é fiel ao texto, mas a si próprio, na medida em que tem liberdade de “discordar” da intenção do autor ou do sentido original e de recriar o texto e de criar-se. Não têm outro sentido as palavras de Fernando Pessoa, no célebre poema “Autopsicografia”, em que afirma sobre a capacidade do leitor de ir além do texto que, por sua vez, não tem compromisso com uma verdade, pois o poeta é um fingidor que transforma em literatura uma dor real e, portanto, inefável. Diz a segunda estrofe do poema: “E os que lêem o que escreve,/ Na dor lida sentem bem,/ Não as duas que ele teve,/ Mas só a que eles não têm.”<sup>26</sup>

Os exemplos sobre a capacidade de leitura e de recriação poderiam multiplicar-se. O próprio Compagnon, em outro de seus livros, usa a metáfora do homem das tesouras para exprimir o trabalho do crítico. Este homem usa uma tesoura para cortar certas partes do texto, desconstruindo-o e destacando-as, de modo a formar com elas um novo objeto. Num trabalho<sup>27</sup> em que discute a repetição como um recurso

---

<sup>25</sup> PAZ, 1976. p. 57.

<sup>26</sup> PESSOA, 1994. p. 165.

<sup>27</sup> BARDECHE, sept. 1997. p. 264, 265.

narrativo, que vai da *mise-en-abîme* e dos espelhamentos às repetições patológicas, Marie-Laure Bardèche classifica a leitura como um processo de repetição, com que o leitor comporia um novo livro:

*“Cette variation est le fait de toute libre re-lecture, reliant dans une disposition toujours nouvelle les constituants du texte et tirant un nouvel effet de ces agencements.”* [Mais à frente, a autora acrescenta:] *“L’oeuvre n’est plus considérée comme un texte clos et définitif, mais comme un work in progress (Joyce), comme l’‘aventure du langage dont la venue ne cesse jamais d’être fêtée’ (Barthes).”* (Grifo mantido)

## A CRÍTICA LITERÁRIA NO SUPLEMENTO

A recepção crítica de Guimarães Rosa no *Suplemento* compreende, além dos textos críticos, alguns poemas em homenagem ao autor, uma recriação de um conto seu por um autor português, com dupla publicação, além de fragmentos e contos integrais de Rosa. Deixamos de lado notícias sobre prêmios que levaram o nome do autor e informações menores sobre ele ou sua obra, uma vez que não constituíam leituras de seus textos, pelo menos não do tipo que estamos considerando. Sua fortuna crítica tem início a 25 de novembro de 1967, seis dias após sua morte. Há apenas uma exceção que, como de praxe, confirma a regra. Fernando Correia Dias publica um artigo, em 15 de abril de 1967, com o título de “Falam os doutores de 30: João Alphonsus e Guimarães Rosa”, em que analisa os discursos de formatura, em Direito e em Medicina, em 1930, proferidos respectivamente por João Alphonsus e por Guimarães Rosa. Nele, Fernando Correia Dias aponta as características e diferenças de ambos: o aspecto anti-acadêmico e anti-retórico do texto de João Alphonsus, ao lado do maior academicismo do texto rosiano, em que estão presentes a erudição, o conhecimento lingüístico e literário, a cultura clássica, além da menção à cavalaria medieval, antecipando futuras tendências de sua obra. Mas o texto de Fernando Correia Dias fazia referência, principalmente, a João Alphonsus, uma vez que a edição de 15 de abril fora organizada em homenagem ao autor de “Galinha cega”. Guimarães Rosa aí entrava apenas como elemento de comparação.

1967 é o ano em que Rosa ficou encantado, o ano em que a Literatura Brasileira perdeu seu maior nome. Para o *Suplemento*, marca definitivamente o início de uma rica bibliografia sobre o fabuloso (fabulista?) escritor mineiro. Na edição de 23 de novembro, organizada por Afonso Ávila, comparecem alguns dos maiores intelectuais brasileiros à época, todos unânimes em afirmar a grandeza de Rosa

e todos chocados pela perda. As intervenções são feitas sob a forma de artigos ou de excertos extraídos de obras anteriores, como os que são assinados por Antonio Candido e Luiz Costa Lima. De Benedito Nunes transcreve-se, como se lê em nota de pé de página, “fragmento extraído do texto publicado na *Revista do Livro*”. Trata-se de “O amor na obra de Guimarães Rosa”. Outros textos, pequenas transcrições de fragmentos críticos sobre Guimarães Rosa e sua obra, são agrupados sob o título de “A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa”. Sob essa rubrica estão os nomes de Rui Mourão, Augusto de Campos, Roberto Schwarz, Fábio Lucas, Bernardo Gersen, Eduardo Portela, Affonso Ávila, Franklin de Oliveira, Joel Pontes, Pedro Xisto, Oswaldino Marques, Dante Moreira Leite.

Outros fragmentos foram reunidos com o título de “Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa”. A este grupo pertencem textos dos seguintes autores: José Lins do Rego, Cruz Cordeiro, Valdemar Cavalcanti, Afrânio Coutinho, Wilson Martins, Afonso Arinos de Melo Franco, Sérgio Milliet, Temístocles Linhares, Wilson Louzada, Olívio Montenegro, Osmar Pimentel, Paulo Ronai, Otávio Melo Alvarenga, Euryalo Canabrava, Gilberto Amado, Adolfo Casais Monteiro, Giuseppe Ungaretti. Não se esclarece a origem (artigos de jornal ou revista, livros) dos trechos publicados.

Apesar de serem apenas fragmentos, estes textos figuram em bibliografias rosianas como contribuições importantes. Por exemplo, no livro *Em memória de João Guimarães Rosa*, da José Olympio. Nesta edição do *Suplemento*, feita uma semana após a morte de Guimarães Rosa, estampa-se também a biografia do autor, escrita por Affonso Ávila. As opiniões sobre a obra de Rosa constituem isso mesmo: opiniões que não acrescentam nada à compreensão do universo rosiano. Naquele momento, os fragmentos cumprem apenas a missão de louvar o autor mineiro. Como ilustração, transcrevemos os textos de Ungaretti e Afrânio Coutinho, nesta ordem:

“Cito Guimarães Rosa, a meu ver um dos maiores narradores de hoje. Está na boa estrada da renovação de linguagem, que palmilha com muita atenção.”

“Reputo a obra de Guimarães Rosa da maior significação, e será uma temeridade tentar explicar as razões dessa afirmativa numa simples frase. Pela técnica da narrativa, pela

pintura das personagens, pelo estilo, ele fez a arte da ficção penetrar mais fundo no mundo brasileiro, empregando ao mesmo tempo os mais novos recursos do ficcionismo contemporâneo.”<sup>28</sup>

Se o ano de 1967 marcou o início da fortuna crítica de Guimarães Rosa no *Suplemento*, somente um ano depois, em 1968, no aniversário de morte do autor, é que a crítica irá se avolumar novamente. A 23 de novembro, o *Suplemento* publica uma edição que reúne nomes como: Humberto Werneck, Pilar Gomes Bedate, Curt Meyer-Clason, Braga Montenegro. Benedito Nunes concorre com um artigo bastante interessante, “Guimarães Rosa em novembro”, em que relata seu encontro pessoal com Guimarães Rosa e as chaves que lhe foram passadas sobre a obra rosiana: a presença de citações de Sexto Empírico, de Platão, de Plotino, o aproveitamento que o romancista fazia das leituras e autores, as citações fictícias, os Evangelhos Sinópticos, a gnose, e a concepção que tinha do Mal e do diabo. Apenas um texto, durante o ano, sai em data diferente: trata-se do artigo “Guimarães Rosa: estudante de russo”, onde se registram a curiosidade de Rosa pelo idioma russo e sua amizade com o autor do artigo, Miguel Theodorovitch Chquiloff.

1969 é um ano quantitativamente pobre para a bibliografia rosiana no *Suplemento*. Apenas cinco autores colaboram: Walmir Ayala, William Myron Davis, Harvey L. Johnson, Henriqueta Lisboa, Mario Vargas Llosa. Felizmente, a qualidade é inversa à quantidade. Nesses nomes, há dois fatos importantes: o primeiro é a constatação de que a recepção crítica de Guimarães Rosa atingira a crítica universitária norte-americana; o segundo significa a leitura de Guimarães Rosa por outros autores como Henriqueta Lisboa e Vargas Llosa. O artigo de Llosa, ainda que peque pela desinformação sobre a História do Brasil, faz colocações interessantes sobre uma das temáticas centrais de *Grande Sertão: Veredas*, que é o satanismo. Para remate de males, o ano de 1970 tem apenas dois artigos publicados. São os textos de Jorge de Melo Castro: “João por dentro – o bem-assombrado” e o de Carlos Roberto Pellegrino, intitulado “Estas outras estórias”.

---

<sup>28</sup> OPINIÕES, 25 nov. 1967.

Mas o ano seguinte, 1971, traz um admirável mundo novo: é a crítica universitária mineira que desponta, antecipando aqueles nomes que se tornarão responsáveis pela formação de toda uma geração de leitores e críticos de Guimarães Rosa, como é o caso de Maria Luíza Ramos, de Ivana Versiani, de Consuelo Albergaria. Nelly Novaes Coelho, representante da crítica universitária paulista, resenha e saúda o livro de Ney Leandro de Castro, *Universo e vocabulário do Grande Sertão*. Nogueira Moutinho e Franklin de Oliveira além de representantes da Nova Crítica, são também críticos reconhecidos nacionalmente. Este último já havia publicado, em *A literatura no Brasil*, organizado por Afrânio Coutinho, importante artigo, ainda hoje atual, sobre a obra de Guimarães Rosa.

Se os anos de 1972 e 1973 são quantitativamente pequenos, com duas e três críticas respectivamente, o ano de 1974 assiste a um ressurgimento da crítica rosiana. O primeiro ano reflete o crescimento da crítica universitária. Há um texto de Ivana Versiani, que reafirma a análise de linha lingüística, seguida pela autora, e outro, bastante importante, de Fábio Lucas, em que há a comparação de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, considerados dois expoentes da Literatura Brasileira, ainda que sob aspectos diferentes. O segundo ano traz um artigo de Henriqueta Lisboa, leitora privilegiada de Rosa, de quem foi amiga, já publicado sete anos antes, no livro *Ciclo de conferências sobre Guimarães Rosa*. É o texto “O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa”.

Em 1974, o *Suplemento* publica excertos dos mais importantes textos críticos já escritos até então sobre a obra de Guimarães Rosa. Transcreve, integralmente, a longa conversa de Guimarães Rosa com Günter Lorenz, em que o escritor define-se, e à sua literatura, fornecendo uma série de pistas para os futuros críticos. Entre os autores, acham-se Augusto de Campos, com “Um lance de ‘DÊS’ do Grande Sertão”, Haroldo de Campos, com “A linguagem do Iauaretê”. À parte a importância desses textos, que destacaram aspectos relevantes da obra rosiana, deve-se ressaltar o percurso de cada um, desde a primeira publicação que, para o texto de Augusto de Campos, ocorreu em 1959, em *Separata da Revista do Livro*; para o texto de Haroldo, em 1962, no *Suplemento Literário do Estado de São Paulo*. Esses textos reapareceram em *Guimarães Rosa em três dimensões*, em 1970, juntamente com o texto de Pedro Xisto, e em *Guimarães Rosa*, volume organizado para a coleção Fortu-

na Crítica, da Editora Civilização Brasileira, por Eduardo Coutinho. Surgiram também nos livros de seus respectivos autores: *Poesia, antipoesia, antropofagia*, de 1978, e *Metalinguagem*, de 1969. Isto significa que os textos, além de sua óbvia importância, tiveram uma sobrevida pois, publicados por veículos diferentes, em épocas diferentes, puderam atingir a públicos também diversificados. Antonio Candido, que já havia sido publicado em 1968, com “O sertão e o mundo”, tem este mesmo texto dado a lume em 1974, só que desta vez um pouco maior. Oswaldino Marques teve publicado um dos textos saídos anteriormente em *A seta e o alvo*, de 1957, em que analisa os processos de criação de palavras utilizados e os empréstimos tomados a outras línguas por Guimarães Rosa. Dirce Cortes Riedel comparece com dois artigos importantes “As meias-verdades em Guimarães Rosa” e “De chapéu e de bengala”. Este último é uma das raras abordagens do conto “Os chapéus transeuntes”, de *Estas estórias*. É somente neste ano que o texto de M. Cavalcanti Proença, “Alguns aspectos formais de Grande Sertão: Veredas”, extraído da *Revista do Livro*, de 1957, é publicado. Corresponde à última parte do texto original, ali denominada de “Aspectos formais”.

Os anos de 1975 a 1979 apresentam uma certa regularidade no tocante ao número de críticas publicadas. Em 1975 sai, em dois números consecutivos, o artigo “No mundo moral de Riobaldo”, em que Guilhermino César destaca o caráter artificial do discurso de Riobaldo, a presença de aforismos, caracterizando um tipo de construção textual semelhante ao de Vieira e a influência de Plotino. Saem também os quatro artigos em que Frederick C. H. Garcia discute, de forma pertinente, a recepção crítica de Guimarães Rosa nos Estados Unidos. 1976, 1977 e 1978 constituem os anos em que a crítica universitária publica alguns artigos sobre Guimarães Rosa, com destaque para os artigos de Vera Andrade e de Evelina Hoisel, posteriormente republicados na coleção *Fortuna Crítica*, já citada. Em 1979, Lívia Ferreira Santos publica uma série de artigos sobre a desconstrução em *Tutaméia* e um outro, intitulado “De Mário de Andrade a Guimarães Rosa”, em que compara os dois autores, caracterizando Guimarães Rosa como o executor das propostas estéticas de Mário.

Os anos seguintes, de 1980 a 1988, registram um declínio na bibliografia crítica, merecendo destaque uma outra série de artigos de Lívia Ferreira Santos – “A unidade romanesca de Grande Sertão: Vere-

das” –, o artigo de Gutemberg da Mota e Silva – “Os vários autores de um conto de Guimarães Rosa” –, o de Ana Maria de Almeida – “O tema da mãe terrível em João Guimarães Rosa” – e o de Hugo Pontes – “A simbologia da iniciação maçônica em ‘O recado do morro’, de João Guimarães Rosa” –. De 1989 a 1995, talvez pelas interrupções de publicação do *Suplemento*, nada foi trazido a público. Em 1996, o *Suplemento* lançou um número especial com artigos de Benedito Nunes, Silviano Santiago e de Ivana Versiani, além de outros autores, comemorando os cinquenta anos de publicação de *Corpo de Baile* e de *Grande Sertão: Veredas*.

Com essa retomada rápida da cronologia, tivemos a pretensão de traçar um perfil quantitativo da crítica rosiana publicada no *Suplemento*, com seus altos e baixos, ao mesmo tempo em que destacamos aqueles textos que sobressaíram por sua qualidade. São os que abordaram aspectos novos ou propuseram outras relações intertextuais ou se tornaram referências quase obrigatórias na recepção crítica de Rosa. Enfim, os que leram de forma eficiente a obra de Guimarães Rosa, destacando o processo de produção signíca nela presente. Entretanto, alguns dos textos publicados foram fragmentos descontextualizados, a que se deu cunho laudatório, e cuja dimensão crítica original se perdeu no processo de citação; outros foram francamente superficiais ou anedóticos; outros, enfim, foram apenas noticiosos, informando o surgimento de nova edição ou livro de crítica. No segmento a seguir, iremos analisar os textos críticos, com o objetivo de avaliar sua importância no processo de recepção crítica de Guimarães Rosa.

## A CRÍTICA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

### A recepção crítica

A recepção de uma obra é mensurável, apenas, pelo encadeamento das leituras feitas dessa obra. Cada leitura, desde que registrada, permite um diálogo com as demais, num processo permanente de repetição e de renovação. Cria-se uma relação dialógica entre obra e textos críticos que, dependendo da obra em questão, só tende a aumentar. Há vários níveis de recepção do texto literário, que oscilam da leitura ingênua – se é possível haver uma – até a leitura armada de uma rede de informações culturais, num sentido bem amplo, capaz de perceber as alusões que o texto literário faz aos vários níveis de uma cultura. Da mesma forma que se pode duvidar de uma leitura ingênua, pode-se também desconfiar de um texto ingênuo. Iser nos diz que a estrutura do texto fornece as condições de sua recepção.

Dito de outro modo, tais condições são as estratégias do texto de que nos fala Umberto Eco, prevendo um determinado tipo de leitor, sendo mais ou menos elíptico, deixando vazios por onde esse leitor vai entrar e se instalar como um leitor-modelo: “... uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar.”<sup>29</sup> Nem sempre o papel será ocupado por alguém em todas as suas minúcias. Com relação à obra de Guimarães Rosa, isso explica, por exemplo, a recepção “errada” que sua obra teve por parte de alguns críticos, e a recepção “correta” que teve por parte de outros.

Aprofundando as proposições da Fenomenologia, da Estética da Recepção, e contrariando as premissas do Estruturalismo, a Análise do Discurso Francesa, contemporânea, tem o mérito de incorporar autor e leitor ao texto literário. Para a Análise do Discurso, a significação

---

<sup>29</sup> ECO, 1994. p. 15.

discursiva tem dois componentes: o lingüístico e o situacional. Ao assumir uma dimensão pragmática, considerando que há no discurso um circuito externo, situacional, em que se movem sujeitos psicossociais (Sujeito Comunicante e Sujeito Interpretante), e um circuito interno, lingüístico, ocupado por intralocutores (Sujeito Enunciador e Sujeito Destinatário) a Análise do Discurso mantém a visão imanentista do texto, ao mesmo tempo em que contextualiza o texto num espaço e num tempo determinados.<sup>30</sup> Da mesma forma, a crítica literária poderá ser mais pragmática se se prender à figura desses sujeitos que são históricos (Comunicante e Interpretante), que falam, a partir de uma posição de poder e de saber, a outros sujeitos também históricos, que vão aceitar – ou não – tais poderes e saberes. Por outro lado, será mais imanentista se considerar apenas os sujeitos produzidos pela estrutura textual, tomados como uma estratégia em funcionamento como as engrenagens de um relógio.

Tal proposta parece conciliar as duas tendências principais da crítica: a verista, preocupada com a relação do texto com o real, aí incluídos autor e leitores; e a imanentista, que desliga o texto de suas condições de produção e recepção, preocupando-se apenas com o funcionamento de sua maquinaria interna. Portanto, a recepção crítica da obra de Guimarães Rosa não pode considerar apenas a estrutura interna do texto, a solidariedade de seus elementos, de tal forma que a alteração de um deles provoca a alteração dos demais. Costa Lima caracteriza assim o pensamento estruturalista: “... se o valor de um elemento é sempre um valor de relação, então uma nova possibilidade de sentido sempre surge onde se estabeleça uma nova relação.”<sup>31</sup> Uma análise que considere apenas estes valores de relação produzirá um tipo de crítica que, se por um lado é válido cientificamente, por explorar todas as possibilidades de combinação, por outro, acaba por se enclausurar nesse jogo.

A recepção crítica de Rosa deve postular, além do componente lingüístico, textual, o componente situacional. É importante perceber Guimarães Rosa como uma consciência pensante, capaz de produzir, por exemplo, Riobaldo, um “autor modelo” no conceito de Umberto Eco, responsável pelas estratégias narrativas do texto. Guimarães Rosa

---

<sup>30</sup> CHARAUDEAU, 1996. p.5-43.

<sup>31</sup> COSTA LIMA, 1975. p. 27.

é o Sujeito Comunicante, origem de todas as citações, alusões, paródias, jogos intertextuais e auto-textuais que há na obra de Guimarães Rosa, passíveis de serem ou não percebidas pela crítica (Sujeitos Interpretantes) dessa obra. Parece evidente que Rosa, ao escrever, produzia para um “leitor modelo”, um Sujeito Destinatário ideal, possuidor de ampla cultura, capaz de distinguir entre informações sérias ou jocosas. Por outro lado, deve-se lembrar que o falante, ainda que da estatura de Rosa, não tem domínio absoluto sobre sua linguagem, nem pode prever todas as possíveis situações de recepção. Em vez de falar, é falado pela linguagem, como na metáfora empregada por Riobaldo para a travessia do rio: “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou.”<sup>32</sup> Além disso, a recepção do texto, ao ultrapassar o nível situacional imediato, em que se colocam autor e leitor contemporâneos, tende a valorizar o nível lingüístico, a qualidade ficcional do texto. Por isso, o processo de recepção “... encontra seu limite apenas na capacidade do leitor de apreender o texto, clara e distintamente, como um conjunto infinito de relações constitutivas de sentido.”<sup>33</sup>

A recepção crítica da obra de Guimarães Rosa reflete a situação da teoria literária no Brasil no momento em que se processou a leitura da obra rosiana, a partir da década de quarenta. É um tempo de mudanças e de implantação de novos modelos críticos, cujos desdobramentos vêm até o presente, já no século XXI. A importância da recepção de Rosa pode ser aferida pela complexidade e pelo volume de informações mobilizados pela crítica, para compreender um autor que fugia dos paradigmas de leitura até então existentes, deixando os críticos, leitores privilegiados e supostamente munidos de instrumental apropriado para realizar essa leitura, perplexos e desorientados.

---

<sup>32</sup> ROSA, 1970. p. 30.

<sup>33</sup> STIERLE, 1979. p. 161, 173-174.

## As correntes críticas

Pode-se caracterizar a função do crítico – e da crítica – como a de realizar a mediação entre um objeto de arte e seu público. Quanto mais complexo o objeto, mais necessária a intervenção do crítico: seja para exorcizar o perigo representado pela novidade e pela revolução dos paradigmas causado pelo objeto, seja para intimá-lo a se tornar acessível, demonstrando que o novo não é assim tão assustador e que pode ser aproximado de padrões antigos, já dominados. Guimarães Rosa, quase desde o primeiro livro, tornou-se um enigma para seus leitores e para a crítica. Apesar de ofuscar, não deixava de atrair os olhares dos espectadores. Para deixar explícita a forma por que a crítica executou sua função de mediação, torna-se necessário caracterizar as correntes críticas que informaram os textos publicados no *Suplemento*.

Ainda que ultrapasse os limites deste ensaio, cabe aqui uma referência à evolução da crítica literária brasileira que, do princípio do século XX à década de quarenta, executa uma trajetória que vai de Sílvio Romero e José Veríssimo a Mário de Andrade e Antônio Cândido, incluindo nomes como Álvaro Lins e Tristão de Ataíde, entre outros. A década de quarenta representa um divisor de águas com a criação das Faculdades de Letras e com a implantação da chamada crítica estética. Progressivamente, e acompanhando nisso uma tendência mundial, a crítica brasileira se torna cada vez mais imanentista, valorizando o aspecto estético da obra literária, abandonando o impressionismo ou a utilização de instrumento provindo de outras ciências, que não a teoria literária. Segundo Afrânio Coutinho, responsável pela virada definitiva nos rumos da crítica brasileira,<sup>34</sup> a crítica brasileira se dividia em três grupos:

“De um lado, os reacionários e saudosistas, que efetuavam o seu trabalho e construíam fama sobre um tipo de crítica opiniática e impressionista, de comentário irresponsável e superficial, de divagação subjetiva, sem cânones e rigor metodológico, sob a forma de militância nos rodapés de jornais, e que não se conformam com perder a situação; o grupo conservador que se realiza dentro dos ramos tradi-

---

<sup>34</sup> MARTINS, 1970. p. 528.

cionais da biografia crítica, da crítica sociológica e psicológica; por último, os que buscam um novo rumo para a atividade crítica, na base de um rigorismo conceitual e metodológico, de um conceito da autonomia do fenômeno literário e da possibilidade da sua abordagem por uma crítica estética visando mais aos seus elementos intrínsecos, estruturais, isto é, à obra em si mesma e não às circunstâncias externas que a condicionaram. A geração empenhada neste último movimento está levando a cabo uma completa renovação dos estudos literários e uma revisão crítica da literatura brasileira à luz de novos critérios de caráter estético. Graças a ela, o problema da crítica atinge, neste momento, uma fase de autoconsciência, de domínio metodológico e técnico, de repúdio ao autodidatismo e à improvisação, dando preferência à formação universitária. Tal movimento renovador é um desdobramento da tendência da crítica estética, antes estudada, e a ele é que se dá o nome de 'nova crítica'.<sup>35</sup>

O fragmento de Afrânio Coutinho nos mostra, de forma clara, a transição entre os tipos de crítica e suas características. A crítica literária que será publicada no *Suplemento* pertence à última tendência, mesmo que não possa ser chamada, em bloco, de “nova crítica”, denominação cunhada à sombra do *New Criticism* norte-americano. Apesar disso, enquadra-se nas características apontadas: rigor conceitual e metodológico, autonomia do fenômeno literário, sua abordagem por uma crítica estética, consideração dos elementos intrínsecos e estruturais da obra, rigor metodológico e técnico, recusa do autodidatismo e da improvisação, com ênfase na formação universitária. A crítica universitária, com tais características, é a que ainda predomina entre nós, respeitadas as diferenças metodológicas e de conteúdo existentes entre as diversas correntes, que evoluíram e se transformaram no correr dos anos.

Dois dos autores que publicaram no *Suplemento* discutem, de forma bastante pertinente, a recepção crítica de Rosa. Leodegário de Azevedo Filho, em “O discurso de ficção em Guimarães Rosa”, de 7 de setembro de 1985, informa os diferentes tipos de crítica que têm se ocupado de Guimarães Rosa – impressionista, formalista, estilística, estrutural – e chama a atenção para os que realizam uma análise

---

<sup>35</sup> COUTINHO, 1970. p. 536-7

lingüística e estilística, em grande quantidade, em detrimento da qualidade, restrita à crítica formalista. Destaca o fato de que, na obra rosiana, de *Sagarana a Tutaméia*, o discurso ficcional vai perdendo sua função referencial, deixando de ser mero documento e voltando-se para si mesmo. Sua visão da obra é imanentista e sua análise leva ao extremo as características apontadas por Afrânio Coutinho para uma verdadeira crítica. Mas não pertence ao *New Criticism*. Nos anos oitenta, é já um crítico estruturalista. Suas citações convocam Auerbach, os Formalistas Russos, Saussure, Lacan; alertam para a “prioridade do significante sobre o significado” e para a precisão de se “encarar o texto como produtividade”. Em sua conclusão, coerente com seu ideário, afirma:

“Que se pode dizer mais? Apenas que as categorias da crítica tradicional, o seu código de interpretação da obra de arte literária, tornam-se de todo inoperantes diante de um texto que faz da linguagem o próprio reduto inexpugnável da criação artística.”

Fábio Lucas, no artigo “A volta de Guimarães Rosa”, de 14 de setembro de 1985, tem uma visão mais ampla e mais contundente sobre a recepção crítica de Guimarães Rosa, indo além de apontar as vantagens do Estruturalismo sobre a Estilística. De certa forma, boa parte do que afirma em seu artigo, sobre os diferentes tipos de crítica, pode ser aplicado à crítica que ainda hoje se faz. Vejamos:

... inicialmente, predominou o inquérito estilístico; (...) depois, a obra abriu-se à perquirição conteúdoística, à hermenêutica filosófica e a diferentes estudos genéticos e comparativos. (...) Primeiro, houve o espanto da forma; depois, verificou-se que o conteúdo parelha com altos da poética universal, revestindo mitos, fábulas, contos e enredos das grandes literaturas; a seguir, processou-se ao descobrimento das pistas genéticas, iluminando-se recantos das obras em que brilhassem resíduos de autores, livros, idiomas, procedimentos. (...) E os que se dedicaram à transparência onomástica, relacionando os nomes das personagens para descobrir o sentido de cada um, certos de que, na prosa de Guimarães Rosa, todos são portadores de mensagem, ninguém é batizado gratuitamente. (...) Com o autor de *Tutaméia*, o Estruturalismo deitou e rolou. Toda a sua obra foi submetida a tabulações e modelos, a fim de abonar

buscas desesperadas de funções, invariantes, direções actanciais, índices, seqüências, isomorfismos, enfim, toda a parafernália retórica com que os mestres e seus epígonos embaralhavam a mente dos periféricos.(...) Em oposição à linha dos que procuravam o solo mítico-religioso na obra de Guimarães Rosa, postou-se a corrente do verismo: naquela ficção empolgante, quase tudo tinha existência real, poder-se-ia provar.<sup>36</sup>

Na análise da recepção crítica de Guimarães Rosa publicada no *Suplemento*, encontramos quase todos esses tipos de crítica, nascidos de uma preocupação imanentista com o texto literário, da Estilística ao Estruturalismo. Rachel Esteves, num estudo sobre a crítica universitária brasileira, corrobora o que vimos dizendo:

“Assim, a partir da década de 50, começariam a predominar no cenário da crítica universitária as análises centradas na imanência da linguagem rosiana, fundamentadas em correntes teóricas como o new-criticism, a estilística, o formalismo russo, a fenomenologia e o estruturalismo.”<sup>37</sup>

Todas essas correntes se fundam nos pressupostos explanados por Afrânio Coutinho: do rigor conceitual e metodológico à ênfase na formação universitária. Se na década de cinquenta se dá a implantação do *New Criticism* entre nós, com suas propostas de rigor, imanentismo e formação universitária, na década de setenta há a criação dos cursos de Pós-graduação nas grandes universidades do País, que ampliam e exacerbam as características propostas para a crítica de cinquenta. Entre os dois grandes pólos, *New Criticism* e Estruturalismo, várias tendências e sub-tendências críticas se manifestam, utilizando instrumental teórico de variada procedência: sociologia, antropologia, marxismo, lingüística, psicanálise, filosofia e semiótica. O que se observa é que, à medida que o tempo passou, a tendência foi de se anularem as fronteiras teóricas estanques, utilizando-se conceitos extraídos de áreas diferentes, desde que não sejam conflitantes e concorram para a leitura do

---

<sup>36</sup> LUCAS, 14 set. 1985.

<sup>37</sup> LIMA, 2000. p. 584-5.

texto literário. A esse propósito, veja-se o que diz Fausto Neto, com relação à crítica que se faz no final dos anos noventa:

“Estamos no limiar da terceira semiologia, o que alguns chamam de ‘Semiologia do Sujeito’. Ensino que nos faz recusar o imanentismo, a interpretação mecanicista dos textos, e que nos convida a entender o processo de produção de sentido, a partir da proposição de que todo discurso está submetido a múltiplas cadeias: textos de muitos fios e contextos. Textos que não são guardiães do sentido, mas conseqüências do próprio embate do sentido, na articulação das próprias matérias significantes.”<sup>38</sup>

Pelo exame dos textos publicados, pode-se comprovar que os diversos tipos de crítica estão ali representados, apesar de muitas vezes estarem amalgamados. Além dos textos que foram enviados para o *Suplemento* pelos autores, há outros que foram extraídos de livros ou revistas de forma explícita ou não. Nesse conjunto, encontramos os nomes mais representativos da crítica brasileira a partir da década de sessenta: Antonio Candido, Manuel Cavalcanti Proença, Benedito Nunes, Oswaldino Marques, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Leodegário de Azevedo Filho, José Carlos Garbuglio, Evelina Hoisel, Luiz Costa Lima, Nely Novaes Coelho, Henriqueta Lisboa, Fábio Lucas, Heitor Martins, Rui Mourão, Nogueira Moutinho, Franklin de Oliveira, Renard Perez, Dirce Cortes Riedel, Paulo Rónai, Silviano Santiago, Lívia Ferreira Santos, Ronaldo Melo e Souza, Ivana Versiani, Fernando Correa Dias, Walmir Ayala.

Outros nomes se ligam aos cursos de pós-graduação criados a partir da década de setenta, na Universidade Federal de Minas Gerais, e representam uma parcela da crítica universitária que se constitui desde então: Maria Luíza Ramos, Eneida Maria de Souza, Vera Andrade, Ana Maria de Almeida, Sérgio Bueno, Wander Miranda, Ivete Walty, Consuelo Albergaria, Lélia Duarte, Maria do Carmo Lanna, Marli Fantini. São também representantes da crítica universitária de outros Estados: José Carlos Garbuglio, Evelina Hoisel, Silviano Santiago, Dirce Cortes Riedel, Lívia Ferreira Santos. Outros são jornalistas, historiado-

---

<sup>38</sup> FAUSTO NETO, 1995, p. 182.

res, professores e escritores que enveredaram pelos caminhos da crítica, como Laís Correa de Araújo, Afonso Ávila, Hugo Pontes, Alaor Barbosa, David de Carvalho, Gutemberg da Mota e Silva, Humberto Werneck, Luiz Carlos J. Maciel, D. Marcos Barbosa. Além desses, há os estrangeiros, como Mary Lou Daniel, Pilar Gomes Bedate, William Myron Davis, Frederick Charles Hesse Garcia, Harvey L. Johnson, Mario Vargas Llosa, Gunter W. Lorenz, Curt Meyer-Clason. Se todos os nomes citados têm ligações com a crítica ou a literatura, muitos acrescentaram o ensino a essas duas áreas nas universidades.

A análise dos textos que compõem a recepção crítica de Guimarães Rosa revela algumas tendências críticas que confirmam aquelas apontadas por Leodegário de Azevedo Filho e, principalmente, as arroladas por Fábio Lucas. Dentre os textos críticos do *Suplemento*, predominam os que lançam mão de um instrumental de análise de procedência estruturalista, seja pela busca de invariantes e aspectos formais, seja pelo uso do jargão crítico estruturalista, seja pela predominância que dão ao texto. Em seguida, vêm os que efetuam uma análise lingüística, muitos mesclando conceitos estilísticos com outros, de origem estruturalista. Depois, situando-se num mesmo patamar, estão outros tipos de textos: os aléticos, os filosóficos e os metalingüísticos. Os primeiros são os que Fábio Lucas denominou de “veristas”: buscam uma equivalência entre o universo rosiano e o real: querem localizar cenários, personagens, épocas, circunstâncias históricas. Os filosóficos seriam os que analisam a simbologia, a presença dos arquétipos, as influências filosóficas e religiosas em Guimarães Rosa. Os metalingüísticos remetem à recepção crítica de Rosa, no Brasil e no exterior, às suas traduções, à entrevista concedida por Rosa a Gunter Lorenz. No conjunto, são poucos os que tratam exclusivamente do esoterismo em sua obra, com destaque para as análises de Consuelo Albergaria, Ana Maria de Almeida e Hugo Pontes. E esses podem ser incluídos, em termos gerais, no grupo dos filosóficos. Ressalte-se, entretanto, que estas classificações têm intenção didática, nem sempre refletindo a complexidade de conteúdo dos textos, decorrente da densidade da obra que analisam.

Num exame da bibliografia citada pelos autores, destacam-se os teóricos que pontificaram no Estruturalismo, em suas várias tendências, mais ou menos ortodoxas, e em suas relações interdisciplinares com a Filosofia, a Psicanálise, a Antropologia. Estão presentes: Todorov,

Chlovski, Lévi-Strauss, Gilles Deleuze, Bachelard, Barthes, Walter Benjamin, Marcuse, O. Mannoni, Serge Leclair, Claude Bremond, Gerard Génette, Georges Bataille, Freud, Laplace, Pontalis, Huizinga, Mircea Eliade, Foucault, Benveniste, Lacan, Kristeva, René Girard, Henry Meschonic, Wladimir Propp, Jakobson, Umberto Eco, Eduardo Prado Coelho. Há também os teóricos da literatura, como: Northrop Frye, Kate Hamburger, Emil Staiger, Ortega y Gasset, Wayne C. Booth, Percy Lubbock. E ainda os autores de dicionários de símbolos: Jean Chevalier e Alain Gherbrant, Juan Edoardo Cirlot, J. A. Peres Rioja e C. G. Jung, o estudioso de símbolos e arquétipos.

No processo de intertextualidade crítica que se deflagra, além dos teóricos citados acima, há aqueles textos de referência, de citação quase obrigatória para a crítica posterior. No processo de publicação desses textos no *Suplemento*, nem sempre houve respeito à cronologia ou à integridade dos textos. No trabalho de seleção e de recorte, que já é um processo de leitura e de intertextualidade, um trabalho de citação, tal como conceituado por Compagnon, os editores do *Suplemento* deram preferência aos textos que focalizaram a linguagem de Guimarães Rosa. É o que ocorre com os textos exemplares de M. Cavalcanti Proença e de Oswaldino Marques, reduzidos aos fragmentos relativos à linguagem, ou com os de Augusto de Campos e de Haroldo de Campos, também abordando a linguagem rosiana.

Na rede intertextual que se tece na recepção crítica de Rosa, há referência, além das análises críticas, a autores da literatura brasileira ou da literatura mundial. Todos os textos citados, críticos e literários, são os nós intertextuais (hipertextos) de que nos fala Pierre Lévy, criando um contexto em que se faz a recepção crítica. Assim, aparecem: Joyce (*Ulisses*, *Finnegans Wake*); Borges, Vieira, Platão, Plotino, Sófocles, Eurípedes, Afonso Arinos (*Pelo sertão*); Ivan Cavalcanti Proença (*Introdução a Pelo Sertão*); José Lezama (*Paradiso*); Cavalcanti Proença (“Trilhas do Grande Sertão”, in *Augusto dos Anjos e outros ensaios e Cadernos de Cultura*, do MEC); Walnice Nogueira Galvão (*As formas do falso, Mitológica rosiana*); Mário de Andrade (*Macunaíma*); Haroldo de Campos (*Metalinguagem*, “A linguagem do iauaretê”); Nei Leandro de Castro (*Universo e vocabulário de Grande Sertão: Veredas*); Mary Lou Daniel (*João Guimarães Rosa: travessia literária*); Assis Brasil (*Guimarães Rosa*), Paulo Rónai (*Antologia do*

conto húngaro; “Os prefácios de *Tutaméia*”, “As estórias de *Tutaméia*”, in Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*); Gunter Lorenz (*Diálogo com a América Latina*), José Carlos Garbuglio (*O mundo movente de Guimarães Rosa*), Affonso Romano de Santana (*II Encontro Nacional de Professores de Literatura, Literatura e psicanálise, Análise estrutural de romances brasileiros*); Antonio Candido (“Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, in *Vários escritos*, “O sertão e o mundo”, “O homem dos avessos”, in *Tese e antítese*); “Richard Morse e a América Latina: ser ou não ser”); Richard Morse (*O espelho de Próspero*); Willi Bolle (“Grande Sertão: cidades”); Delcy G. de Paula (*Minas do ouro e do ferro: caminho de passagem para o moderno?*); Hygia Therezinha Calmon Ferreira (*João Guimarães Rosa: as sete se-reias do longe*); Francis Utéza (*João Guimarães Rosa: metafísica do Grande Sertão*); Henriqueta Lisboa et al. (*Ciclo de conferências sobre Guimarães Rosa*).

### Os caminhos da crítica

Os textos que serão comentados abaixo constituem importantes abordagens da obra rosiana pela profundidade, pelo caráter precursor, ou por constituírem-se em exemplos significativos de determinada corrente crítica ou de uma metodologia específica de análise. Os textos de Antonio Candido, incluindo o que foi publicado no *Suplemento*, não se restringem a uma metodologia, nem são passíveis de uma classificação que, na maioria das vezes, é empobrecedora. Apesar da evidente filiação sociológica, ultrapassam em muito a rigidez conceitual, comum a outras análises sociológicas. Da atividade crítica de Antonio Candido, falou-se: “... ele propõe o conhecimento sociológico não como finalidade, mas como veículo de um conhecimento literário que deve permanecer intrinsecamente estético”.<sup>39</sup> O fragmento de “O sertão e o mundo”, presente na edição de 1967, e republicado em 23 de março de 1974, integralmente, tem indicação de publicação original na revista *Diálogo*. Nele, o crítico parte da comparação de *Grande Sertão: Veredas* com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e destaca a semelhança entre a temática

---

<sup>39</sup> MARTINS, 1970. p. 527.

de ambos – a terra, o homem, a luta – apenas para melhor realçar a diferença do romance rosiano, que trata esses elementos sem intenções naturalistas, transcendendo o real. Constata a aproximação entre o jagunço e o cavaleiro medieval, o simbolismo do São Francisco como divisor simbólico do sertão, as relações primordiais entre o homem e a terra, o pacto demoníaco como condição para a discussão entre o Bem e o Mal e, por fim, vencido o Mal, a transformação do jagunço em narrador, construindo a sabedoria sobre a memória.

Este artigo de Antonio Candido, transcrito do número 8 da revista *Diálogo*, de 1957, dá início à permanência de certos postulados críticos através dos anos – foi republicado primeiro em *Tese e antítese*, com o título “O homem dos avessos”, e, depois, no volume *Guimarães Rosa*, da coleção *Fortuna Crítica*, organizado por Eduardo Coutinho, em 1983. Ele dialoga com a análise de Cavalcanti Proença “Aspectos formais de *Grande Sertão: Veredas*”, saído no número 5 da *Revista do Livro*, de março de 1957, em que se abordam os aspectos telúrico, mítico e lingüístico de *Grande Sertão: Veredas*. Esse texto também teve várias publicações, inclusive no *Suplemento* de 6 de abril de 1974, em que apenas o trecho relativo à linguagem (ritmos, aliterações, sonoridades, onomatopéias, afixos) foi utilizado. Ambos, na sua integridade, darão início a um diálogo polifônico com a crítica brasileira posterior e contemporânea, especialmente Oswaldino Marques, autor de *A seta e o alvo*, de 1957. O capítulo “Canto e plumagem das palavras”, deste livro, também aparece condensado no *Suplemento* de 23 março de 1974, com o título “O repertório verbal”. Nele, Oswaldino Marques declara sua “profissão de fé” na análise estilística, imanente: “Outros que se regalem com oráculos mediúnicos; quanto a nós, contentamo-nos com a área física do texto.”<sup>40</sup> Isso significa um trabalho metódico, sistemático sobre o texto, examinando sua linguagem para descobrir “...regularidades, matrizes sonoras, estalões rítmicos, peculiaridades estruturais, recorrências imagéticas, ordenações sintáticas ...”. Para isso, nada melhor que Guimarães Rosa “...o virtuose de *Sagarana*, talvez o maior inovador, no domínio da linguagem, de nossa literatura”.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> MARQUES, 1957. p. 17.

<sup>41</sup> MARQUES, 1957. p. 20-1.

Antonio Candido, Manuel Cavalcanti Proença e Oswaldino Marques forneceram, para a crítica posterior, indicações por onde as análises se encaminharam: a) a vertente sociológica, incluindo-se aí o regionalismo, a oposição regional e universal, o espaço do sertão e seus habitantes, as relações sociais aí desenvolvidas, o misticismo e a religiosidade sertanejas; b) a vertente simbólica, que não prescinde da anterior, mas a complementa, com o imaginário sertanejo, as credences, a divisão do sertão entre o Bem e o Mal, a permanência do ideário medieval, os planos mítico, objetivo e subjetivo; c) a vertente lingüística, que oscila da organização de glossários e de levantamentos estilísticos à aplicação de um modelo lingüístico-estrutural para análise dos textos. Evidentemente, estas vertentes críticas não são monolíticas, possibilitando o aparecimento de variantes e de diversos tipos de combinações entre elas.

Esses textos fundadores, do mesmo modo que foram, sob certos aspectos, “direcionados” por Guimarães Rosa, irão fornecer subsídios para a crítica posterior, funcionando como matrizes para a análise do texto rosiano através do levantamento de seus aspectos lingüísticos, simbólicos e sociológicos. A sobrevida que tiveram, através de publicações posteriores, atesta sua importância para a crítica ulterior. José Carlos Garbuglio, de *O mundo movente de Guimarães Rosa*, de que foi extraído o fragmento “A estrutura bipolar da narrativa”, publicado no número de 30 de março de 1974, e Walnice Galvão, de *As formas do falso*, são dois dos maiores exemplos desse diálogo, uma vez que utilizam, em suas análises, aspectos abordados por Antonio Candido e por Cavalcanti Proença. Rachel Esteves chama a atenção para os primeiros estudos rosianos, de caráter predominantemente esotérico, metafísico ou imanente. E ressalva: “Exceção à regra, a tese de Walnice Nogueira Galvão, publicada em 1974 sob o título *As formas do falso*, empreende uma leitura sociológica de *Grande Sertão: Veredas*, procurando articular o texto literário ao contexto por ele representado.”<sup>42</sup> Melhor seria dizer que os primeiros estudos têm caráter nitidamente lingüístico e sociológico, exatamente os aspectos mais evidentes à leitura de Guimarães Rosa; alguns, apenas, no sentido amplo da palavra, caráter imanente.

---

<sup>42</sup> LIMA, 2000. p. 585.

Outros, bem poucos, caráter esotérico.<sup>43</sup> Na verdade, tanto Walnice como Garbuglio se colocam no caminho proposto por Antonio Candido, precursor da análise sociológica, de alta qualidade, sem recair no sociologismo. Fernando Correia Dias, representante da crítica universitária, tem publicado no *Suplemento*, com o título de “Geografia do Grande Sertão”, um excerto de “Aspectos sociológicos de *Grande Sertão: Veredas*”, do *Ciclo de conferências sobre Guimarães Rosa*, de 1966. Por outro lado, é de sua responsabilidade um exemplo menor de análise sociológica. Com o título de “Sociologia da literatura: uma experiência didática”, o autor descreve um exercício proposto a seus alunos:

“Propus essa questão aos alunos que identificassem onde e quando se passa a “A volta do marido pródigo”; que obtivessem a identificação através dos dados do próprio conto, podendo confirmá-los em outras fontes. Essa era apenas uma das questões: desejaria que levantassem e interpretassem os elementos de conteúdo social expressos pela narrativa.”

Apesar de não transcritos no *Suplemento*, mas fazendo eco às análises de Proença e Marques, há os artigos de Paulo Rónai, publicados em *Encontros com o Brasil*, de 1958. Neles, Rónai destaca alguns elementos formais da narrativa, como o título, a oralidade e a dramaticidade do relato, além do pacto: Riobaldo é um Fausto sertanejo e o sertão é, ao mesmo tempo, símbolo e realidade concreta. Destaca também o regionalismo e o universalismo de *Sagarana*, a integração estrutural dos contos de *Corpo de Baile*, a marginalidade de certos personagens: crianças, loucos, mendigos, cantadores, prostitutas, capangas, vaqueiros. E, corroborando o que vimos dizendo acerca da interferência do autor sobre a crítica, afirma:

“Insensível a conveniências editoriais, o escritor pouco se preocupa em ir ao encontro dos hábitos do público. Arremessa aos leitores, de uma só vez, uma Suma inteira; lança-os em vez de num caminho reto, num verdadeiro labirinto; e se lhes dá algumas chaves, epígrafes tiradas de Plotino e Ruysbroeck, tão inesperadas no limiar de uma coleção de novelas re-

---

<sup>43</sup> OLIVEIRA, 2001. p. 463-472.

gionais – deixa-os procurar as fechaduras a que elas se aplicam. E mesmo que eles tenham compreendido a unidade essencial do conjunto (...) ainda terão de resolver inúmeros enigmas que se lhes armam a cada passo.”<sup>44</sup>

Antonio Candido, M. Cavalcanti Proença, Paulo Rónai, Mary Lou Daniel e outros autores, que trabalharam primeiro a obra rosiana, tiveram a importância de fixar as grandes linhas por que a crítica posterior iria se desenvolver. Um dos aspectos mais trabalhados pela crítica rosiana dá seqüência às descobertas de Oswaldino Marques e Cavalcanti Proença quanto à linguagem de Guimarães Rosa. São trabalhos que abordam os processos de formação de palavras em *Grande Sertão: Veredas*, as palavras de origem tupi, os recursos lingüísticos de “A terceira margem do rio”, a estilística de alguns contos de *Primeiras Estórias*, o interesse de Guimarães Rosa pelo russo, o surgimento do livro de Ney Leandro de Castro, *Universo e vocabulário de Grande Sertão: Veredas*, numa resenha, e outros mais. Num nível mais elaborado dessa vertente lingüística, estão o texto de Haroldo de Campos, “A linguagem do Iauaretê”, publicado em 23 de março de 74, extraído do texto saído em *Metalinguagem*; e o texto de Augusto de Campos, “Um lance de ‘dês’ no Grande Sertão”, publicado em 30 de março de 74, e extraído da *Revista do Livro*, de 1959. O texto de Luiz Costa Lima, “A expressão orgânica de um escritor moderno”, de que são reproduzidos fragmentos do texto original, foi publicado originalmente em *Diálogo*, nº 8, de 1957.

Os textos de Haroldo de Campos e de Augusto de Campos, além de sua importância pela análise da linguagem rosiana, ultrapassam a euforia estilística dos primeiros textos críticos e se aprofundam na análise do significante. Deixam para trás os requintes filológicos destacados por Cavalcanti Proença e por Oswaldino Marques, também presentes num marco da crítica universitária de então: a tese, depois tornada livro em 1968, de Mary Lou Daniel, sob o título *João Guimarães Rosa; travessia literária*. Augusto de Campos, após levantar os vários lances de fonemas em *Grande Sertão: Veredas*, conclui seu texto ressaltando a concretude da obra rosiana: “Ao invés do realismo simplista

---

<sup>44</sup> RÓNAI, 1958. p. 141.

e simplório, ao invés do subjetivismo delirante e falsamente revolucionário, dá-nos Guimarães Rosa algo de positivo e palpável. ‘*Che si può mangiare*’, como diria Ezra Pound.”<sup>45</sup> Essa concretude liga o autor mineiro a Joyce, com seu experimentalismo lingüístico radical, e à própria poesia concreta brasileira e sua proposta “verbivocovisual”. As palavras de Augusto poderiam ser as de Haroldo de Campos, cuja análise do conto “Meu tio o Iauaretê” mostra o uso “concreto” da linguagem tupi como caracterização do hibridismo do personagem, metade homem, metade onça. Ressalte-se que a análise posterior de Walnice Galvão, “O impossível retorno”, esclarecedora da perda de identidade do personagem, nem índio nem homem branco, e por isso tornado “onça”, corrobora e amplia o que Haroldo de Campos afirmara com relação à linguagem. O emprego do tupi é “positivo e palpável”, sem nenhuma intenção folclórica ou mera gratuidade. Esses textos representam uma evolução da crítica rosiana, feita até então, por enxergarem no texto de Guimarães Rosa algo mais que erudição ou um retrato sociológico do sertão mineiro: são um passo decisivo em direção às análises formais e imanentes que virão.

Em dois de seus textos saídos no *Suplemento*, Alaor Barbosa exercita uma preocupação constante da crítica rosiana: a relação da obra de Guimarães Rosa com o real. Num dos textos, “*Grande Sertão: Verdades* é um documento – o grande documento, o documento definitivo – da realidade brasileira: da realidade da vida brasileira.”<sup>46</sup> Noutro, Guimarães Rosa é o repórter que tudo anota antes de transformar as informações em ficção. Mais ainda, os personagens são Guimarães Rosa. Veja-se o trecho: “O interlocutor de Riobaldo é alguém que depois escreverá aquela história que está ouvindo. O interlocutor de Riobaldo é um escritor: o escritor é João Guimarães Rosa.”<sup>47</sup> Em outro texto, Alaor Barbosa faz uma distinção importante: a língua que Rosa utiliza é a do sertão, distinta da língua oficial e literária. Apesar de não desenvolvê-la, esta constatação representa um avanço em relação ao mero levantamento lexical. David de Carvalho, em “O fora e o dentro das coisas em Guimarães Rosa”, preocupado com a equivalência com o real, localiza

---

<sup>45</sup> CAMPOS, 1983. p. 348-9.

<sup>46</sup> BARBOSA, 1978. p. 6.

<sup>47</sup> BARBOSA, 1978. p. 4.

exatamente onde se passaram as cenas de “Sarapalha”. Em “Mitologia indo-iraniana em *Grande Sertão: Veredas*”, faz referência não só a esses mitos, como também ao conhecimento lingüístico de Rosa, da mesma forma que, em “William Myron Davis vasculha o *Grande Sertão: Veredas*” destaca as pesquisas do professor norte-americano sobre a onomástica e o vocabulário rosianos, buscados em línguas orientais. Já em “Presença de Itaúna – MG na obra de Guimarães Rosa”, David de Carvalho aponta circunstâncias e personagens de Itaúna, presentes nos contos de *Sagarana*.

Esta preocupação em datar e documentar a obra de Guimarães Rosa, associando-a a um espaço e a um tempo definidos, históricos, transparece em vários outros textos. Silviano Santiago e Luiz Otávio Savassi Rocha referem-se ao episódio real, gerador de “Um moço muito branco”, o terremoto havido na cidade do Serro e registrado nas *Efemérides* e na obra *Serro: três séculos de História*. Paulo Rónai, numa resenha sobre o livro *Itinerário de Riobaldo Tatarana*, de Alan Viggiano, reitera a proximidade de *Grande Sertão: Veredas* da geografia do sertão mineiro. Fernando Correa Dias, no artigo já citado, pesquisa o conto “A volta do marido pródigo”. Quer identificar local e época do conto, além de outros elementos como o coronelismo político, a sociedade tradicional do interior, o regionalismo. A carta que Guimarães Rosa envia a um dos participantes da pesquisa não vai além das informações óbvias: construía-se uma estrada, havia trabalhadores espanhóis e brasileiros, o trecho era próximo a Itaguara. Gutemberg da Mota e Silva publicou “Os vários autores de um conto de Guimarães Rosa” no *Jornal do Brasil*, matéria transcrita no *Suplemento* de 8 de outubro de 1983. Entretanto, em 8 de julho de 1978, Euclides Marques Andrade transcrevia trechos do artigo de Gutemberg, no seu texto “Como Guimarães Rosa criou Mechéu”, com a intenção de provar que “há sempre uma base real, por menor que seja, a acender inicialmente a imaginação de todos os escritores”.<sup>48</sup> Gutemberg da Mota e Silva, a partir de um questionário enviado por Rosa a seu amigo fazendeiro, acerca de Hermenegildo, o futuro personagem Mechéu, demonstra a semelhança entre as respostas dadas e o conto:

---

<sup>48</sup> ANDRADE, 1978.p. 10.

“O confronto das respostas com o texto publicado revela que os Barbosa podem ser inequivocamente considerados co-autores do conto, estruturado, quase completamente, nas informações recebidas por escrito. Muitas delas foram aproveitadas na mesma ordem em que foram relatadas e com as mesmas palavras, sendo poucas as alterações”.<sup>49</sup>

Ainda que o texto não diga claramente, fica evidente a intenção de demonstrar o peso do real na ficção rosiana. Evidencia-se também que, sem a participação de Rosa, nem os Barbosa seriam co-autores, nem o Mechêu seria personagem. É exatamente esta passagem do corriqueiro ao excelso que os “veristas” não conseguem perceber e tentam, inutilmente, dissecar a mosca azul. Na mesma linha vai o artigo de Heloísa Starling, apesar de considerar que, mais que um atrelamento ao real, a obra de Rosa, especialmente *Grande Sertão: Veredas*, é uma leitura do real, rompendo com a visão triunfalista inaugurada pelo Governo Juscelino. Ana Luíza Martins Costa analisa as cadernetas de viagem de Rosa, destacando o processo de documentação do autor: “O fabuloso universo do sertão criado por Guimarães Rosa possui o lastro de uma realidade minuciosamente documentada. Suas estórias são dotadas de precisão etnográfica.”<sup>50</sup>

Em contraposição a essa crítica sociológica ou histórica, “verista”, há uma outra, mais preocupada com o texto enquanto linguagem. Ou, como diz Laís Correa de Araújo: “Mas, diante do escritor, o que interessa, o que vale (...) é o seu texto e só por ele devemos guiar a nossa compreensão do texto.”<sup>51</sup> Este interesse pelo texto provoca boas e más críticas. Se Nelly Novaes Coelho publica, em 1971, uma resenha sobre o recém saído livro de Ney Leandro de Castro, “Universo e vocabulário do Grande Sertão”, destacando a linguagem rosiana estudada pelo autor, em 1974 publica um artigo em que ressalta a importância da palavra como instituidora da realidade. Márcio José Lauria, no texto “Em busca da terceira margem”, declara que seu texto é uma

---

<sup>49</sup> SILVA, 1983. p. 4.

<sup>50</sup> COSTA, 1996. p. 9.

<sup>51</sup> ARAÚJO, 1967. p. 7.

“tentativa de interpretação estilística do conto ‘A terceira margem do rio’(...)”. [Mas acrescenta:] “Poder-se-á dizer que ele aplicou na linguagem o que é próprio do ficcionista fazer com a realidade: desagregar e transfigurar, recriando-a com a preocupação mais voltada para a verossimilhança do que para a verdade convencional”.

Fábio Lucas, em duas resenhas, chama a atenção para a linguagem de Guimarães Rosa: primeiro, ao comentar o surgimento de *Ave, palavra*; segundo, ao salientar os aspectos mais importantes da obra de Terezinha Souto Ward, que considera um dos melhores trabalhos já publicados sobre a oralidade em *Grande Sertão: Veredas* e, por extensão, sobre a linguagem de Guimarães Rosa. E o livro de Therezinha S. Ward, registre-se, não é apenas sobre a linguagem. É sobre o discurso, os processos de enunciação e de apropriação, por Rosa, das formas discursivas do narrador popular. Braga Montenegro defende em seu texto, “Guimarães Rosa, novelista”, uma superação da linguagem como mero veículo para um significado, devendo-se tomá-la como fazendo parte deste mesmo significado. Benedito Nunes, ainda que esteja considerando a questão da linguagem rosiana em seu texto “A viagem do Grivo”, o faz numa dimensão maior. Segundo o autor, “a missão do Grivo, objeto da demanda que o velho Cara-de-Bronze ordenou, foi retrazar o surto originário da linguagem, recuperar a potencialidade criadora do Verbo”. A análise de Benedito, de dicção filosófica, passa pela consideração da filosofia oriental, da literatura de Goethe e Dante, dos mitos e sagas medievais.

Guilhermino César também aponta a presença de Plotino na dimensão filosófica de *Grande Sertão: Veredas* e de Vieira na estratégia de composição do texto. Henriqueta Lisboa, em “Guimarães Rosa e o conto”, situa Rosa no panorama do conto brasileiro e aponta a evolução de seus textos, de *Sagarana* a *Tutaméia*, indo do realismo e da estrutura tradicional do primeiro à abolição do enredo no último livro. Nele haveria uma densidade dramática e uma tensão poética só conseguidas, entre nós, por Machado de Assis. Também em “O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa” chama a atenção para o processo de efabulação e transformação da memória. Franklin de Oliveira, em “Presença roseana”, irá destacar a recuperação que Rosa faz de nossa literatura, tanto no aspecto lingüístico quanto no temático. Diz o crítico:

“Sagarana subverteu esses códigos [o da prosa jornalística e o da prosa despojada de Graciliano Ramos]. Instaurou a insurreição lingüística. Fundou uma prosa dotada de um magnetismo cósmico – cósmico pelo seu selvagem poder de imantação. Onde as fontes dessa energia implosiva?

Ela promana do uso das onomatopéias, dos ideossos, das assonâncias e aliterações – da presença de polivocábulo, das sucessivas pastas semânticas aplicadas às palavras já desgastadas; de certas delicadezas fraseológicas que lembram as *nursery rhymes*; das ressonâncias abemoladas e dos fortes acentos, dos paralelismos sônicos, do emprego de vocábulos fonossimbólicos; e dos recursos a determinados expressivismos idiomáticos. (...) Depois da surpresa formal, temos o fabuloso enriquecimento temático de que Rosa dotou a ficção brasileira. (...)

Rosa incorporou a dimensão filosófica à nossa literatura de ficção, no sentido em que há filosofia em Dante e em Goethe.”

Dentre as várias análises que destacam o aspecto lingüístico dos textos de Rosa, há aquelas que permanecem no plano da curiosidade, sem relacionar os aspectos fonético, morfológico, léxicos ou sintáticos a um nível mais elaborado, que é o nível textual, em que esses aspectos, sem deixarem de ser lingüísticos, transformaram-se em ficcionais. Muitas dessas análises se ligam às que buscam, no real, as chaves para a interpretação da obra de Guimarães Rosa.

Os textos a seguir são exemplos dessas abordagens empobrecedoras, que pouco acrescentam ao conhecimento do texto literário. “Palavras de origem tupi em Guimarães Rosa”, de Nelly Macedo, relata apenas o número de vezes em que palavras de origem tupi aparecem nas obras do autor. No texto de Oswaldo André de Melo, “O aspecto fônico em ‘Orientação’, de Guimarães Rosa”, o autor chama a atenção para as aliterações, onomatopéias e o ritmo interior das frases. O artigo de Carlos dos Reis B. Braga aborda processos de formação de palavras e as línguas em que Rosa se baseou para sua criação. David de Carvalho, em dois artigos, “William Myron Davis vasculha o *Grande Sertão: Veredas*” e “Mitologia indo-iraniana em *Grande Sertão: Veredas*”, especula sobre a presença da etimologia japonesa, persa, hindu, sânscrita e árabe em palavras usadas por Rosa.

Distinguindo-se radicalmente dos textos anteriores, estão os artigos de Ivana Versiani. Mesmo que tenham a intenção de realizar

apenas uma análise lingüística, o fazem num nível mais elaborado, que incorpora uma reflexão lingüística de base estilística e estruturalista. Seu trabalho mais recente, publicado em 1996, consiste numa análise comparativa das várias edições de *Sagarana*, fixando a quarta edição como a fundamental para a evolução estilística de Guimarães Rosa.

Mario Vargas Llosa, em seu artigo “Epopéia do sertão, torre de Babel ou manual de satanismo?”, publicado no *Suplemento do Minas Gerais* de 23 de novembro de 1969, chama a atenção para o fato de *Grande Sertão: Veredas* ser uma realidade lingüística, uma construção de linguagem, o que representa um avanço em relação às análises puramente lingüísticas e àquelas que tentam amarrar os textos rosianos ao real.

Em “Guimarães Rosa em novembro”, de 23 de novembro de 1968, Benedito Nunes relata seu encontro com Guimarães Rosa e as chaves para a compreensão da obra que lhe foram passadas: a presença de Sexto Empírico, de Platão, de Plotino, do aproveitamento que Guimarães Rosa fazia de leituras e de autores, das citações fictícias, com o intuito de confundir a crítica, a referência aos Evangelhos Sinóticos, a gnose, sua concepção do Mal e do Diabo. Por aí se vê como o autor conquista o crítico para ser o timoneiro, a cumplicidade entre ambos se estabelecendo tranqüilamente. Mario Vargas Llosa e Benedito Nunes abordam, cada um a seu modo, o fato de os textos rosianos serem feitos de palavras, dotados de uma coerência externa, mas sem preocupação documental, em sentido estrito. Mario Vargas Llosa, juntamente com outros autores e outros textos saídos no *Suplemento*, testemunha a importância da obra de Rosa e sua recepção crítica no estrangeiro.

Além da transcrição da entrevista concedida por Guimarães Rosa a Gunter Lorenz, importante sob vários aspectos para a compreensão de sua obra, e onde o autor fornece várias chaves para sua recepção crítica, o *Suplemento* publicou textos importantes. Há o texto de Pilar Gomes Bedate, em que se defende a tradução para o espanhol feita por Angel Crespo, contrariando a postura de Vargas Llosa, e em que se faz uma comparação entre a tradução espanhola, a inglesa e a francesa. Frederick C. Hesse Garcia, numa série de quatro artigos – “Guimarães Rosa nos Estados Unidos” – faz uma análise eficiente das traduções americanas de Guimarães Rosa, relacionando-as às manifestações da crítica norte-americana e aos prefá-

cios escritos para as respectivas traduções. Discute também a questão da traduzibilidade de Rosa e a importância da crítica estrangeira para a compreensão da universalidade da obra rosiana. Os textos de Frederick Garcia constituem uma das melhores avaliações sobre a recepção crítica de Guimarães Rosa no exterior até a época (1975) em que foi publicado. Dos três textos de Curt Meyer-Clason, um é uma montagem; o outro, uma entrevista. O terceiro é o texto integral da conferência que Meyer-Clason pronunciou no *Goethe Institut*, de Belo Horizonte. Nele, o tradutor revela as peculiaridades da tradução dos textos rosianos, as sugestões do autor, sua capacidade de tirar proveito até dos erros dos tipógrafos, sua preocupação com o detalhamento com que construía seus livros: “Tudo é retrabalhado, repensado, calculado, rezado, refervido, recongelado, descongelado, purgado e reengrossado, outra vez filtrado. (...) A gente tem de escrever para setecentos anos. Para o Juízo Final.” Lembra uma confidência de Rosa que só vem reafirmar a interferência do autor na recepção de sua obra, direcionando-a para certos aspectos: “ ‘Ora’ – escreve Rosa em certa altura – ‘já deve ter notado que freqüentemente eu utilizo a matéria de provérbios ou de lugares-comuns para obter uma nota de *humour*.’ ” (Grifo mantido)<sup>52</sup> Os textos acima, além dos de Harvey L. Johnson e de Paula Lidmilova, este informando sobre a tradução de Rosa para o tcheco, são importantes indicadores da recepção do autor mineiro no exterior.

Dentre aquelas críticas que analisam a obra de Guimarães Rosa com um instrumental teórico de origem estruturalista, destacaremos três como as mais representativas. São elas: as séries de artigos de Lívia Ferreira Santos, intituladas “A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*” e “A desconstrução em *Tutaméia*”; a série de artigos de Eneida Maria de Souza, “Ficção, realidade e humor em *Tutaméia*”.

Lívia Ferreira Santos divide seu estudo de *Grande Sertão* em vários trechos. O primeiro deles trata da “notícia e mensagem” do romance. Citando Bakhtin, a autora se propõe a considerar a “...mensagem do livro como algo inerente ao jogo verbal, por que a totalidade se comunica ao leitor”. Em outras palavras: a estrutura do ro-

---

<sup>52</sup> MEYER-CLASON, 1968. p. 6, 8.

mance depende de um “desígnio semântico” que só se resolve na execução do código, ou seja, na elaboração/leitura do romance. O segundo trecho analisa as relações entre memória, destino e narrativa. Esta se inicia à moda épica, *in media res*, mas a estrutura da epopéia se quebra: além de o narrador contar a própria estória, dirige-se a um narratário. Por isso, o processo narrativo contém “incisos fáticos” e se compõe de acordo com um código retórico. De acordo com Propp, classifica-se o herói como deceptivo, a quem sucede a disjunção dos aliados. Diadorim é o Auxiliar, de quem o herói não escuta as mensagens, em “grau zero do discurso”, nem entende os “fragmentos do discurso amoroso”, na acepção de Barthes. O terceiro fragmento aponta a crise do discurso narrativo, que a autora tenta classificar, utilizando a nomenclatura de Percy Lubbock, como estilo dramático. Isso se deve à situação de diálogo entre o narrador (que chama de Focalizador 1), o narratário (Focalizador 2) e entre este e o leitor, o que mistura as situações de oralidade e de escrita. Instaura-se um jogo entre o aspecto entrecortado da narrativa e, ao mesmo tempo, sua fluência contínua. No último segmento, a autora analisa a crise da palavra, que leva ao neologismo ou ao arcaísmo, à recriação de palavras e ao aproveitamento da palavra do outro, teorizado por Bakhtine. Destaca ainda, citando Umberto Eco, a desordem dos nomes e da narrativa como um equivalente da realidade a que o romance remete: “É o próprio ‘mundo às avessas’ que exige, para sua focalização verdadeira, uma expressão à revelia das normas desejáveis e lógicas”. A linguagem de Rosa não assume um valor em si mesmo, como em outros textos, mas está a serviço da construção ficcional, do jogo verbal.

Eneida Maria de Souza inicia questionando a relação entre ficção e realidade, uma vez que a mediação entre ambas é feita pela linguagem. Se o discurso natural postula uma equivalência entre as palavras e as coisas, o discurso artístico evidencia que há um deslizamento constante. Caberia ao discurso do louco e da criança, assim como ao discurso humorístico, a ruptura da equivalência entre significante e significado e do senso comum. *Tutaméia* mistura arte e real, numa ação típica da carnavalização, tal como definida por Bakhtin. Este conceito acha-se presente nos prefácios de *Tutaméia*, assim como os conceitos de visão em superfície do humor, de não

coincidência de séries (significante e significado), do não-senso e de paradoxo, buscados em Gilles Deleuze. Assentadas as bases teóricas – deslizamento entre ficção e real, carnavalização, não-senso e paradoxo, possíveis através do humor –, passa-se à análise de “Zingaresca”, um dos contos de *Tutaméia*, com o emprego de categorias fornecidas por Costa Lima:

“Essa divisão foi fornecida por Luiz Costa Lima (Plano fabular e plano do sentido) ao analisar o *Buriti*, de Guimarães Rosa. Por plano fabular entende-se o que Tomachevski dizia ser o conjunto de acontecimentos ligados entre si e que são comunicados ao curso da obra. Estão incluídos, assim, neste plano, o material que forma o contexto do conto (personagens, fazenda, a recorrência de personagens nos vários contos, etc.). O plano do sentido liga-se ao estabelecimento dos invariantes do texto, os traços mínimos, que ao serem articulados dão o sentido. A elucidação do termo invariante é dado por Lévi-Strauss, quando, na análise dos mitos descobre formas invariantes no interior de conteúdos diferentes’.”<sup>53</sup>

A partir dessa teorização, passa-se à análise do conto, levantando primeiro o plano fabular, que corresponde às diversas situações do enredo, em que os personagens são agrupados em conjuntos e subconjuntos, estabelecendo as relações entre eles. Em seguida, o plano do sentido: “Neste plano serão estabelecidas as funções lógicas das personagens, e a diferença e semelhança entre estas funções.”

Lívia Ferreira Santos, na série “A desconstrução em *Tutaméia*”, inicia citando também o conceito de carnavalização como equivalente de desconstrução e ruptura, mas o emprega especialmente para descrever a modificação do clichê em Guimarães Rosa. A linguagem é o modo empregado para construir o mundo às avessas: “É assim que, estilizadas pelo organizador da ficção, as imagens desse universo carnavalesco (o da incultura, às vezes sábia) constituem figurações da desordem e da desconstrução do convencional.”<sup>54</sup> Apesar de as duas autoras partirem de uma fundamentação teórica comum, têm objetivos diferentes, o que

<sup>53</sup> SOUZA, 1974-II. p. 8.

<sup>54</sup> SANTOS, 1979-I. p. 8.

conduz as respectivas análises a conclusões também diferentes. No entanto, os três textos apresentados funcionam bem como exemplos de um tipo de análise estruturalista, em que se parte de conceitos teoricamente definidos, e em que se busca destacar invariantes comuns a vários textos ou à obra como um todo. Através da observação minuciosa, tenta-se extrair do texto uma estrutura, ou uma armadura, na nomenclatura de Claude Bremond, que representaria o resultado de um processo de depuração constituído pela análise. Se, por um lado, a proposta estruturalista representa um ganho em termos de atenção exclusiva ao texto e à sua linguagem, oferecendo ao analista e ao leitor uma metodologia precisa de análise – até onde isto é possível – por outro, constitui um engessamento, obrigando ao uso de conceitos e de teorias que nem sempre se amoldam ao texto em questão. O risco que se correu, incidindo-se muitas vezes em exageros e reduções simplistas, como foi apontado por Osman Lins,<sup>55</sup> compensou por propor uma nova maneira de proceder à leitura do texto literário. A partir da lingüística saussuriana, na medida mesma em que se tornavam estruturalistas, aproveitando as lições da Estilística, da Fenomenologia, do New Criticism, as leituras feitas pela crítica assumiram um caráter de interdisciplinaridade, dialogando com a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Filosofia, a História. Ao priorizar o texto e um certo modelo científico, responsável pelo status de ciência buscado, à época, pelas ciências humanas, o estruturalismo deixou de lado o sujeito, tanto como produtor do texto (autor), quanto como leitor (crítico). Eneida Maria de Souza, ao comentar a obra de Lévi-Strauss e sua importância para o Estruturalismo, aponta a alteração no paradigma crítico e metodológico que se processa:

“Se a abordagem estruturalista praticada na Antropologia – e em grande parte na crítica literária calcada nesse modelo – ignorava as particularidades enunciativas ao conferir importância mínima à recepção dos discursos, terminava por apagar a figura do sujeito no próprio ato de observação e de análise. (...)”

O redimensionamento da subjetividade na prática analítica de textos não significa que a história, o indivíduo e o sujeito

---

<sup>55</sup> LINS, 1977. p. 91-4.

estivessem ausentes das pesquisas estruturalistas (sem entrarmos no caso específico da Psicanálise). A rigor, esses elementos foram vetados e domesticados pelos próprios sujeitos que construíam esses modelos de leitura. A marca autoral no texto analítico funciona como uma das conquistas mais importantes do discurso crítico contemporâneo, entendendo-se que o sujeito volta à cena no discurso de forma ainda esvaziada e fraturada.<sup>56</sup>

## Mito e provérbio

Os modelos lingüístico, antropológico e psicanalítico, que se constituíram dentro de premissas estruturalistas e que acabaram por fundar e consolidar o modelo estruturalista de se trabalhar com os discursos, tiveram uma grande importância na recepção crítica da obra de Guimarães Rosa. A contribuição mais importante desse modelo se deu no sentido de levantar determinados aspectos que, sob um outro arcabouço teórico, poderiam passar despercebidos. Por exemplo, a preocupação da recepção crítica rosiana com as questões do mito e do provérbio como formas de desconstrução de uma visão estereotipada de mundo e de linguagem. Ou então, a presença de mitos arquetípicos na obra de Guimarães Rosa. Todas estas questões, ressalve-se, devidamente indicadas por Rosa em seus prefácios, em suas epígrafes e nas inúmeras referências, veladas ou ostensivas, em toda a sua obra.

É interessante observar que tanto o mito quanto o provérbio são considerados discursos cuja origem não é individual, mas coletiva. Philippe Boyer nos afirma:

“Se o romance deixa aparecer o sujeito do saber, tanto do lado da escrita como da leitura, leitor e escritor tendo embarcado na mesma galera, o mito, por sua vez, seria justamente, na sua escrita como na sua leitura, uma narrativa sem sujeito. (...) Portanto, é antes como lugar que seria preciso entender o mito, lugar onde teria vindo condensar-se um saber que, por ser sem sujeito, remeteria como que por curto-circuito, à verdade da qual ele se origina.”<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> SOUZA, 1995. p. 117.

<sup>57</sup> BOYER, 1977. p. 82-3.

A obra de Guimarães Rosa, em geral, representa uma apropriação dessas narrativas míticas que circulam entre nós, e de maneira especial, no sertão brasileiro. É também um aproveitamento sistemático e minucioso da oralidade através de que esses mitos circulam. Uma das formas orais de que se apropria é o provérbio. Segundo Costa Lima, há uma relação estreita entre a obra de Guimarães Rosa, o mito e provérbio que, segundo o crítico, são formas de narrativa comunitária. Ou seja, narrativas preservadas e difundidas por uma comunidade que, através delas, pensa as “questões básicas resultantes da vida em sociedade”. Com relação ao provérbio, Costa Lima faz uma afirmação que podemos estender ao mito: “Em Guimarães Rosa, à incidência do aforismo corresponde a frequência de sua violação”.<sup>58</sup>

Talvez a relação desses elementos, quais sejam: a teoria estruturalista e a alta incidência do mito e do provérbio na obra de Rosa e, de acordo com Costa Lima, sua violação, tenham conduzido a crítica à busca dos mitos e ao estudo dos provérbios, além das questões correlatas de sujeito, enunciação, oralidade, ideologia, discurso, transgressão, ruptura e outras. A crítica saída no *Suplemento* reflete essas orientações. Ana Maria de Almeida usa a metáfora da esfinge, “a face esfíngica do texto”, para caracterizar a construção fragmentária e estilizada de *Grande Sertão: Veredas*, composto por narrativas várias: mitos, provérbios, histórias. A esfinge é a imago da mãe terrível e a fragmentação do texto é o enigma que nos é posto, assim como no mito de Édipo. Consuelo Albergaria liga “A terceira margem do rio” à tragédia grega e, mais especificamente, aos mitos de Prometeu e Íon. Vicente Ataíde relaciona Mário de Andrade a Guimarães Rosa, assinalando o aproveitamento que ambos fizeram das narrativas orais e dos provérbios. Sérgio Bueno irá ressaltar a presença de ritos de iniciação e de passagem em Primeiras histórias e a existência de um “caosmos”, em *Grande Sertão: Veredas*, ou seja, uma instância intermediária entre caos e cosmos, que participam a construção do romance pelo seu narrador e a própria linguagem. Mesmo Antonio Candido, fazendo uma análise de base sociológica, faz menção ao simbolismo do sertão e do rio São Francisco, espécie de axis-mundi, ordenador do mundo, assim como às relações primordiais entre o homem

---

<sup>58</sup> COSTA LIMA, 1974. p. 56.

e a terra. David de Carvalho relaciona os provérbios da obra de Guimarães Rosa. Para Guilhermino César, Riobaldo é um filósofo que intercala suas reflexões com provérbios, como “moral da estória”, em termos metafísicos, baseada sua filosofia na de Plotino.

Nelly Novaes Coelho destaca a primordialidade do ato de contar em Rosa, que “procede do ‘homo ludens’, do aedo de todas as épocas, uma vez que a palavra lúdica identifica-se “com a palavra anônima e coletiva”.<sup>59</sup> Essa primordialidade narrativa é anterior ao pensamento lógico: ela é mágica. William Myron Davis ressalta a presença da mitologia masdeísta e hindu no nome e na caracterização certos personagens de *Grande Sertão: Veredas*. Ao analisar “A terceira margem do rio”, faz referência a Caronte, aos símbolos do barco e do círculo, que representam o caráter cíclico da vida e da morte. Utiliza o conceito de *coincidentia oppositorum*, usado por Jung para descrever a totalidade do Eu e o mistério da natureza dupla de Cristo, para interpretar a natureza dupla Diadorim. Além disso, a travessia no romance estaria ligada a uma viagem cosmológica aos começos do mundo e do homem, e também ao Yang e ao Ying, símbolos da duplicidade e do caráter cíclico do homem e do romance. Lélia Duarte considera os elementos primordiais – água, vento e terra (sertão) – como metáforas da ação dos personagens e da ação romanesca. O sertão é o espaço sagrado, onde ocorrerá a hierofania. A luta entre os bandos é o embate entre caos e cosmos. João Ferreira irá utilizar conceitos de Jung, os arquétipos, para caracterizar Diadorim, que se identificaria com a água, um dos símbolos do inconsciente. Diadorim é anima, é impulso vital, sabedoria, condutor e, por fim, imagem de mãe protetora. Heitor Martins vê, no conto “Cara-de-Bronze”, a presença do mito de Édipo e, nos vaqueiros, o coro trágico. Com relação a *Grande Sertão: Veredas*, destaca, tal como William M. Davis, o caráter circular do romance. Benedito Nunes vê em alguns personagens de *Primeiras estórias* a infância como metáfora da alma, portadora de um lado noturno e de um lado luminoso que, após um estado de caos, voltam a combinar-se num cosmos, harmonizando os contrários, os lados masculino e feminino da alma. Ao analisar o conto “Cara-de-Bronze”, indica o caráter mítico do tempo e do tema da viagem. Haveria aí, também, o mito da

---

<sup>59</sup> COELHO, 1971, p. 7.

Távola Redonda e a narrativa do Grivo seria semelhante ao texto dos primórdios, o Gênese. O Grivo é também a figura do “Menino mítico, um dos arquétipos do sagrado”. Para o crítico, há

“a irradiante universalidade dos elementos simbólicos – o Buri, o Boi, a Moça – que se cristalizam no mito em que o sentido do conto se totaliza: a perenidade e a unidade da vida, como síntese da abertura poética do mundo, consumada através da Viagem, e que o noivado ideal do Grivo representa.”<sup>60</sup>

Maria Luíza Ramos atenta para a presença do mito clássico em Guimarães Rosa, especialmente o mito de Electra. Dirce Cortes Riedel destaca a existência de um saber mítico e de uma reflexão aforismática que dão a “A Benfazeja” um caráter acrônico e, portanto, mítico. “A sabedoria dos aforismos, de que se serve o narrador onipresente, é genérica, poética, simbólica, acentuando a tendência, em G. R., para o relato mítico.”<sup>61</sup> Ivete Walty propõe-se estudar os aspectos mítico, psicanalítico e ideológico em quatro contos de *Tutaméia* e destaca, de início, o simbolismo do rio, do barco e do barqueiro. Noé e Caronte são dois dos mitos nomeados. Jânus representa a ambigüidade dos personagens e a água representa vida ou morte.

Como se pode ver, a recepção crítica de Guimarães acaba por confluir para determinados temas, ou mitos, comuns a várias análises. Assim, estão presentes mitos e ritos de passagem ou de iniciação, de origem, do tempo cíclico, que se liga ao do duplo ou do reflexo, da ambigüidade ou da dualidade dos personagens, o *coincidentia oppositorum*, o da água, como símbolo de nascimento, morte ou sexualidade. As tragédias e os mitos gregos também estão presentes: Édipo, Electra, Prometeu e Íon, assim como Platão e Plotino. Todos os mitos e ritos associam-se ao provérbio, em particular, e à questão da linguagem em geral. Assim como o mito, o provérbio é sempre relacionado a um saber comunal, que pertence a todos e não apenas ao autor que o veicula. Retomando o que dissemos acima, isso demonstra mais uma vez o uso que Guimarães Rosa faz da cultura popular, das narrativas orais, das crenças e mitos contemporâneos, que

---

<sup>60</sup> NUNES, 1974. p. 5.

<sup>61</sup> RIEDEL, 1974. p. 6.

nos envolvem a todos, e que remetem a mitos e crenças antiqüíssimos. Cabe ressaltar a extraordinária cultura desse autor que trouxe tudo isso para dentro de sua literatura.

Os textos saídos no *Suplemento* reproduzem com fidelidade a recepção crítica, mais ampla, de Guimarães Rosa. Representam, é verdade, uma parcela da crítica, que sempre foi favorável ao autor. Nem tão empática foi a recepção de sua obra nos primeiros momentos, como registra Gutemberg da Mota e Silva, em seu artigo “*Grande Sertão: Veredas*, 25 anos”, de 8 de outubro de 1983. Ali o crítico indica as duas vertentes da crítica: os que atacaram violentamente o romance – Agripino Grieco, Marques Rebelo, Ferreira Gullar, Ascendino Leite, Adonias Filho; e os que o aplaudiram sem ressalvas: Drummond, Antonio Cândido, Cavalcanti Proença, Sérgio Milliet, Paulo Rónai, Affonso Ávila, Afonso Arinos, Adolfo Casais Monteiro, Henriqueta Lisboa e outros. Apesar de não publicar a crítica negativa, o *Suplemento* caracterizou-se por registrar, ao longo de trinta anos, as várias tendências da crítica que fez uma leitura positiva de Guimarães Rosa. Não tendenciosa, mas uma leitura que foi se deslumbrando com a profundidade e a riqueza da obra rosiana. O *Suplemento* publicou tudo: do mais ingênuo ao mais sofisticado, do mais simples ao mais aparelhado teoricamente, tudo foi guardado e ganhou importância por refletir as formas de se pensar da crítica e os modos que utilizou para pensar o texto literário. Deixou inscrito, também, o hipertexto que se foi construindo entre a bibliografia crítica e os textos de Rosa, as referências mútuas, as retomadas, as repetições, as citações diretas ou indiretas.

Ficou registrado no *Suplemento* que os timoneiros, sócios do autor, investiram por muitas e variadas veredas, inimagináveis nos idos de 46, com *Sagarana*, e depois, em 56, com *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*. E continuam a fazê-lo, uma vez que a obra rosiana ainda não está esgotada. Cada texto crítico funciona como o interpretante que acrescenta uma nova significação ao texto literário e aos textos críticos anteriores, tecendo a rede de significantes e significados. Muito do que se leu deveu-se à atenção lúcida, ao aparelhamento teórico, ao trabalho arqueológico de busca de fragmentos, ao garimpo constante nas grupiaras dos sertões de Rosa. Muito do que se encontrou deveu-se às rotas fornecidas, às indicações incluídas nas entrevistas, às revela-

ções das cartas aos tradutores, às sugestões de temas, à discreta sinalização das epígrafes, à iconização das capas, orelhas e índices. Sem elas talvez este tecido não se fizesse e houvesse apenas fios soltos. E a cada linha que se soma às anteriores, cresce o tecido dos sentidos e o texto de Guimarães Rosa se faz como uma obra a muitas mãos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Euclides Marques. Como Guimarães Rosa criou Mechêu. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 8 jul. 1978. Suplemento Literário.
2. ARAÚJO, Laís Correa de. *Tutaméia, só?* **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 set. 1967. Suplemento Literário.
3. APRESENTAÇÃO. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 03 set. 1966. Suplemento Literário, p. 1.
4. BALTAR, Alda. Analyse des lettres échangées entre Guimarães Rosa et son traducteur sur la traduction française de *Grande Sertão: Veredas* (Diadorim). **Elos: "O Francês no Brasil"**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 63, 1979.
5. BARBOSA, Alaor. Guimarães Rosa, um escritor-repórter. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1 jul. 1978. Suplemento Literário.
6. BARBOSA, D. Marcos. Guimarães Rosa, um religioso. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1967.
7. BARDÈCHE, Marie-Laure. Répétition, récit, modernité. Paris, **Poétique**, n. 111, p. 264, 265, sept. 1997.
8. BIZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano** 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1980.
9. BOYER, Philippe. O mito no texto. In: LÉVI-STRAUSS, Claude et al. **Atualidade do mito**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
10. CAMPOS, Augusto de. Um lance de "Dês" do Grande Sertão. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1983. p. 348-9. (Coleção Fortuna Crítica, v. 6)
11. CÉSAR, Guilhermino. No mundo moral de Riobaldo – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 jun. 1975. Suplemento Literário.

12. CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. **O discurso da mídia**. Rio: Oficina do Autor, 1996.
13. COELHO, Nely Novaes. Guimarães Rosa e o Homo Ludens. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 abr. 1974. Suplemento Literário.
14. COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
15. COSTA, Ana Luíza Martins. As cadernetas do viajante João Rosa. **Suplemento**, Belo Horizonte, nov. 1996. p. 9-11.
16. COSTA LIMA, Luiz. Mito e provérbio em Guimarães Rosa. In: \_\_\_\_\_. **A metamorfose do silêncio**. Rio: Eldorado, 1974.
17. COUTINHO, Afrânio. A crítica modernista. In: \_\_\_\_\_. **A literatura no Brasil**. 2.ed. Rio: Editorial Sul Americana, 1970. v. 5.
18. DALLEMBACH, Lucien. **Le récit spéculaire; essai sur la mise en abîme**. Paris: Éditions du Seuil, [s.d.].
19. ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
20. FAUSTO NETO, Antônio. Estruturalismo e comunicação. In: MARI, Hugo et al. **Estruturalismo, memória e repercussões**. Belo Horizonte: UFMG, Rio: Diadorim, 1995.
21. FRANÇA, Júnia Lessa et al. **Minas Gerais: Suplemento Literário**. Belo Horizonte: Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG, 1999. 1 CD-ROM.
22. GREIMAS, A.J., COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, [s.d.].
23. ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kreschmer. São Paulo: Ed. 34. 1996. v. 1.
24. JOSEF, Bella. O espaço da paródia. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio, n. 62, p. 57, jul-set. 1980.
25. KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia H.F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 41; 98.
26. LIMA, Rachel Esteves. As veredas trilhadas pelos leitores de Rosa. In: DUARTE, Lélia Parreira et al. **Veredas de Rosa**. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000.

27. LINS, Osman. Informação sobre os seminários. In: \_\_\_\_\_. **Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros**. São Paulo: Summus, 1977.
28. LORENZ, GÜNTER. Diálogo com Guimarães Rosa. In: Coutinho, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio: Civilização Brasileira, 1983.
29. LUCAS, Fábio. A volta de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 set. 1985. Suplemento Literário.
30. MARQUES, Oswaldino. Canto e plumagem das palavras. In: \_\_\_\_\_. **A seta e o alvo**. Rio: MEC – INL, 1957.
31. MARTINS, HEITOR. No Urubùquaquá, em Colônia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário.
32. MARTINS, Wilson. A crítica modernista. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2.ed. Rio: Editorial Sul Americana, 1970. v. 5.
33. MINAS GERAIS. Belo Horizonte, 1966. Suplemento Literário, nº 1.
34. MEYER-CLASON, Curt. Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário.
35. NUNES, Benedito. Guimarães Rosa em novembro. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário.
36. NUNES, Benedito. A viagem do Grivo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário.
37. OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de. Guimarães Rosa: a formação da nacionalidade. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. **Revisitações**. UFMG/FALE, 1999.
38. OLIVEIRA, Luiz Cláudio Vieira de. **O percurso dos sentidos**. 231 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1991.
39. OLIVEIRA, Luiz Cláudio Vieira de. Esoterismo e a recepção crítica de Guimarães Rosa. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2001.
40. OPINIÕES sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário.
41. PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

42. PERRONE-MOISÉS, Leyla. A intertextualidade crítica. In: JENNY, Laurent. **Intertextualidades**. Coimbra: Almeidina, 1979.
43. PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: obra poética**. 3.ed. Rio: Nova Aguilar, 1994.
44. RIEDEL, Dirce Cortes. As meias-verdades em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 set. 1974. Suplemento Literário.
45. RÓNAI, Paulo. Rondando os segredos de G.Rosa. In: \_\_\_\_\_. **Encontros com o Brasil**. Rio: MEC – INL, 1958.
46. ROSA, João Guimarães. **Terceiras estórias: tutaméia**. 3. ed. Rio: José Olympio, 1969.
47. ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 7. ed. Rio: José Olympio, 1970.
48. ROSA, João Guimarães. Duas cartas de Guimarães Rosa. São Paulo: Cavalo Azul, n. 3, [1968]. In: MARTINS, Heitor. Nonada. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 set. 1976. Suplemento Literário.
49. SANTOS, Livia Ferreira. A desconstrução em Tutaméia – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 abr. 1979. Suplemento Literário.
50. SILVA, Gutemberg da Mota e. Os vários autores de um conto de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 8 out. 1983. Suplemento Literário.
51. SOUZA, Eneida Maria de. Ficção, realidade e humor em Tutaméia – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 ago. 1974. Suplemento Literário, p. 8-9.
52. SOUZA, Eneida Maria de. As repercussões do estruturalismo nas ciências humanas. In: MARI, Hugo et al. **Estruturalismo, memória e repercussões**. Belo Horizonte: UFMG, Rio: Diadorim, 1995.
53. STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: COSTA LIMA, Luiz. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio: Paz e Terra, 1979. (Seleção, Tradução e Introdução de Luiz Costa Lima).
54. EDITORIAL. **Minas Gerais**. Belo Horizonte, n. 1, 1966. Suplemento Literário.
55. ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Trad. de Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## BIBLIOGRAFIA ROSIANA

### SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS

A. Ruben. Conto o conto de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 4

Reescritura do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de *Sagarana*.

A. Ruben. Conto o conto de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 maio 1971. Suplemento Literário, p.5.

Idem.

AFONSO, Wilson. Carta inédita de Guimarães Rosa a Waldemar Reis. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 jun. 1976. Suplemento Literário, p. 12.

GR,<sup>62</sup> em carta, agradece artigo de Waldemar Reis e relembra os tempos em que foram contemporâneos nas escolas de Belo Horizonte.

ALBERGARIA, Consuelo. O sentido do trágico em “A terceira margem do rio”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 7 ago. 1971. Suplemento Literário, p. 2, 3.

Análise de “A terceira margem do rio” a partir dos conceitos de história e discurso, de E. Benveniste, e do conceito de enunciação, de T. Todorov; aproximação entre o conto e a tragédia grega pela caracterização dos personagens, por suas ações, a unidade espacial e o destino trágico; emprego do conceito de motivo, de Maria Luíza Ramos, que, para a autora da análise, é a inação, a fixidez.

ALMEIDA, Ana Maria de. O tema da mãe terrível em João Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 10 nov. 1984. Suplemento Literário, p. 6, 7.

---

<sup>62</sup> As referências a Guimarães Rosa, a partir daqui, serão feitas de forma abreviada.

A ficção rosiana é um processo de dissolução e fragmentação e de unificação e totalização. O texto apresenta-se como esfinge, assumindo as características da mãe terrível, abolindo toda certeza e toda segurança. A esfinge propõe um enigma (o texto) em que os dados estão distorcidos ou deslocados. A presença do trágico se dá de forma manifesta (o inesperado) ou latente (a articulação das evidências). O tema da esfinge leva à sua análise como espectro da mãe devoradora e castradora. Os episódios de Maria Mutema e Joana Xaviel refletem o mito do feminismo cruel. A poética do fragmentário, em cujos interstícios se decifrará o enigma, leva ao uso de provérbios, romances populares, narrativas exemplares, anedotas de abstração, tutaméias. A presença da alquimia na obra rosiana.

ALMEIDA, Ana Maria de. Nós, Perdizes. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 21 maio 1977. Suplemento Literário, p. 6.

O descentramento do foco narrativo, em textos de Afonso Arinos, que é transferido para aves ou animais de *Pelo sertão*. Faz-se referência ao mesmo processo em GR, que o teria aprendido com aquele autor.

ALTAMIRANO, Ronaldo. João Guimarães Rosa e José Lezama. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 jun. 1979. Suplemento Literário, p. 4.

Comparação genérica entre a obra do escritor cubano José Lezama e a de GR.

ALVARENGA, Otávio Melo. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

A edição de 25 de novembro de 1967 foi organizada por Afonso Ávila e, sob o título "Opiniões...", arrola comentários breves sobre GR e sua obra. São publicados fragmentos dos seguintes autores e críticos: José Lins do Rego, Cruz Cordeiro, Valdemar Cavalcanti, Afrânio Coutinho, Wilson Martins, Afonso Arinos de Melo Franco, Sérgio Milliet, Temístocles Linhares, Wilson Louzada, Olívio Montenegro, Osmar Pimentel, Paulo Ronai, Otávio Melo Alvarenga, Euryalo Canabrava, Gilberto Amado, Adolfo Casais Monteiro, Giuseppe Ungaretti. Não se esclarece a fonte dos fragmentos publicados: se extraídos

de artigos de livro, jornal ou entrevista ou se escritos especialmente para esta edição do Suplemento. Todas as referências aos autores relacionados que se fizerem a seguir remeterão para esta Nota.

AMADO, Gilberto. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

ANDRADE, Carlos Drummond. Rosa Cordisburgo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 3.

Crítica à mudança de nome da cidade natal do escritor mineiro, de Cordisburgo para Guimarães Rosa, para homenageá-lo.

ANDRADE, Euclides Marques. Como Guimarães Rosa criou Mechêu. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 8 jul. 1978. Suplemento Literário, p. 10.

Reproduz trechos de artigo de Gutemberg Mota e Silva, publicado no *Jornal do Brasil*, que transcreve questionário enviado por GR a Pedro Moreira Barbosa, seu amigo, para coletar dados sobre Mechêu, antigo empregado deste. A reprodução destina-se a comprovar que o real está na base da ficção.

ANDRADE, Walter. O dar das pedras brilhantes ou a ópera do garimpo e dos diamantes. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 set. 1984. Suplemento Literário, p. 6-7.

Análise do conto “O dar das pedras brilhantes”, publicado em *Estas estórias*.

ANDRADE, Vera Lúcia. Conceituação de jagunço e jagunçagem em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 maio 1977. Suplemento Literário, p. 6-7.

O jagunço como um ser duplo e ambíguo. Ambivalência entre o ‘ser jagunço’ e ‘não ser jagunço’, observada em personagens como Seo Ornelas, Zé Bebelo, Ricardão, Medeiro Vaz e o próprio Riobaldo. O modo de ser do jagunço como ser provisório. A ética jagunça e o poder.

ARAÚJO, Laís Correa de. *Tutaméia*, só? **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 set. 1967. Suplemento Literário, p. 7.

Resenha de *Tutaméia*, em que se comenta o título, sua etimologia e em que se agrupam os contos por temas: o mundo do amor, o mundo do bem e do mal, o mundo telúrico e afetivo, o mundo dramático e assombrado.

ARQUIVO: o poeta da pRosa. Suplemento, Belo Horizonte, n. 15, p. 12-13, jul 96.

Notícia de aniversário de publicação de *Sagarana* (50 anos) e de *Grande Sertão: Veredas* (40 anos), com informação sobre a edição especial de 1974, feita por Rui Mourão. Acompanha trecho inicial de *Grande Sertão: Veredas*.

ATAÍDE, Vicente. *Macunaíma* e *Sagarana*: ruptura e tradição. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 dez. 1973. Suplemento Literário, p. 4-5.

Manutenção e ruptura da tradição em *Macunaíma* e *Sagarana*. A renovação temática, estilística e técnica em *Macunaíma*. O caráter nacionalista do romance. O aproveitamento do folclore. Renovação da estrutura narrativa, com duplicação da figura do narrador (o papagaio versus o autor) e atribuição de valor mítico ao espaço e ao tempo. *Sagarana* representa a concretização das inovações de Mário de Andrade, a partir dos elementos míticos e folclóricos, tendo superado o regionalismo sem deixar de ser regionalista e criado uma obra autenticamente brasileira.

ATAÍDE, Vicente. *Macunaíma* e *Sagarana*: ruptura e tradição. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 29 dez. 1973. Suplemento Literário, 6-7.

Confira nota supra.

AVELAR, Idelber Vasconcelos. Porque vivemos numa época barroca. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 set. 1989. Suplemento Literário, p. 12-13.

Predominância do ideário barroco no séc. XX, cujo exemplo mais significativo é a tensão temática que se revela na construção formal do texto rosiano e na fragmentação narrativa de *Grande Sertão: Veredas*.

ÁVILA, Afonso. Guimarães Rosa: sua hora e vez. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 1.

A situação de GR dentro da literatura brasileira, sua importância e estatura em relação à literatura mundial e sua capacidade de inventar Minas e o sertão.

ÁVILA, Afonso. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

A edição de 25 de novembro de 1967 foi organizada por Afonso Ávila e, sob o título “A nova crítica...”, arrola comentários breves sobre GR e sua obra. São publicados fragmentos dos seguintes autores e críticos: Rui Mourão, Augusto de Campos, Roberto Schwarz, Fábio Lucas, Bernardo Gersen, Eduardo Portela, Afonso Ávila, Franklin de Oliveira, Joel Pontes, Pedro Xisto, Oswaldino Marques, Dantes Moreira Leite. Não se esclarece a fonte dos fragmentos publicados: se extraídos de artigos de livro, jornal ou entrevista ou se escritos especialmente para esta edição do Suplemento. Todas as referências aos autores relacionados que se fizerem a seguir remetem para esta Nota.

AYALA, Walmir. Lembrando as primeiras estórias. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 29 mar. 1969. Suplemento Literário, p. 7.

A criatividade e originalidade de GR, sua capacidade de criar poesia e de comunicar, liricamente, as coisas simples.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. O discurso da ficção em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 7 set. 1985. Suplemento Literário, p. 4.

Os tipos de crítica feitos sobre a obra de Guimarães Rosa: impressionista, formalista, estilística, estrutural. A perda da referencialidade da obra, de *Sagarana* a *Tutaméia*, com aumento da produtividade textual. O conceito de real; o aspecto documentário do romance de 30 não aparecem na obra rosiana, que apresenta um real libertado. Preferência da crítica pela análise lingüística de Guimarães Rosa e não pela análise literária de sua literariedade. A narrativa de GR é narrativa de estrutura complexa, construindo seu texto

como produtividade. A renovação lingüística de sua obra se coloca em função da construção ficcional.

BARBOSA, Alaor. Pensamentos de Riobaldo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 mar. 1977. Suplemento Literário, p. 10.

Fragments extraídos de *Grande Sertão: Veredas*, contendo “pensamentos” de Riobaldo.

BARBOSA, Alaor. Pensamentos de Riobaldo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 mar. 1977. Suplemento Literário, p. 10.

Idem.

BARBOSA, Alaor. Pensamentos de Riobaldo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 abr. 1977. Suplemento Literário, p. 6.

Idem.

BARBOSA, Alaor. Guimarães Rosa, um escritor-repórter. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1º jul. 1978. Suplemento Literário, p. 4..

O hábito de GR de fazer anotações, refletido em seus textos, como em “Duelo” e “Corpo fechado”, de *Sagarana*, e *Grande Sertão: Veredas*. Indistinção entre autor, narrador e personagens.

BARBOSA, Alaor. Notas sobre o *Grande Sertão: Veredas* (I). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 ago. 1978. Suplemento Literário, p. 6-7.

A linguagem rosiana, síntese da linguagem popular e da erudita. O universo social de *Grande Sertão: Veredas*. A cronologia da narrativa de Riobaldo e de seu tempo como jagunço: os marcos temporais. O caráter “ativo” do interlocutor de Riobaldo; a inquietação religiosa; a sonegação e a revelação do sexo de Diadorim; a ligação amorosa ente Riobaldo e Diadorim; a inocuidade do pacto demoníaco em vista da descoberta, por Riobaldo, da força para assumir a chefia; a necessidade de Deus para dar sentido à vida do homem; relação de palavras não dicionarizadas de *Grande Sertão: Veredas*: arcaísmos, neologismos, construções sintáticas não-gramaticalizadas.

BARBOSA, Alaor. Notas sobre o *Grande Sertão: Veredas* (II). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 set. 1978. Suplemento Literário, p. 6-7.

Idem.

BARBOSA, Alaor. Notas sobre o *Grande Sertão: Veredas* (III). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 set. 1978. Suplemento Literário, p. 8, 9, 10.

Idem.

BARBOSA, D. Marcos. Novembro de 1967. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 01 fev. 1969. Suplemento Literário, p. 2.

A religiosidade de GR; a recepção de sua obra pela crítica e a convivência do escritor com a crítica; a referência à morte em seu discurso de posse na Academia; a morte de GR.

BEDATE, Pilar Gomes. Notas sobre as versões e traduções de “*Grande Sertão: Veredas*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 10-11.

Comparação das traduções de *Grande Sertão: Veredas* feitas para o inglês, o francês e o espanhol a partir de um fragmento comum, extraído das edições nestas línguas. Valorização da tradução espanhola pela fidelidade à transgressão deliberada e à vitalidade conseguidas por GR no original em português.

BIOGRAFIA de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento literário, p. 2.

Afonso Ávila é o autor desta biografia e foi o organizador deste número do Suplemento, em homenagem a Guimarães Rosa.

BRAGA, Carlos dos Reis Baeta. Formação da palavra em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 nov. 1980. Suplemento Literário, p. 10-11.

Processos de formação de palavras (prefixação e sufixação) presentes em GR.

BUENO, Antônio Sérgio. *Primeiras estórias*, de J. Guimarães Rosa e os domínios do demasiado. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 13 nov. 1982. Suplemento Literário, p. 4-5.

Presença, em *Primeiras estórias*, de alguns temas recorrentes: a infinitude e o arrebatamento, traduzidos pela hipérbole; a retórica da cor e a sedução do texto; a loucura; a infância, o teatro, os ritos de passagem e de iniciação. A importância do título, ligado à idéia de primordialidade, e dos símbolos da capa e orelhas, revelando o espelhismo entre os contos, tomando-se “O espelho” como ponto central.

BUENO, Antônio Sérgio. A narrativa como caosmos; o medo e o amor em “*Grande Sertão: Veredas*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 fev. 1976. Suplemento Literário, p. 6-7.

O conceito de caosmos como instância intermediária entre caos e cosmos, como a travessia e a tentativa de Riobaldo de comandar sua vida. A linguagem, sempre nova, participa dessa instância de caosmos. O amor de Riobaldo por Diadorim é o que lhe causa medo. A narrativa não é um objeto substitutivo (de Diadorim, do amor) porque é nela que tudo se faz, inclusive Riobaldo. O amor de Riobaldo é uma pulsão (interdita) que a narrativa (re)presenta.

CABRAL, Regina Célia Pereira. O tempo da narrativa em *Dão-Lalalão*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 jul. 1977. Suplemento Literário, p. 6-7.

A relação tempo-espaço na narrativa contemporânea. A organização do tempo psicológico através da superposição das “durées” individuais. O uso do discurso indireto livre na mistura temporal do narrador e do protagonista. As associações livres como elementos desencadeadores da memória.

CAMPOS, Augusto de. Um lance de “DES” do Grande Sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 mar. 1974. Suplemento Literário, p.4-7.

A partir da relação entre Joyce e Mallarmé, postula-se a proximidade da obra rosiana com a obra de Joyce pela experimentação lingüística, pela atemporalidade narrativa, pela circularidade do romance, pela tematização musical feita a partir a repetição e a variação sonora.

Em *Grande Sertão: Veredas* os motivos musicais se farão desde as frases “O diabo na rua, no meio do redemoinho”, “Viver é muito perigoso” ou as palavras “nonada”, “sertão”, “travessia”, “Diadorim”, associado ao fonema ‘D’, à rima em -im, ao timbre temático representado pela letra ‘n’.

CAMPOS, Augusto de. A nova crítica e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. Ávila, Affonso.

CAMPOS, Haroldo de. A linguagem do Iauaretê. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 7. (Extraído de *Metalinguagem* e condensado)

GR, ao colocar em primeiro plano a questão da linguagem, coloca-se na linha de James Joyce e Mallarmé. Em “Meu tio o Iauaretê, é a palavra o elemento mais importante. Aproveitamento da língua tupi entremeada à língua portuguesa.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Os exorbitantes. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 jan. 1986. Suplemento Literário, p. 2-3.

A partir do conceito de exorbitante (elemento duplo, híbrido, resultado de uma transgressão) faz-se a análise do discurso de Riobaldo como o que possibilita a leitura da exorbitância e, ao mesmo tempo, a lê. Nesse sentido, seu discurso é uma psicanálise simulada, de que participam o leitor e o interlocutor. São exorbitantes o bezerro erroso, Diadorim, o leproso e o próprio Riobaldo. Este deseja Diadorim, mas recalca este desejo. A morte do bezerro, como tentativa de exterminar os próprios fantasmas, corresponde à morte de Diadorim, pela qual Riobaldo é responsabilizado e que deverá acabar com sua figuração fantasmática: o desejo por Diadorim.

CAMPOS, Paulo Mendes. Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 ago. 1971. Suplemento Literário, p. 4.

Referência ao enorme volume de informações humanas captadas por GR e à admiração que o cronista e poeta sentia pelo autor de *Grande Sertão: Veredas*.

CANABRAVA, Euryalo. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

CANDIDO, Antonio. O sertão e o mundo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4. (Fragmento extraído de “O sertão e o mundo”, publicado na revista *Diálogo*, de 1957, republicado com o nome de “O homem dos avessos”, em *Tese e antítese*).

A grandeza de *Grande Sertão: Veredas* está no aproveitamento e na superação da realidade física, regional, inventando um novo mundo e um novo homem. Consideração de três elementos estruturais: o homem, a terra, a luta, tratados dialeticamente. A transformação simbólica do mal e dos lugares, sua mudança de nome. A importância do rio São Francisco, acidente geográfico e divisor simbólico do sertão. Comparação do jagunço ao cavaleiro andante, e do romance às lendas e romances e cavalaria. A ambigüidade da geografia, dos tipos sociais, afetiva e metafísica. As relações primordiais entre o homem e a terra. O pacto demoníaco como condição para a discussão do Bem e do Mal. A memória e a construção da sabedoria pela narração.

CANDIDO, Antonio. O sertão e o mundo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 4, 6.

Idem.

CARVALHO, David de. O fora e o dentro das coisas em Guimarães Rosa (ou o objetivo e o subjetivo em “Sarapalha”). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1975. Suplemento Literário, p. 6-7.

Situação histórica e geográfica do conto “Sarapalha” e análise do conto.

CARVALHO, David de. Sabedoria popular: os provérbios. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 27 mar. 1976. Suplemento Literário, p. 6-7.

Considerações sobre a importância dos provérbios e sua relação com a cultura popular.

CARVALHO, David de. Compadre meu, Quelemém. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 set. 1976. Suplemento Literário, p. 4.

Etimologia do nome do personagem Quelemém de Góis e indicação de sua origem no curandeiro Manuel Carvalho, também espírita.

CARVALHO, David de. William Myron Davis vasculha o *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 27 nov. 1976. Suplemento Literário, p. 10.

Transcrição de trechos de cartas de W. M. Davis, autor do livro *Influência indo-iraniana no Grande Sertão: Veredas*, traduzido por Antonio Alves Guimarães, contendo especulações sobre a etimologia japonesa, persa, hindu, sânscrita e árabe de palavras e nomes de personagens do romance.

CARVALHO, David de. Mitologia indo-iraniana em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 mar. 1979. Suplemento Literário, p. 7.

O livro *Mitologia indo-iraniana em Grande Sertão: Veredas*, de William Myron Davis, pelo Prof. Antonio Alves Guimarães, de Itaúna – MG, faz referências ao conhecimento lingüístico, religioso e filosófico de GR e à presença da mitologia masdeísta e hindu no nome de personagens.

CARVALHO, David de. Presença de Itaúna na obra de Guimarães Rosa – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 out. 1982. Suplemento Literário, p. 6, 7.

Identificação de pessoas conhecidas por GR – tornadas personagens em *Sagarana* – e de locais aproveitados como cenários, a partir da consideração da configuração do município de Itaúna em 1931. Referências às atividades médicas, ao contato com ciganos, à superstição de GR, a episódios aproveitados em contos de *Sagarana*. Repro-

dução de carta e fragmentos de carta, enviadas por GR ao Dr. A.A. de Lima Coutinho. Reprodução de carta, nas Notas do artigo do dia 23/10/82, de Cristóvão Colombo Rocha, que contradiz algumas informações acerca de cenários e personagens veiculadas no artigo anterior, de 16 de outubro.

CARVALHO, David de. Presença de Itaúna na obra de Guimarães Rosa – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 out. 1982. Suplemento Literário, p. 8, 9.

Idem.

CASTRO, Jorge de Melo. João por dentro – o bem-assombrado. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 dez. 1970. Suplemento Literário, p. 8, 9.

O caráter místico da cosmovisão do autor. Definição de misticismo através de Bergson e de Maritain, como uma totalidade inexplicável.

CAVALCANTI, Valdemar. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

CÉSAR, Guilhermino. No mundo moral de Riobaldo – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 21 jun. 1975. Suplemento Literário, .

O caráter filosófico do discurso de Riobaldo é tão artificial quanto a identidade indígena dos heróis de Alencar. Este aspecto filosófico leva à criação de aforismo, muito próximos aos da tradição popular portuguesa. Processos de construção textual com o uso de provérbios, semelhantes aos usados por Vieira em sua parenética. Influência marcante de Plotino, presente nas epígrafes de *Corpo de Baile*, sobre a obra de GR, especialmente ao identificar o vazio do homem ao do sertão, que é o “divino em si ascendendo ao Divino no Universo” plotiniano.

CÉSAR, Guilhermino. No mundo moral de Riobaldo – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 jun. 1975. Suplemento Literário, p. 4.

Idem.

CHQUILOFF, Miguel Theodorovitch. Guimarães Rosa, estudante de russo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 abr. 1968. Suplemento Literário, p. 8.

O interesse de GR pela língua russa e suas primeiras experiências literárias, cujo assunto era exótico e extravagante: a vida de camponeses russos, ucranianos e chineses. Transcrição de carta de GR ao autor do artigo, em que pede o empréstimo de um livro.

COELHO, Nely Novaes. Universo e vocabulário de Grande Sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 fev. 1971. Suplemento Literário, p. 7.

Resenha do livro de mesmo título de Ney Leandro de Castro, realçando o levantamento de arcaísmos, estrangeirismos, indianismos, neologismos e regionalismos, além dos processos criativos da linguagem rosiana. Destaca o rigor empregado e a preocupação com a exatidão e a quantidade de fontes consultadas.

COELHO, Nely Novaes. Guimarães Rosa e o Homo Ludens. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 6, 7.

O narrador rosiano e o ato de contar: a semelhança do narrador e da narrativa rosianos com as narrativas e os narradores de todas as épocas. A importância da palavra como instituidora da realidade, o caráter lúdico da narrativa, a estrutura aberta e auto-reflexiva de *Grande Sertão: Veredas*.

CORDEIRO, Cruz. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2,

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

COSTA, Ana Luíza Martins. As cadernetas do viajante João Rosa. **Suplemento**, Belo Horizonte, nov. 1996. p. 9-11.

O processo de documentação de GR, com olhos de etnógrafo, poeta e viajante, com o emprego de cadernetas hoje pertencentes ao Arquivo Guimarães Rosa, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP, com o registro das viagens de 1952.

COUTINHO, Afrânio. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

DANIEL, Mary Lou Esses Guimarães e a sua bicharada. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 nov. 1981. Suplemento Literário, p. 4.

Comparação entre a obra de João Alphonsus e a de GR quanto à presença constante de animais. Enquanto na obra de João Alphonsus a cosmovisão é pessimista – os animais dependem dos homens, a quem está restrito o poder de vida e de morte –, na obra de GR cabe aos bichos desempenhar papel decisivo na vida do homem, seno agentes da justiça e misericórdia divina, numa cosmovisão otimista e confiante.

DAVIS, William Myron. Mistério e loucura n' A terceira margem do rio "Minas Gerais, Belo Horizonte, 4 jan. 1969. Suplemento Literário, p. 9.

Os sintomas psicopatológicos apresentados pelo pai e pelo filho, protagonistas do conto. Os mitos e símbolos (barco, eterno retorno, Caronte, infinito) presentes no conto e em sua perigrafia.

DAVIS, William Myron. Meditações sobre esoterismo em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 mar. 1969. Suplemento Literário, p. 5.

O aspecto mítico e filosófico de *Grande Sertão: Veredas*. A personagem Diadorim, cuja análise se faz a partir dos conceitos de *coincidentia oppositorum*, de sombra e anima, de Jung. A morte de Diadorim representa o momento eterno de iluminação, ao mesmo tempo dentro e fora do tempo. A travessia de Riobaldo seria a tentativa de realizar a *coincidentia oppositorum*, presente também na viagem cosmológica às fontes do Urucuia. O elemento metafísico em GSV caracteriza-se por esta volta às origens, tanto cosmológicas quanto ontológicas, e pelo caráter circular da narrativa.

DAVIS, William Myron. Universo e vocabulário. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 out. 1975. Suplemento Literário, p. 5.

Resenha do livro *Universo e vocabulário de Grande Sertão: Verdades*, de Nei Leandro de Castro.

DESCOBERTA de Rosa, A. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 68. Suplemento Literário, p. 4.

Notícia anedótica da primeira edição de Sagarana, feita pela Editora Universal, do jornalista Caio Pinheiro. Segundo a nota, a Editora faliu devido aos encargos financeiros trazidos pelo sucesso do livro.

DIAS, Fernando Correa. Falam os doutores de 30: João Alphonsus e Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 abr. 1967. Suplemento Literário, p. 5.

Os discursos de formatura em Direito e em Medicina, em 1930, proferidos respectivamente por João Alphonsus e por GR. O aspecto anti-acadêmico e anti-retórico do texto de João Alphonsus, ao lado do maior academicismo do texto rosiano. A erudição, o conhecimento lingüístico e literário, a cultura clássica presentes no discurso de GR, além da referência à cavalaria medieval, esta última antecipando tendências de sua obra.

DIAS, Fernando Correa. Geografia do Grande Sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 6. (Fragmento extraído de DIAS, Fernando Correa. Aspectos sociológicos de *Grande Sertão: Verdades*. In: LISBOA, Henriqueta et alii. **Ciclo de Conferências sobre Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: UFMG, 1966, p. 77-100.)

Emprego da Sociologia, como disciplina auxiliar, na análise da obra de GR. O espaço do sertão: as regiões de pastoreio, os Estados de Minas Gerais, Goiás e Bahia.

DIAS, Fernando Correa. Sociologia da literatura: uma experiência didática. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 jan. 1969. Suplemento Literário, p.

Descrição de pesquisa feita por alunos da disciplina Sociologia da Literatura, ministrada pelo autor, sobre o conteúdo social do conto "A volta do marido pródigo", de *Sagarana*. A pesquisa, além de identificar local e época do conto, examinou e interpretou outros elemen-

tos do conteúdo social, como a tendência “urbana” do protagonista, introdução de novas pautas culturais na região, estereótipos relativos aos estrangeiros, o coronelismo, a sociedade tradicional. Transcrição de carta de GR a um dos alunos, Olinto José de Oliveira Neto, esclarecendo sobre local, época, personagens, situação e enredo.

**DUARTE, Lélia Parreira.** Elementos da natureza em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 24 abr. 1976. Suplemento Literário, p 4-5.

Os elementos da natureza – água, vento e sertão – são míticos e significativos da tensão da personagem. A alternância entre águas tranquilas – o amor por Otacília – e águas agitadas – o amor por Diadorim – corresponde às alternâncias do espírito de Riobaldo. O vento é animizado e revela também o pensamento de Riobaldo, imprevisível, tenso e revelando sua duplicidade. Riobaldo é visto como personagem tensão, sempre buscando um apoio, um mentor, um modelo, para encontrar seu caminho na travessia. O sertão é um espaço mítico, sagrado, um cosmos. Joca Ramiro conferia estabilidade ao sertão, enquanto Zé Bebelo, vindo de outro espaço, caótico, o desestabiliza. Riobaldo, dividido e em tensão, oscila entre ambos e acaba por pedir o apoio do Compadre Quelemém. Vento, rio e sertão contêm elementos opositivos entre os quais Riobaldo se debate.

**DUARTE, Lélia Parreira.** Riobaldo, personagem tensão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 ago. 1976. Suplemento Literário, p. 6-7.

A narrativa de Riobaldo oscila entre dois pólos: Riobaldo, o jagunço situado num contexto mítico em que Deus e o diabo são forças atuantes e o Riobaldo fora desse saber e capaz de questioná-lo. A indecisão de Riobaldo, sempre necessitado de um guia: sua mãe, o menino que o inicia nos códigos do erotismo, Mestre Lucas, Rosa'uarda, Reinaldo. A ambigüidade do amor a Diadorim. A manipulação de Riobaldo por Diadorim, cuja astúcia é diabólica. A insegurança de Riobaldo leva-o a aceitar Medeiro Vaz e Zé Bebelo como modelos, assim como a buscar apoio em várias religiões e no Compadre Quelemém, cujas palavras não são completamente aceitas. Por fim,

busca apoio no interlocutor que não consegue resolver a insegurança, sua desorientação, sua nostalgia do estável, do definitivo.

DUAS cartas de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 2.

Correspondência.

FERREIRA, João. Algumas congeminações sobre o mito de Diadorim do *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 mar. 1983. Suplemento Literário, p. 4.

Diadorim é considerado um arquétipo protetor, em *Grande Sertão: Veredas*, identificado à água, à maternidade, à “anima”.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. Do amor e da mulher em quatro contos de *Tutaméia*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 ago. 1978. Suplemento Literário, p. 4-5.

Quatro contos de *Tutaméia* – “Esses Lopes”, “No prosseguir”, “Sinhá Secada”, “Umas formas” considerados em consonância com a teoria exposta nos prefácios do volume, principalmente quanto aos aspectos de humor, paradoxo, inversão de código e a condição da mulher e do amor como um processo de purificação, de ascese.

FIGUEIREDO, Wanda. “A João Guimarães Rosa”: livro e filme. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 mar. 1969. Suplemento Literário, p. 3-4.

O processo de realização do curta-metragem “A João Guimarães Rosa”, baseado no livro de fotografias do sertão mineiro, com legendas extraídas de *Grande Sertão: Veredas*, feito pela fotógrafa Maureen Bisilliat. O filme foi feito por uma equipe, com direção de Roberto Santos, direção de filmagem de Marcelo Tassara e música de Chico Moraes, com narração de Humberto Marçal. É um filme de 35mm, em preto e branco, com dez minutos de duração.

FORNAZARO, Antônio F. O tempo em Dão-lalalão, de João Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 7 fev. 1976. Suplemento Literário, p. 6-7.

A dimensão psicológica e mítica do tempo em “Dão-lalalão”. O processo de negação e de recuperação do passado pelo personagem Soropita.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

GARBUGLIO, José Carlos. A estrutura bipolar da narrativa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 8-10. (Fragmento extraído de *O mundo movente de Guimarães Rosa*)

Distinção de dois planos, objetivo e subjetivo, em *Grande Sertão: Veredas*. O primeiro corresponde à seqüência dos fatos e o segundo às indagações do protagonista e à sua percepção e reconstrução da realidade. Uso dos conceitos de “homo actuandi” e de “homo cogitandi”, respectivamente equivalentes ao plano objetivo e ao subjetivo. A presciência e a inteligência ordenadora do narrador. O aspecto metalingüístico da narrativa. O tempo da memória e o tempo da escritura.

GARCIA, Frederick Charles Hesse. Guimarães Rosa nos Estados Unidos – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 8 fev. 1975. Suplemento Literário, p. 10, 11.

O aparecimento das traduções norte-americanas de GR e as manifestações simultâneas da crítica. As traduções de *Grande Sertão: Veredas*, *Sagarana* e *Primeiras Estórias*, com prefácios de Jorge Amado, Franklin de Oliveira e Barbara Shelby. Apreciação crítica saída em revistas e jornais de grande circulação: *Virginia Quarterly Review*, *Library Journal*, *Best Sellers*, *New York Herald Tribune*, *New York Times*, *Yale Review*. Nesta última, o crítico, Martin Price, avalia negativamente a introdução de Jorge Amado e relata a perplexidade do narrador de *Grande Sertão: Veredas* frente ao que narra. Percebe o sertão como símbolo e não como pano de fundo pitoresco”. William L. Grossman, em resenha do *New York Times Book Review*, ressalta “a combinação do intensamente provinciano com o

intensamente universal”. *Sagarana*, publicado três anos depois, também desperta entusiasmo na crítica norte-americana. Charles Dollen, Alan Cheuse, T. Francis Smith, William L. Grossman, Alexander Coleman e Thomas Lask são alguns dos críticos que escrevem sobre *Sagarana*.

GARCIA, Frederick Charles Hesse. Guimarães Rosa nos Estados Unidos – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 fev. 1975. Suplemento Literário, p. 10-11.

A recepção da obra rosiana pela crítica norte-americana que ora peca pela subjetividade e falta de leitura e de informações, ora é pertinente e elogiosa, apesar de superficial. A questão da traduzibilidade da obra de GR.

GARCIA, Frederick Charles Hesse. Guimarães Rosa nos Estados Unidos – III. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 fev. 1975. Suplemento Literário, p. 10.

As edições de GR nos Estados Unidos e seus respectivos prefácios: o da antologia organizada pelo Prof. Grossman (*Modern Brazilian Short Stories*); o escrito por Jorge Amado para a edição de *The Devil to Pay in Backlands*, intitulado “The place of Guimarães Rosa in the brazilian literature”; o escrito por Franklin de Oliveira para apresentar *Sagarana*, traduzido por Harriet de Onis. Estes prefácios são analisados criticamente, assim como o de Barbara Shelby, que compara o estilo de Rosa ao de uma série de escritores de língua inglesa: Joyce, Thoreau, Emerson, Whitman, Poe, Hawthorne, Faulkner, Melville, Henry James. Salva-se a complementação da introdução à sua tradução de *Sagarana*, feita por Harriet de Onis. Levantamento dos trabalhos da crítica especializada, como os de Alexandre E. Severino, Harvey L. Johnson, Gregory Rabassa e Emir Rodrigues Monegal, com destaque para este último.

— . Guimarães Rosa nos Estados Unidos (conclusão) – IV. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 mar. 1975. Suplemento Literário, p. 8.

A contribuição dos estudos críticos estrangeiros para a compreensão da universalidade da obra rosiana, apesar da desinformação de tra-

balhos como o de Luís Harss e Barbara Dohman, no livro *Into the mainstream: conversations with latin-american writers*. Destaque para os trabalhos e a tese de Mary Lou Daniel, além dos textos de Rui Mourão e de Heitor Martins, respectivamente “Processo da linguagem, processo do homem em Cara-de-Bronze” e “No Urubùquaquá, em Colônia”.

GARCIA, Frederick Charles Hesse. Guimarães Rosa: romaria às origens em *O Mistério dos MMM*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 19 jul. 1975. Suplemento Literário, p. 6-7.

A participação de GR em duas obras coletivas: *Os sete pecados capitais* e *O mistério dos MMM*. Referência aos primeiros contos publicados pela revista *O Cruzeiro*: “O mistério de ‘Highmore Hall’”, “Chronos Kai Anagké” e “Caçadores de camurças” e sua comparação à obra posterior de GR, acentuando-se a diferença qualitativa entre esta e aqueles. O texto escrito para *O mistério dos MMM* representaria uma volta às origens do escrito.

GERSEN, Bernardo. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. Minas Gerais, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

GUIMARAENS NETO, Afonso Henriques de. A João Guimarães Rosa. Minas Gerais, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 9.

Poesia dedicada a GR.

GUIMARÃES Rosa, a permanência. Minas Gerais, Belo Horizonte, dez. 1977. Suplemento Literário, p. 12.

Registro do décimo aniversário de morte de Guimarães Rosa, com menção aos vários tipos de crítica dedicados a sua obra: “da escola neo-aristotélica, da formalística, da lingüística eslava, do ‘new criticism’, da explicação de textos, do estilologismo, dos livres-atradores, dos impressionistas e dos expressionistas”; e com referência ao número crescente de seus leitores.

GÜNTER LORENZ. Conversa com Günter Lorenz. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 3 jul. 1971. Suplemento Literário, p. 4. Entrevista concedida a Zilah Correa de Araújo.

O interesse da Alemanha pela literatura latino-americana, em especial pela brasileira e, dentro dela, pela obra de GR.

HOISEL, Evelina de C. de Sá. Elementos dramáticos da estrutura de *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 29 jan. 1977. Suplemento Literário, p. 6-7.

Configuração da escritura de *Grande Sertão: Veredas* entre dois planos: situação dialógica e dramática: vivência dos fatos narrados. Ambos caracterizam o romance como sendo, simultaneamente, uma forma épica-lírica-dramática. Inserção do texto rosiano no sistema de ficção dramática: esvaziamento a ação e criação dos personagens exclusivamente pela fala; caráter polifônico da fala de Riobaldo; neutralização da figura do interlocutor e transformação do espaço da escritura em palco teatral. A metáfora do teatro, no texto de Riobaldo, como símbolo-escritura do mundo, onde tudo são papéis a serem desempenhados. A tensão como elemento estruturador do discurso riobaldiano: a busca de limites bem definidos; as especulações sobre o bem e o mal; a luta contra os 'judas'; o amor proibido por Diadorim.

JOHNSON, Harvey L. Impacto de Sagarana. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1969. Suplemento Literário, p. 12.

O aproveitamento do folclore e de características regionais e a utilização de provérbios são os principais aspectos de cada conto.

LAURIA, Márcio José. Em busca da terceira margem. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 jul. 1978. Suplemento Literário, p. 8-9.

Levantamento estilístico de recursos lingüísticos (frases, expressões, palavras) utilizados por GR em "A terceira margem do rio".

LAURIA, Márcio José. A respeito de um moço muito branco. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 fev. 1977. Suplemento Literário, p. 4.

A importância do título e do nome de personagens para a análise do texto rosiano. Diferença entre a leitura superficial e a leitura em profundidade, sendo esta conseguida pelo estudo dos personagens (actantes) do nível das ações (enredo), do discurso (narração) e dos códigos simbólicos e culturais.

MÜNENCHWANDER, Martin. Um mestre alemão e o *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 set. 1977. Suplemento Literário, p. 3. Entrevista concedida a Lauzimar Laus.

Entrevista com Martin Münenchwander, alemão, autor de uma tese de doutorado – *Grande Sertão: Veredas* – “Form und Figur” – não publicada em português.

LEITE, Dante Moreira. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

LIDMILOVA, Paula. Tchecoslováquia – um dos primeiros países a divulgar a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 fev. 1980. Suplemento Literário, p. 3.

Carta de Paula Lidmilova à redação do Minas Gerais informando sobre a primeira edição de *Grande Sertão: Veredas*, feita em 1971, com 5 exemplares, pela Editora Odeon, de Praga, com o título de *Velká Divocina*, na língua tcheca. Informa sobre a publicação, na mesma língua, dos contos “A terceira margem do rio”, “Os irmãos Dagobé”, “Nenhum, nenhuma”, “Aletria e hermenêutica”, “Desenrêdo”, “João Porém, guardador de perus”, “Presepe”. Reprodução da capa da edição do romance e da primeira página de “A terceira margem do rio”, publicada na revista *Svelova literatura*.

LIMA FILHO, Luiz Costa. A expressão orgânica de um escritor moderno. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 6. (Fragmento extraído de LIMA FILHO, Luiz Costa. A expressão orgânica de um escritor moderno. **Diálogo**, São Paulo, n. 8, p. 71-89, nov. 1957.)

As características de composição do texto rosiano – especialmente “A hora e vez de Augusto Matraga – que consistem em: recriação da linguagem, virtuosismo formal e a crítica ao descritivismo neutro de GR.

LINHARES, Temístocles. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

LINS DO REGO, José. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

LISBOA, Henriqueta. Guimarães Rosa e o conto. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1969. Suplemento Literário, p. 8-9.

A origem oral e popular do conto, presente em *Sagarana*, *Primeiras estórias* e *Tutaméia*. A evolução do conto rosiano, de *Sagarana*, caracterizado pelo realismo e o aspecto telúrico, a *Primeiras estórias*, caracterizadas por forças transcendentais de caráter universal, e a *Tutaméia*, vista como uma quase abolição de enredo, em benefício da máxima densidade subjetiva, além do esoterismo. Situação de GR entre o conto machadiano, de densidade psicológica e tensão poética, e o conto regionalista de Bernardo Guimarães e Afonso Arinos.

— O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 maio 1973. Suplemento Literário, p. 2. (Fragmento extraído de LISBOA, Henriqueta. O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. In: LISBOA, Henriqueta et alii. **Ciclo de Conferências sobre Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: UFMG, 1966, p. 31-49.)

O estilo de GR, entre o primitivo e o elaborado. O processo de criação rosiano dependente da memória e da transformação, ou recriação dela em palavras, revela grande emotividade. A recuperação e a superação da infância em “Nenhum, nenhuma” e “Miguilim”.

LLOSA, Mario Vargas. *Epopéia do sertão, torre de Babel ou manual de satanismo*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 29 nov. 1969. Suplemento Literário, p. 2.

Crítica à tradução de *Grande Sertão: Veredas* feita por Angel Crespo, que não teria conseguido recriar, em espanhol, a grandeza e a originalidade lingüística do original brasileiro. Repetição do engano de Luiz Harss, vinculando GR às “lutas civis que ensangüentaram o seu país na década de trinta.” Consideração de três aspectos para a análise de GSV: uma leitura superficial, tomando o romance como uma sucessão de acontecimentos; uma leitura mais profunda, abordando a complexidade lingüística do romance: a realidade expressa por GR não é histórica ou material: é uma realidade lingüística. A linguagem refere-se à realidade que vai sendo criada à medida que a narração se faz. Uma terceira leitura consideraria, além das outras duas, as referências ao demônio, ao possível pacto, à indagação metafísica sobre o bem e o mal.

ROSA, João Guimarães. Um mundo em estado virgem. Literatura deve ser vida. Diálogo de Günter W. Lorenz com Guimarães Rosa. Minas Gerais, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p.8-13. Entrevista concedida a Gunter W. Lorenz.

Rara e importante entrevista concedida por GR, em que o romancista expõe suas idéias sobre si mesmo, o engajamento político, a crítica literária, a filosofia, a própria obra, a linguagem, seus procedimentos de criação, a literatura, a brasilidade, suas origens brasileiras, mineiras, “de Cordisburgo” e se conceitua como escritor.

LOUZADA, Wilson. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. Minas Gerais, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

LUCAS, Fábio. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. Minas Gerais, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

— . Guimarães Rosa e Clarice Lispector: mito e ideologia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 ago. 1972. Suplemento Literário, p. 4-5.

Situação da literatura brasileira no pós-guerra: entre as conquistas e rupturas de 22 e o romance social de 30, o romance opta pela introspecção, pela reflexão, pela personagem como “heróis da consciência”, decaindo a noção da obra como mensagem e crescendo a que vê a literatura com um fim. Surgimento de duas tendências: a prosa expressionista e a visão barroca. A primeira pesquisa a ansiedade metafísica dos personagens; a segunda abre-se formalmente. Respectivamente, Clarice Lispector e GR. A comparação entre os dois será feita enquanto contistas. *Primeiras estórias* é tomado sob os seguintes aspectos: metamorfose, gratuidade, absurdo, suplantação da natureza humana, a natureza mítica da narrativa que acaba por desaguar na epopéia. Os contos de Clarice Lispector, de *Laços de família*, estão do lado da ideologia, tentando focalizar o cotidiano, a angústia, a náusea do homem em sua relação com outros homens.

LUCAS, Fábio. Ainda as palavras: Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 10.

Resenha de *Ave, palavra*, destacando sobretudo o trabalho com a palavras, a pesquisa em várias línguas, a reconstrução de aforismos.

LUCAS, Fábio. Oralidade na prosa de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 mar. 1985. Suplemento Literário, p. 10.

Resenha do livro *O discurso oral de Grande Sertão: Veredas*, de Terezinha Souto Ward, destacando a pesquisa e campo empreendida, a pesquisa bibliográfica de cunho lingüístico, as questões levantadas quanto à oralidade, à sintaxe, ao discurso.

LUCAS, Fábio. A volta de Guimarães Rosas. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 set. 1985. Suplemento Literário, p. 10.

A reedição da obra rosiana, e sua fortuna crítica, que adotou múltiplos percursos: a estilística, a hermenêutica filosófica, a investigação do regionalismo, a constatação da dimensão universal, o comparativismo genético, a onomástica, o estruturalismo, o verismo, a aferição dos recursos populares. Consideração dos aspectos filosó-

ficos e populares da obra de GR, analisados, respectivamente, por Sônia Viegas, em *A vereda trágica do Grande Sertão: Veredas* e por Terezinha Souto Ward em *O discurso oral em Grande Sertão: Veredas*. A fenomenologia presente em *Grande Sertão: Veredas*.

Indica o percurso da crítica rosiana.

MACEDO, Nelly. Palavras de origem tupi em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 jul. 1980. Suplemento Literário, p. 8.

Levantamento de algumas palavras de origem tupi na obra de GR, relativas à fauna, à flora, à cor, à religiosidade, a comidas e bebidas.

MACIEL, Luiz Carlos Junqueira. Guimarães Rosa: a realidade fugidia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 ago. 1975. Suplemento Literário, p. 10-11.

Comparação dos contos “O palhaço da boca verde” e “Retrato de cavalo”, de *Tutaméia*, sob o ponto de vista da realidade, da representação e do real, considerado como a “visão subjetiva que um personagem tem da realidade”. Utilização de códigos: mágico, visual, auditivo.

MARQUES, Oswaldino. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

MARQUES, Oswaldino. O repertório verbal. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 14-16. (Fragmento extraído de MARQUES, Oswaldino. *A seta e o alvo*; análise estrutural de textos e crítica literária. Rio: MEC/INL, 1957. Canto e plumagem das palavras, 9-128.)

Levantamento de processos de criação de palavras na obra de GR, com farta exemplificação.

MARTINS, HEITOR. No Urubùquaquá, em Colônia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 6-7.

A importância do título do conto “Cara-de-Bronze” para sua análise. O tema do Eterno Feminino como ponto fulcral do conto. A encarnação do Édipo em “Cara-de-Bronze” e a semelhança do conto com a tragédia grega: os vaqueiros semelhantes ao coro grego; o aspecto crônico: a ligação do homem à terra; a estrutura narrativa, misturando teatro, narrativa e roteiro cinematográfico.

MARTINS, HEITOR. Nonada. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 set. 1976. Suplemento Literário, p. 2-3

Consideração de *Grande Sertão: Veredas* como um sumário de idéias e crenças do autor, segundo afirmativa de GR. O significado cabalístico de “nonada” e a origem plotiniana e platônica da epígrafe “O diabo na rua, no meio de redemunho”. Referência ao diabo como o centro do (círculo) redemoinho.

MARTINS, Wilson. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

MELO, Oswaldo André de. O aspecto fônico em “Orientação”, de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 27 jul. 1974. Suplemento Literário, p. 6.

Análise estilística do conto “Orientação”, destacando o valor de vogais, consoantes, aliterações e onomatopéias.

MENDES, Murilo. De Murilo para Rosa. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 13, p.20-21, maio 96.

Correspondência.

MEYER-CLASON, Curt. Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 6-8.

Revelações sobre o processo de tradução e sobre o processo de criação de GR, expresso em cartas do autor ao tradutor. O interesse de GR pela tradução. Características específicas da tradução da obra rosiana, proposta como processo de recriação. O aspecto religioso e metafísico perseguido pelo escritor.

—, Curt Meyer-Clason, tradutor sem traição. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 5.

As atividades de Meyer-Clason como tradutor de GR e outros autores brasileiros e como divulgador de nossa literatura. O desconhecimento mútuo das respectivas literaturas nos países latino-americanos.

MEYER-CLASON, Curt. Curt Meyer-Clason, tradutor de Guimarães Rosa e amigo da América Latina. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 jun. 1977. Suplemento Literário, p. 3. Entrevista concedida a Danilo Gomes.

Impressões do tradutor alemão sobre a literatura brasileira e sul-americana, sobre a obra de GR e informações sobre suas atividades como divulgador da literatura latino-americana.

MILLIET, Sérgio. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

MIRANDA, Wander Melo. O espaço do sertão em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 ago. 1978. Suplemento Literário, p. 6-7.

O espaço funciona em GSV como elemento produtor, estruturador e construtor do sentido. A relação entre nome e espaço: caráter fluido e mutável. Alto e baixo como categorias para análise das relações de poder.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

MONTENEGRO, Braga. Guimarães Rosa, novelista. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 jul. 1968. Suplemento Literário, p 2-3.

Classificação da ficção de GR, inclusive GSV, como novela.

MONTENEGRO, Olívio. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

MOURA, Elza de. Crianças nas veredas do Grande Sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 9.

Relato de experiência, feita com alunos do curso primário, de leitura e interpretação de frases de GSV.

MOURÃO, Rui. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

MOURÃO, Rui. Processo de linguagem, processo do homem. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 02 set. 67. Suplemento Literário, p. 16-17.

O processo narrativo de “Cara-de-Bronze”, com incorporação de técnicas narrativas literárias, cinematográficas, teatrais e de outras origens, como as notas de pé-de-página e citações. O caráter simbólico do personagem Cara-de-Bronze e do Grivo. A viagem do Grivo representando a busca da harmonia do universo.

MOURÃO, Rui. Processo de linguagem, processo do homem: “Cara de Bronze”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 2-3.

Confira o texto da referência anterior.

MOURÃO, Rui. Rosa Cordisburgo, Rosa Amor. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 1.

Apresentação de edição especial do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, organizada por Rui Mourão, comemorativa da inauguração do Museu Guimarães Rosa, em Cordisburgo, ressaltando a complexidade e a profundidade da obra rosiana.

MOUTINHO, Nogueira. De Guimarães Rosa um livro póstumo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 dez. 1971. Suplemento Literário, p. 11.

A importância de *Ave, palavra*, que equivale aos demais livros do autor. O processo de recriar a realidade em suas obras: a

metalinguagem do real através das palavras. Presença do arcaico e do novíssimo na linguagem rosiana.

NASCIMENTO, F. S. Letras brasileiras em Praga. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1980. Suplemento Literário, p. 2

O ensino e Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Checoslováquia e o interesse sobre a obra de GR naquele país.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 7

As personagens infantis, como Miguilim e Dito; o Menino, dos contos inicial e final de *Primeiras estórias*; Diadorim, o menino que inicia Riobaldo na travessia, o Menino, de “Nenhum, Nenhuma”; o jovem, de “Um moço muito branco” e Nhinhinha, de “A menina de lá”. Postula-se a iniciação das personagens, sem contato com o Bem e o Mal, o nascimento de um novo ser, a harmonia na superação dos contrários, do masculino e feminino.

NUNES, Benedito. Guimarães Rosa em novembro. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 1.

Relato sobre seu encontro com Guimarães Rosa e as chaves que lhe foram passadas sobre a obra rosiana: a presença de citações de Sexto Empírico, de Platão, de Plotino, do aproveitamento que o romancista fazia das leituras e autores, das citações fictícias, os Evangelhos Sinópticos, a gnose, e a concepção que tinha do Mal e do diabo.

NUNES, Benedito. A viagem do Grivo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 4-5.

O tema da viagem no conto “Cara-de-Bronze” e o tema da recriação poética. O caráter mitopoético da narrativa e sua aproximação de formas narrativas tradicionais: a epopéia, os mitos das origens, o romance pastoril. A intertextualidade com o *Fausto*, de Goethe, *A divina comédia*, de Dante, e os *Upanishads* como formas de captar figuras míticas arquetípicas.

— . Leitura filosófica de Guimarães Rosa. **Suplemento**, Belo Horizonte, nov. 1996. p. 20-22.

Leitura comparativa de outras leituras filosóficas de *Grande Sertão: Veredas* – *As sete sereias do longe*, de Hygia Therezinha Calmon Ferreira; *A vereda trágica do “Grande Sertão: Veredas”*, de Sônia Maria Viegas; *Enigma no nó da imagem: os módulos poéticos no “conto crítico” roseano*, de Héctor Olea; *João Guimarães Rosa: metafísica do Grande Sertão*, de Francis Utéza – para responder se a leitura feita pela tese *Manuelzão e Miguilim – viagem para o ser*, de Maria Heloísa Noronha de Barros, também é filosófica. Conceituação de quatro tipos de leitura filosófica: o modo tópico, que se atém aos conceitos da História da Filosofia, indicando suas incidências na fala dos personagens ou do narrador; modo instrumental: utiliza conceitos exponenciais para elucidar situações e conflitos dos personagens; modo de reconstituição da filosofia inerente ao texto ficcional, sendo os conceitos filosóficos extraídos de várias tradições do pensamento; modo de aplicação de uma filosofia em particular, de Heidegger.

OLIVEIRA, Aderson Graciano de. O modernismo do autor de “*Grande Sertão: Veredas*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. **Suplemento Literário**, p. 4.

Visão geral da obra de GR, sua importância, seu lugar na Literatura Brasileira e principais características.

OLIVEIRA, Franklin de. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. **Suplemento Literário**, p. 4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

OLIVEIRA, Franklin de. Presença roseana. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 27 nov. 1971. **Suplemento Literário**, p. 11.

A partir do lançamento da décima quinta edição de *Sagarana*, trata-se do histórico deste livro, da revolução estilística de sua prosa, e faz-se referência à dimensão metafísica de *Tutaméia* e às chaves estilísticas contidas em “Pequena palavra”, prefácio escrito por GR

para a antologia de contos húngaros organizada por Paulo Rónai e à filosofia presente na obra rosiana.

PELLEGRINO, Carlos Roberto. Estas outras estórias. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 maio 1970. Suplemento Literário.

Nota do lançamento de *Estas estórias*, com referência à consciência de GR da importância de sua obra.

PEREZ, Renard. Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 2.

Breve biografia de GR, desde a infância, lembrada através de trecho do próprio romancista, até a data do artigo – 1974 – anunciando a preparação de novo romance (sic) Registro da divisão da crítica em relação a *Grande Sertão: Veredas*.

Obs.: Apesar de não indicado, o texto publicado no *Suplemento* foi extraído, sem nenhuma atualização, de *Escritores Brasileiros Contemporâneos*, publicado em 1960.

PIMENTEL, Osmar. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

PONTES, Joel. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

PONTES, Hugo. A simbologia da iniciação maçônica em O recado do morro, de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 maio 1987. Suplemento Literário, p. 5-7.

Análise de “O recado do morro” a partir da simbologia da iniciação maçônica. Todos os passos e todas as provas por que passa o candidato para se tornar um aprendiz estão presentes no conto. Indicação da simbologia do S e do G, metalingüísticos, que iniciam e fecham o conto, respectivamente. Identificação dos personagens com a hierarquia e simbologia de uma loja maçônica, suas cores, seus objetos,

sua ligação com a astrologia. A numerologia e a significação das viagens na iniciação maçônica.

PORTELLA, Eduardo. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Alguns aspectos formais de *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 8-12. (Extraído da Revista do Livro, n. 5, março de 1957, Rio).

As características estilísticas de GR. Os processos de criação de palavras, como a prefixação e a sufixação, justaposição e aglutinação; os empréstimos a línguas estrangeiras modernas, o aproveitamento de palavras latinas e gregas, os arcaísmos. Uso de processos enfáticos: expletivos, pleonasmos; de recursos sonoros: rima, aliteração, ritmo tônico da frase

RAMOS, Maria Luíza. O mundo mítico do sertão de Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 out. 1971. Suplemento Literário, p. 7 (Fragmento extraído de RAMOS, Maria Luíza. **Fenomenologia da obra literária**. Rio: Forense, 1969. O elemento poético em *Grande Sertão: Veredas*, p. 179-198.

O caráter mítico de Diadorim e a estrutura mítica do romance construídos a partir das narrativas míticas populares e arcaicas (o mito da iniciação, a luta contra inimigo sobrenatural) ou clássicas (Electra), além de mitos da sociedade moderna. Diadorim é personagem complexa, misteriosa, cuja vida e morte estabelecem múltiplos pontos de contacto com o mito clássico de Electra.

REGO, José Lins do. —. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

RESENDE, Ângela Cançado Lara. Para Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 jun. 1979. Suplemento Literário, p. 7.

Poema em homenagem a GR.

RIBEIRO NETO, Amador. Poesia & prosa via semiótica. Suplemento, Belo Horizonte, n. 9, p. 14-15, jan. 1996.

Resenha do livro de Monique Balbuena, Poe e Rosa à luz da Cabala, publicado pela Editora Imago, em 1994, destacando a análise do esoterismo à luz da Semiótica e os elementos visuais de *Grande Sertão: Veredas*.

RIEDEL, Dirce Cortes. As meias-verdades em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 set. 1974. Suplemento Literário, p. 6-7.

O tema do verdadeiro e do falso (as meias-verdades) no conto “A benfazeja”, de GR. A incapacidade humana de perceber e reconhecer a realidade essencial, transcendendo a aparência dos fatos, temas desenvolvidos em GSV e nos prefácios de Tutaméia. A relação do narrador e seus interlocutores mudos; a significação do nome dos personagens.

RIEDEL, Dirce Cortes. De chapéu e de bengala. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 21 dez. 1974. Suplemento Literário, p. 4.

A estruturação narrativa de “Os chapéus transeuntes” com a incorporação do leitor e o caráter oral do relato. O tema da soberba e seus símbolos de exaltação e derrisão: o chapéu, a bengala, o relógio, os urinóis, a subserviência familiar.

ROCHA, Luiz Otávio Savassi. Guimarães Rosa: a história e a estória. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 ago. 1976. Suplemento Literário, p. 4.

Confronto entre o conceito de História e o de estória, em *Primeiras estórias*, no conto “Um moço muito louro”, comparando o texto rosiano com trecho do livro *Serro: três séculos de História*, de Aluísio Ribeiro de Miranda, p. 27. Ambos relatam cataclisma ocorrido na região do Serro, em 11 de novembro de 1872. É a proximidade do texto de GR com a História. A estória, no conto, cabe ao clima de simbolismo, intemporalidade e ilogicidade.

RONAI, Paulo. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

RONAI, Paulo. Itinerário de Riobaldo Tatarana. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 fev. 1975. Suplemento Literário, p. 2.

Resenha do livro de Alan Viggiano, destacando a proximidade do texto rosiano com o real e seu caráter de intencionalidade. A toponímia de *Grande Sertão: Veredas*, aparentemente inventada pelo autor, coincide, na maior parte, com a registrada nos mapas.

ROSA, vida e obra. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 19, p. 17, nov. 96.

Notícia bio-bibliográfica.

RUBINGER, Fernando Santana. Poetagens a modo de Guimarães Rosa; fundos estremecimentos de Riobaldo Tatarana. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1969. Suplemento Literário, p. 11.

Poema tematizando o amor de Riobaldo e Diadorim.

RUSSI, Antônio. Superstições e misticismo na obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 nov. 1975. Suplemento Literário, p. 7.

Comentários de entrevistas e trechos de prefácio de *Tutaméia*, em que GR faz declarações sobre a origem de algumas de suas estórias.

SAID, José Gabriel. Reflexão em torno de um fragmento de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 dez. 1982, Suplemento Literário, p. 6-7.

O episódio de Maria Mutema, de *Grande Sertão: Veredas*, funciona como chave do romance, como um mitema, e como símbolo da presença do sujeito na sociedade organizada. O papel da instituição (Igreja, comportamento coletivo) e o risco de sua ruptura; a tensão entre interioridade e exterioridade, entre verdade e aparência. A estabilidade do sistema social (instituição) repousa na anulação do indivíduo. A transgressão de Mutema é exorcizada pelo reforço da instituição (os padres missionários); a culpa é expiada

pela contrição e pelo encarceramento. Assim, Mutema reingressa no social, na instituição. O aspecto metafísico e dialético de GR, levando-o a buscar o homem em equilíbrio, o homem harmônico consigo e com a cidade. A preferência pelo sertão é porque, na cidade, o sistema predomina sobre o indivíduo, enquanto no sertão o “mistério das coisas” pode afluir.

**SAGARANA. Minas Gerais, Belo Horizonte, 03 jul. 1976. Suplemento Literário, p. 2.**

Notícia sobre a 18ª. edição de *Sagarana*.

**SANTIAGO, Silviano. Transtornado incerto. Suplemento, Belo Horizonte, nov. 1996. p. 3-8.**

O processo criativo de GR e sua forma de composição do conto “Um moço muito branco” a partir de notícia real de terremoto havido na cidade do Serro, registrada nas *Efemérides*, mesclada intertextualmente com trechos bíblicos. A técnica narrativa é feita com o emprego de testemunhos de personagens, de forma “transtornada incerta”, que veiculam versões do acontecido.

**SANTOS, Livia Ferreira. A desconstrução em Tutaméia. Minas Gerais, Belo Horizonte, 28 abr. 1979. Suplemento Literário, p. 6-8**

O caráter emblemático de “Curtamão”, de *Tutaméia*, que manifesta a carnavalização dos contos e dos prefácios deste volume, sua desconstrução comunicativa, sua “desordenância”. Os textos desconstroem a boa escrita, o clichê lingüístico, o grupo fraseológico. Valorização do humor, do lúdico, do ilógico, da transgressão lingüística, do incognoscível, do neologismo, da metalinguagem, do carnavalesco, do mundo às avessas como processos de desconstrução.

— . A desconstrução em Tutaméia. (II) **Minas Gerais, Belo Horizonte, 5 maio 1979. Suplemento Literário, p. 8, 9.**

Descrição e exemplificação de procedimentos de desconstrução do clichê em *Tutaméia*.

— A desconstrução em *Tutaméia* (III) **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 12 maio 1979. Suplemento Literário, p. 6, 7.

Lista de clichês e provérbios existentes nos contos e prefácios de *Tutaméia*, com o registro da forma usual.

— De Mário de Andrade a Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 maio 1979. Suplemento Literário, p. 6-7.

Semelhanças entre Mário e GR, e suas diferenças. Execução, pelo escritor mineiro, das propostas marioandradinas: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização permanente da inteligência artística brasileira; a estabilização de uma consciência criadora nacional. Isto se dá pela criação de uma língua brasileira, simultaneamente próxima e distante da Língua Portuguesa; pela valorização do tipicamente nacional com a criação de personagens inventivos e positivos, como Lalino Salãthiel; pela continuidade de uma tradição nacional.

SANTOS, Livia Ferreira. A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*. Notícia e mensagem (I). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 abr. 1981. Suplemento Literário, p. 6.

A unidade entre mensagem e código narrativo em *Grande Sertão: Veredas*. A oposição entre o destino (o plano divino) e a travessia (o plano humano e contingente). A busca da definição crítica o homem, feita como uma dialética entre o certo (o provérbio) e o questionamento constante. Percepção do demo como parte da consciência do narrador.

— A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*. A crise da fábula (II). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 abr. 1981. Suplemento Literário, p. 4, 5.

O modo de narrar de Riobaldo reflete a oposição entre o destino e a travessia. A irregularidade narrativa traz mudanças ao fio fabular: uso de elementos conativos ou fáticos, pausas reflexivas, rupturas narrativas. Semelhança relativa entre o romance e a epopéia: autobiografia, narratário interno, passado inacabado. Riobaldo é o herói deceptivo até pela disjunção dos aliados (Diadorim) pela ineficácia

da comunicação. Enquanto o discurso tem um poder narrativo, a fábula mostra a impossibilidade de comunicação.

— A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*. A crise do discurso narrativo (III). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18, 25 abr. 1981. p. 6.

O caráter narrativo, dramático e lírico de *Grande Sertão: Veredas*. A fusão entre o mostrar e o narrar. A figura do interlocutor e o reflexo de sua fala na o narrador. O interlocutor funciona como transcritor da fala de Riobaldo e seu legitimador. Elementos dissonantes da narrativa: o aforismo, indagação continuada, pleonasma lúdico, narração ininterrupta.

— A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*. A crise da palavra (IV). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 maio 1981. Suplemento Literário, p. 6, 7.

O processo de recriação da linguagem inerente ao processo narrativo.

SCARPELLI, Marli Fantini. *Grande Sertão: Fronteiras*. **Suplemento**, Belo Horizonte, nov. 1996. p. 23.

Descrição da pesquisa *Grande Sertão*: passado e presente, com relato de atividades, encontros, propostas de eventos e pesquisadores envolvidos.

SCHWARZ, Roberto. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p.4.

Cf. ÁVILA, Affonso.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. Nietzsche e o processo de conhecimento em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 jan. 1980. Suplemento Literário, p. 9.

O processo de conhecimento, que se segundo Nietzsche se faz a partir de três impulsos: rir, deplorar, odiar –, em *Grande Sertão: Veredas*. A existência de dois planos na obra: o da narração e o do narrado, estruturados pelo olhar de Riobaldo, narrador e persona-

gem. O processo de espelhamento mútuo, e de conhecimento, que se estabelece entre Riobaldo e Diadorim.

SILVA, Gutemberg da Mota e. Os vários autores de um conto de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 8 out. 1983. Suplemento Literário, p. 4-5.

Registro do processo criativo de GR, com a transcrição de carta enviada pelo autor a Pedro Moreira Barbosa, e de questionário anexo, em que pede informações sobre o empregado daquele, Hermenegildo, vulgo Mechêu. A fidelidade de GR às respostas obtidas, cotejadas com trechos do conto, leva o autor do artigo a considerar os familiares de Pedro M. Barbosa como co-autores do conto.

SILVA, Gutemberg da Mota e. *Grande Sertão: Veredas*, 25 anos. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5, 12 set. 1981. Suplemento Literário, p. 20.

A recepção de *Grande Sertão: Veredas* à época de seu lançamento registra as críticas negativas de Agripino Grieco, Marques Rebelo, Umberto Peregrino, Ferreira Gullar, Ascendino Leite, Ivan Pedro Martins, Adonias Filho, Múcio Leão. As críticas positivas ficam a cargo de Drummond, Cavalcanti Proença, Tristão de Athayde, Da Costa e Silva, Oswaldino Marques, Sérgio Milliet, Antonio Candido, Affonso Ávila, Paulo Ronai, Afonso Arinos de Melo Franco, Adolfo Casais Monteiro, Jorge Amado, Henriqueta Lisboa, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. Dados sobre as fontes documentais de Guimarães Rosa em Cordisburgo, em Itaguara, em Barbacena, como médico-capitão da Força Pública de Minas, de 1933 a 1934, em Paraopeba, com seu amigo Pedro Moreira Barbosa, e na viagem feita pelo sertão em 1952.

SOUZA, Eneida Maria de. Ficção, realidade e humor em Tutaméia – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 10 ago. 1974. Suplemento Literário, p.8-9.

O humor como elemento de questionamento da relação entre ficção e realidade e de possibilitador de interpenetração das duas instâncias. Como no Dom Quixote, há a desmitificação do espaço da loucura como sendo o da anormalidade e da exclusão e a mistura entre real

e fantasia. A carnavalização do conceito de arte em GR, através dos prefácios de *Tutaméia* e o emprego do humor, construído segundo a técnica do paradoxo, na abolição do bom senso e do senso comum. O duplo, a carnavalização, a multiplicação de vozes e acontecimentos são formas de deslocamento da arte de seu lugar privilegiado.

— Ficção, realidade e humor em *Tutaméia* – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 ago. 1974. Suplemento Literário, p. 8-9.

Análise do conto “Zingaresca”, de *Tutaméia*, através do relacionamento entre grupos de personagens, de acordo com o plano fabular, isto é, o conjunto de acontecimentos ligados entre si no decorrer da obra; e com o plano do sentido, ou seja, o estabelecimento lógicas a partir da estrutura fabular, com a identificação de invariantes, no conceito de Lévi-Strauss.

— Ficção, realidade e humor em *Tutaméia* – (Conclusão) **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 24 ago. 1974. Suplemento Literário, p. 8-9.

Análise do conto “Zingaresca”, de *Tutaméia*, considerando-se o plano do sentido. Comparação entre este conto e “Antiperipléia” através da figura do cego, comum a ambos, em que têm a função de desencadeadores do humor.

SOUZA, Ronaldo Melo e. O valor poético metafísico da obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 maio 1978. Suplemento Literário, p. 6-7. Entrevista concedida a Danilo Gomes.

A narrativa de Riobaldo consiste no drama de uma existência que se apresenta e se representa a si mesma. É a gestação histórica do próprio ser do narrador, que só se consuma no momento mesmo da narração. Riobaldo simboliza o caminho pela liberdade do homem

STARLING, Heloísa. Outras conversas sobre os jeitos do Brasil. **Suplemento**, Belo Horizonte, nov. 1996. p. 14-16.

Importância do ano de 1956, com o lançamento do Plano de Metas, de Juscelino, e a publicação de *Grande Sertão: Veredas*. Este representa uma leitura do país, interrompendo o projeto triunfalista de adesão à modernidade. É o desvelamento de traços da identidade

brasileira que oscila entre o arcaico e o moderno, favorece o politeísmo irracionalista e aceita a outridade como sinal do descentramento. *Grande Sertão: Veredas* supera o debate sobre a construção da identidade enquanto ele se faz pela contraposição de duas visões do mundo, constatando que há um vazio que impede o sentimento de comunidade, a percepção de um destino comum.

SZKLO, Gilda Salem. Dom Quixote e o universo mágico de Tutaméia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 7 out. 1978. Suplemento Literário, p. 9.

A presença do personagem de Cervantes no universo narrativo de *Tutaméia*, por meio do humor, tomado como instrumento de reflexão, de combate da realidade e do conhecimento do homem.

SZKLO, Gilda Salem. *Grande Sertão: Veredas* – o livro da saudade. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 jan. 1979. Suplemento Literário, p. 8.

O caráter evocatório da narrativa de Riobaldo: a recuperação da imagem mágica e encantatória do sertão, dos personagens e do próprio narrador.

UNGARETTI, Giuseppe. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

Cf. ALVARENGA, Otávio Melo.

VAL, Maria da Graça Costa. Antiperipléia – uma história habitual no diferente. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 ago. 1975. Suplemento Literário, p. 4 (Republicação do artigo saído no dia 2 ago. 1975.)

Análise do conto “Antiperipléia”, de *Tutaméia*, considerando as idéias de inversão da ordem e de oposição entre ordem e desordem, codificados no conto em termos de oposição entre cegueira e visão.

VALERIANO, Jane Alves. O recado do morro: uma perspectiva mítica. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 abr. 1988. Suplemento Literário, p. 9-12.

Análise do conto “O recado do morro”, de *Corpo de Baile*, com o emprego dos conceitos de mito, rito iniciático, “mise-en-abîme” e de sacralização do espaço. A trajetória do personagem Pedro Orósio equivale a um percurso iniciático.

VERSIANI, Ivana. Derivados regressivos em *Grande Sertão: Veredas* – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 out. 1971. Suplemento Literário, p. 6-7.

Ensaio sobre os processos de formação de palavras em português, especialmente pela derivação regressiva. O uso do processo por GR e a criação de neologismos com farta exemplificação. Análise estilística dos vocábulos usados em *Grande Sertão: Veredas*.

VERSIANI, Ivana. Derivados regressivos em *Grande Sertão: Veredas* – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 out. 1971. Suplemento Literário, p. 6-7.

Idem.

VERSIANI, Ivana. Derivados regressivos em *Grande Sertão: Veredas* – III. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 out. 1971. Suplemento Literário, p. 5.

Idem.

VERSIANI, Ivana. “Eu Militão, ele guerreiro”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 jan. 1972. Suplemento Literário, p. 1-2.

Explicação da expressão “eu militão, ele guerreiro”, de *Grande Sertão: Veredas*, encontrada em *Os jagunços*, de Afonso Arinos, e referida a duas famílias do sertão: os Militões e os Guerreiros, com a ressalva de a expressão se constituir num signo ambivalente, arbitrário por um lado e motivado por outro.

VERSIANI, Ivana. Formas do imperativo em “*Grande Sertão: Veredas*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 7.

O emprego de formas do imperativo em *Grande Sertão: Veredas* segue as mesmas tendências válidas para a Língua Portuguesa, com duas exceções: os imperativos que o narrador usa para se dirigir a seu interlocutor e os que os personagens utilizam dentro da narrativa.

VERSIANI, Ivana. “Itinerário de Riobaldo Tatarana”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 jul. 1976. Suplemento Literário, p. 10.

Resenha do livro *Itinerário de Riobaldo Tatarana*, de Alan Viggiano. VERSIANI, Ivana. 50 anos de Sagarana? **Suplemento**, Belo Horizonte, nov. 1996. p. 18-19

As várias datas de *Sagarana*, desde o concurso da José Olympio, em 1937, passando pela primeira edição, em 1946, e as sucessivas edições, até a fixação do texto final, na sexta, que é de 1964. A importância da quarta edição como divisor de águas, fixando o tipo de linguagem e a evolução estilística do autor.

WALDEMAR, José. William Davis e as dívidas de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 jan. 1975. Suplemento Literário, p. 12.

Notícia sobre o crítico norte-americano William Myron Davis e sua pesquisa sobre línguas, filosofias e mitologias exógenas presentes na obra de GR.

WALTY, Ivete Lara Camargos. O pensamento lógico-mágico em “A menina de lá”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 jun. 1979. Suplemento Literário, p. 6-7.

A personagem Nhinhinha, do conto “A menina de lá”, reproduz na sua fala a fala do poeta, criativa, acentuando as diferenças entre senso comum e não-senso, entre mundo lógico e mundo ilógico e mágico, entre o “lá” e o “cá”. O texto procura estabelecer a relação entre essas duas séries.

WALTY, Ivete Lara Camargos. O estudo da ambigüidade em quatro contos de Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 ago. 1979. Suplemento Literário, p. 6-7.

Análise de quatro contos – “A terceira margem do rio”, “Ripuária”, “Azo de almirante”, “Barra da vaca” – com destaque dos aspectos mítico, psicanalítico e ideológico, com levantamento e estabelecimento de significação de nomes próprios e símbolos presentes no conto: a água, o duplo, a ambigüidade, o rio, o barqueiro, a relação entre razão e loucura, o poder e a ordem.

**DONA CHIQUITA.** Dona Chiquita: as primeiras histórias de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 3. Entrevista concedida a Humberto Werneck.

Depoimento sobre particularidades da vida de GR dadas por sua mãe.

**XISTO, Pedro.** A nova crítica e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

Cf. **ÁVILA, Affonso.**

## BIBLIOGRAFIA PUBLICADA NO MINAS GERAIS EM ORDEM CRONOLÓGICA

### 1967

ALVARENGA, Otávio Melo. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

AMADO, Gilberto. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

ARAÚJO, Laís Correa de. *Tutaméia*, só? **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 set. 1967. Suplemento Literário, p. 7.

ÁVILA, Afonso. Guimarães Rosa: sua hora e vez. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 1.

— . A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

BIOGRAFIA de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento literário, p. 2/

CANDIDO, Antonio. O sertão e o mundo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4. (Fragmento)

CANABRAVA, Euryalo. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

CAMPOS, Augusto de. A nova crítica e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

CAVALCANTI, Waldemar. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

CORDEIRO, Cruz. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2,

COUTINHO, Afrânio. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

DIAS, Fernando Correa. Falam os doutores de 30: João Alphonsus e Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 abr. 1967. Suplemento Literário, p. 5.

—. Geografia do Grande Sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 6.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

GERSEN, Bernardo. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

LEITE, Dante Moreira. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

LIMA FILHO, Luiz Costa. A expressão orgânica de um escritor moderno. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 6.

LINHARES, Temístocles. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

LINS DO REGO, José. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

LOUZADA, Wilson. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

LUCAS, Fábio. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

MARQUES, Oswaldino. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

MARTINS, Wilson. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

- MILLIET, Sérgio. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.
- MONTENEGRO, Olívio. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.
- MOURÃO, Rui. Processo de linguagem, processo do homem. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 02 set. 1967. Suplemento Literário, p. 16-17
- MOURÃO, Rui. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.
- NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 7
- OLIVEIRA, Franklin de. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.
- PIMENTEL, Osmar. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.
- PONTES, Joel. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.
- PORTELLA, Eduardo. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.
- REGO, José Lins do. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.
- RONAI, Paulo. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.
- SCHWARZ, Roberto. A nova crítica brasileira e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p.4.

UNGARETTI, Giuseppe. Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 2.

XISTO, Pedro. A nova crítica e a ficção de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento Literário, p. 4.

## 1968

A., Ruben. Conto o conto de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 4

BEDATE, Pilar Gomes. Notas sobre as versões e traduções de “*Grande Sertão: Veredas*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 10-11.

CHQUILOFF, Miguel Theodorovitch. Guimarães Rosa, estudante de russo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 abr. 1968. Suplemento Literário, p. 8.

DESCOBERTA de Rosa, A. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 68. Suplemento Literário, p. 4.

DUAS cartas de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 2.

GUIMARAENS NETO, Afonso Henriques de. A João Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 9.

MEYER-CLASON, Curt. Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 6-8.

— . Curt Meyer-Clason, tradutor sem tração. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 5.

MONTENEGRO, Braga. Guimarães Rosa, novelista. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 jul. 1968. Suplemento Literário, p 2-3.

MOURA, Elza de. Crianças nas veredas do Grande Sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 9.

NUNES, Benedito. Guimarães Rosa em novembro. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 1-2.

OLIVEIRA, Aderson Graciano de. O modernismo do autor de “*Grande Sertão: Veredas*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 4.

DONA CHIQUITA. Dona Chiquita: as primeiras estórias de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento Literário, p. 3. Entrevista concedida a Humberto Werneck.

## 1969

AYALA, Walmir. Lembrando as primeiras estórias. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 29 mar. 1969. Suplemento Literário, p. 7.

BARBOSA, D. Marcos. Novembro de 1967. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 01 fev. 1969. Suplemento Literário, p. 2.

DAVIS, William Myron. Mistério e loucura n’ “A terceira margem do rio”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 jan. 1969. Suplemento Literário, p. 9.

DAVIS, William Myron. Meditações sobre esoterismo em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 mar. 1969. Suplemento Literário, p. 3.

DAVIS, William Myron. Meditações sobre esoterismo em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 maio 1969. Suplemento Literário, p. 3.

DIAS, Fernando Correia. Sociologia da literatura: uma experiência didática. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 jan. 1969. Suplemento Literário, p.

FIGUEIREDO, Wanda. “A João Guimarães Rosa”: livro e filme. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 mar. 1969. Suplemento Literário, p. 3-4.

JOHNSON, Harvey L. Impacto de Sagarana. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1969. Suplemento Literário, p. 12.

LISBOA, Henriqueta. Guimarães Rosa e o conto. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1969. Suplemento Literário, p. 8-9.

LLOSA, Mario Vargas. Epopéia do sertão, torre de Babel ou manual de satanismo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 29 nov. 1969. Suplemento Literário, p. 2. (Extraído da Revista “Amaru”, n. 2, 1969, p.70-72.)

RUBINGER, Fernando Santana. Poetagens a modo de Guimarães Rosa; fundos estremecimentos de Riobaldo Tatarana. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1969. Suplemento Literário, p. 11.

## 1970

CASTRO, Jorge de Melo. João por dentro – o bem-assombrado. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 dez. 1970. Suplemento Literário, p. 8-9.

PELLEGRINO, Carlos Roberto. Estas outras estórias. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 maio 1970. Suplemento Literário, p.7.

## 1971

A., Ruben. Conto o conto de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 maio 1971. Suplemento Literário, p.5.

ALBERGARIA PRADO, Consuelo. O sentido do trágico em “A terceira margem do rio”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 07 ago. 1971. Suplemento, p. 2-3.

CAMPOS, Paulo Mendes. Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 ago. 1971. Suplemento Literário, p. 4.

COELHO, Nely Novaes. Universo e vocabulário de Grande Sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 fev. 1971. Suplemento Literário, p. 7.

GÜNTER LORENZ. Conversa com Günter Lorenz. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 3 jul. 1971. Suplemento Literário, p. 4. Entrevista concedida a Zilah Correa de Araújo.

MOUTINHO, Nogueira. De Guimarães Rosa um livro póstumo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 dez. 1971. Suplemento Literário, p. 1.

OLIVEIRA, Franklin de. Presença roseana. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 27 nov. 1971. Suplemento Literário, p. 1.

RAMOS, Maria Lúza. O mundo mítico do sertão de Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 out. 1971. Suplemento Literário, p. 7

VERSIANI, Ivana. Derivados regressivos em *Grande Sertão: Veredas* – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 out. 1971. Suplemento Literário, p. 6-7.

— . Derivados regressivos em *Grande Sertão: Veredas* – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 out. 1971. Suplemento Literário, p. 6-7.

— . Derivados regressivos em *Grande Sertão: Veredas* – III. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 out. 1971. Suplemento Literário, p. 5.

## 1972

LUCAS, Fábio. Guimarães Rosa e Clarice Lispector: mito e ideologia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 ago. 1972. Suplemento Literário, p. 4-5.

VERSIANI, Ivana. “Eu Militão, ele guerreiro”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 jan. 1972. Suplemento Literário, p. 1-2.

## 1973

ATAÍDE, Vicente. Macunaíma e Sagarana: ruptura e tradição. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 dez. 1973. Suplemento Literário, p. 4,5.

— . Macunaíma e Sagarana: ruptura e tradição. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 dez. 1973. Suplemento Literário, p. 6,7.

LISBOA, Henriqueta. O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 maio 1973. Suplemento Literário, p. 2.

## 1974

ANDRADE, Carlos Drummond. Rosa Cordisburgo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 3.

CAMPOS, Augusto de. Um lance de “DES” do Grande Sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 mar. 1974. Suplemento Literário, p.4-7.

CAMPOS, Haroldo de. A linguagem do Iauaretê. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 7.

CANDIDO, Antonio. O sertão e o mundo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 4-6.

COELHO, Nely Novaes. Guimarães Rosa e o Homo Ludens. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 6, 7.

GARBUGLIO, José Carlos. A estrutura bipolar da narrativa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 8-10.

HENRIQUES NETO, Afonso. Dedicatória. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 12.

ROSA, João Guimarães. Um mundo em estado virgem. Literatura deve ser vida. Diálogo de Günter W. Lorenz com Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p.8-13. Entrevista concedida a Gunter W. Lorenz.

LUCAS, Fábio. Ainda as palavras: Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 10.

MARQUES, Oswaldino. O repertório verbal. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 14-16.

MARTINS, HEITOR. No Urubùquaquí, em Colônia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 6-7.

MELO, Oswaldo André de. O aspecto fônico em “Orientação”, de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 27 jul. 1974. Suplemento Literário, p. 6.

MOURÃO, Rui. Processo de linguagem, processo do homem: “Cara de Bronze”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 2-3.

— . Rosa Cordisburgo, Rosa Amor. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 1.

NUNES, Benedito. A viagem do Grivo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 4-5.

PEREZ, Renard. Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 2.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Alguns aspectos formais de *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 abr. 1974. Suplemento Literário, p. 8-12.

RIEDEL, Dirce Cortes. As meias-verdades em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 set. 1974. Suplemento Literário, p. 6-7.

RIEDEL, Dirce Cortes. De chapéu e de bengala. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 21 dez. 1974. Suplemento Literário, p. 4.

SOUZA, Eneida Maria de. Ficção, realidade e humor em Tutaméia – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 10 ago. 1974. Suplemento Literário, p.8-9.

— . Ficção, realidade e humor em Tutaméia – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 ago. 1974. Suplemento Literário, p. 8-9.

— . Ficção, realidade e humor em Tutaméia – (Conclusão) **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 24 ago. 1974. Suplemento Literário, p. 8-9..

VERSIANI, Ivana. Formas do imperativo em “*Grande Sertão: Verdades*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 mar. 1974. Suplemento Literário, p. 7.

## 1975

CARVALHO, David de. O fora e o dentro das coisas em Guimarães Rosa (ou o objetivo e o subjetivo em “Sarapalha”). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1975. Suplemento Literário, p. 6-7.

CÉSAR, Guilhermino. No mundo moral de Riobaldo – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 21 jun. 1975. Suplemento Literário, p. 3.

— . No mundo moral de Riobaldo – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 jun. 1975. Suplemento Literário, p. 4.

DAVIS, William Myron. Universo e vocabulário. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 out. 1975. Suplemento Literário, p. 5.

GARCIA, Frederick Charles Hesse. Guimarães Rosa: romaria às origens em O Mistério dos MMM. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 jul. 1975. Suplemento Literário, p. 6-7.

— . Guimarães Rosa nos Estados Unidos – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 8 fev. 1975. Suplemento Literário, p. 10-11.

— . Guimarães Rosa nos Estados Unidos – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 fev. 1975. Suplemento Literário, p. 10.

— . Guimarães Rosa nos Estados Unidos – III. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 fev. 1975. Suplemento Literário, p. 10.

— . Guimarães Rosa nos Estados Unidos (conclusão) – IV. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 mar. 1975. Suplemento Literário, p. 8.

MACIEL, Luiz Carlos Junqueira. Guimarães Rosa: a realidade fugidia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 ago. 1975. Suplemento Literário, p. 10-11.

RONAI, Paulo. Itinerário de Riobaldo Tatarana. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 fev. 1975. Suplemento Literário, p.

RUSSI, Antônio. Superstições e misticismo na obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 nov. 1975. Suplemento Literário, p. 7.

VAL, Maria da Graça Costa. Antiperipléia – uma história habitual no diferente. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 ago. 1975. Suplemento Literário, p. 4 (Republicação do artigo saído no dia 2 ago. 1975, p. 8)

WALDEMAR, José. William Davis e as dívidas de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 jan. 1975. Suplemento Literário, p. 12.

## 1976

AFONSO, Wilson. Carta inédita de Guimarães Rosa a Waldemar Reis. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 jun. 1976. Suplemento Literário, p. 12.

BUENO, Antonio Sérgio. A narrativa como caosmos; o medo e o amor em “*Grande Sertão: Veredas*”. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 fev. 1976. Suplemento Literário, p. 6-7.

CARVALHO, David de. Sabedoria popular, os provérbios. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 27 mar. 1976. Suplemento, p. 6-7

—. Compadre meu, Quelemém. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 set. 1976. Suplemento Literário, p. 4.

—. William Myron Davis vasculha o *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 27 nov. 1976. Suplemento Literário, p. 10.

DUARTE, Lélia Maria Parreira. Elementos da natureza em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 24 abr. 1976. Suplemento Literário, p. 4-5.

DUARTE, Lélia Maria Parreira. Riobaldo: personagem tensão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 ago. 1976. Suplemento Literário, p. 6-7.

FERREIRA, Maria do Carmo. Entremeio com o poeta João (poema desentranhado de Entremeio com o vaqueiro Mariano). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 6 nov. 1976. Suplemento Literário, p. 1.

FORNAZARO, Antônio F. O tempo em Dão-lalalão, de João Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 7 fev. 1976. Suplemento Literário, p. 6-7.

MARTINS, Heitor. Nonada. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 set. 1976. Suplemento Literário, p. 2-3

ROCHA, Luiz Otávio Savassi. Guimarães Rosa: a história e a estória. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 ago. 1976. Suplemento Literário, p. 4.

SAGARANA. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 03 jul. 1976. Suplemento Literário, p. 2.

VERSIANI, Ivana. "Itinerário de Riobaldo Tatarana". **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 jul. 1976. Suplemento Literário, p. 10.

## 1977

ALMEIDA, Ana Maria de. Nós, Perdizes. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 maio 1977. Suplemento Literário, p. 6.

ANDRADE, Vera Lúcia. Conceituação de jagunço e jagunçagem em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 28 maio 1977. Suplemento Literário, p. 6-7.

BARBOSA, Alaor. Pensamentos de Riobaldo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 mar. 1977. Suplemento Literário, p. 10.

— . Pensamentos de Riobaldo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 mar. 1977. Suplemento Literário, p. 10.

— . Pensamentos de Riobaldo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 abr. 1977. Suplemento Literário, p. 6.

CABRAL, Regina Célia Pereira. O tempo da narrativa em Dão-Lalalão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 jul. 1977. Suplemento Literário, p. 6-7.

GUIMARÃES ROSA, A PERMANÊNCIA. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 3 dez. 1977. Suplemento Literário, p. 12.

HOISEL, Evelina de C. de Sá. Elementos dramáticos da estrutura de *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 29 jan. 1977. Suplemento Literário, p. 6-8.

LAURIA, Márcio José. A respeito de um moço muito branco. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 fev. 1977. Suplemento Literário, p. 4.

MÜNENCHWANDER, Martin. Um mestre alemão e o *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 set. 1977. Suplemento Literário, p. 3. Entrevista concedida a Lauzimar Laus.

MEYER-CLASON, Curt. Curt Meyer-Clason, tradutor de Guimarães Rosa e amigo da América Latina.. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 jun. 1977. Suplemento Literário, p. 3. Entrevista concedida a Danilo Gomes.

## 1978

ANDRADE, Euclides Marques. Como Guimarães Rosa criou Mechêu. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 8 jul. 1978. Suplemento Literário, p. 10.

BARBOSA, Alaor. Notas sobre o *Grande Sertão: Veredas* (I). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 ago. 1978. Suplemento Literário, p. 6-7.

— . Notas sobre o *Grande Sertão: Veredas* (II). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 set. 1978. Suplemento Literário, p. 6-7.

— . Notas sobre o *Grande Sertão: Veredas* (III). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 set. 1978. Suplemento Literário, p. 8, 9, 10.

— . Guimarães Rosa, um escritor-repórter. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 01 jun. 1978. Suplemento Literário, p. 4..

SOUZA, Ronaldo Melo e. O valor poético metafísico da obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 maio 1978. Suplemento Literário, p. 6-7. Entrevista concedida a Danilo Gomes.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. Do amor e da mulher em quatro contos de Tutaméia. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 ago. 1978. Suplemento Literário, p. 4-5.

LAURIA, Márcio José. Em busca da terceira margem. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 jul. 1978. Suplemento Literário, p. 8-9.

MIRANDA, Wander Melo. O espaço do sertão em *Grande Sertão: Veredas*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 19 ago. 1978. Suplemento Literário, p. 6-7.

SZKLO, Gilda Salem. Dom Quijote e o universo mágico de Tutaméia. Minas Gerais, Belo Horizonte, 7 out. 1978. Suplemento Literário, p. 9.

## 1979

ALTAMIRANO, Ronaldo. João Guimarães Rosa e José Lezama. Minas Gerais, Belo Horizonte, 9 jun. 1979. Suplemento Literário, p. 4.

CARVALHO, David de. Mitologia indo-iraniana em *Grande Sertão: Veredas*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 17 mar. 1979. Suplemento Literário, p. 7.

RESENDE, Ângela Caçado Lara. Para Guimarães Rosa. Minas Gerais, Belo Horizonte, 23 jun. 1979. Suplemento Literário, p. 7.

SANTOS, Livia Ferreira. De Mário de Andrade a Guimarães Rosa. Minas Gerais, Belo Horizonte, 19 maio 1979. Suplemento Literário, p. 6-7.

— . A desconstrução em Tutaméia. Minas Gerais, Belo Horizonte, 28 abr. 1979. Suplemento Literário, p. 6-8

— . A desconstrução em Tutaméia.(II) Minas Gerais, Belo Horizonte, 5 maio 1979. Suplemento Literário, p. 8,9.

— . A desconstrução em Tutaméia (III) Minas Gerais, Belo Horizonte, 12 maio 1979. Suplemento Literário, p. 6,7.

SZKLO, Gilda Salem. *Grande Sertão: Veredas* – o livro da saudade. Minas Gerais, Belo Horizonte, 6 jan. 1979. Suplemento Literário, p. 8.

WALTY, Ivete Lara Camargos. O pensamento lógico-mágico em “A menina de lá”. Minas Gerais, Belo Horizonte, 2 jun. 1979. Suplemento Literário, p. 6-7.

— . O estudo da ambigüidade em quatro contos de Rosa. Minas Gerais, Belo Horizonte, 11 ago. 1979. Suplemento Literário, p. 6-7.

## 1980

BRAGA, Carlos dos Reis Baeta. Formação da palavra em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 15 nov. 1980. Suplemento Literário, p. 10-11.

LIDMILOVA, Paula. Tchecoslováquia – um dos primeiros países a divulgar a obra de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 fev. 1980. Suplemento Literário, p. 3.

MACEDO, Nelly. Palavras de origem tupi em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 jul. 1980. Suplemento Literário, p. 8.

NASCIMENTO, F. S. Letras brasileiras em Praga. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18 out. 1980. Suplemento Literário, p. 2.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. Nietzsche e o processo de conhecimento em *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 jan. 1980. Suplemento Literário, p. 9.

## 1981

DANIEL, Mary Lou Esses Guimarães e a sua bicharada. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 nov. 1981. Suplemento Literário, p. 4.

SANTOS, Livia Ferreira. A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*. Notícia e mensagem (I). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 abr. 1981. Suplemento Literário, p. 6.

—. A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*. A crise da fábula (I) **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 abr. 1981. Suplemento Literário, p. 4,5.

—. A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*. A crise do discurso narrativo (III) **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 18, 25 abr. 1981. p. 6.

—. A unidade romanesca de *Grande Sertão: Veredas*. A crise da palavra (IV) **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 maio 1981. Suplemento Literário, p. 6,7.

SILVA, Gutemberg da Mota e. *Grande Sertão: Veredas*, 25 anos. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5, 12 set. 1981. Suplemento Literário, p. 20.

## 1982

BUENO, Antônio Sérgio. Primeiras estórias, de J. Guimarães Rosa e os domínios do demasiado. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 13 nov. 1982. Suplemento Literário, p. 4-5.

CARVALHO, David de. Presença de Itaúna na obra de Guimarães Rosa – I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 out. 1982. Suplemento Literário, p. 6-7.

—. Presença de Itaúna na obra de Guimarães Rosa – II. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 out. 1982. Suplemento Literário, p. 8-9.

SAID, José Gabriel. Reflexão em torno de um fragmento de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 dez. 1982, Suplemento Literário, p. 6-7.

## 1983

FERREIRA, João. Algumas congeminções sobre o mito de Diadorim do *Grande Sertão: Veredas*. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 5 mar. 1983. Suplemento Literário, p. 4.

SILVA, Gutemberg da Mota e. Os vários autores de um conto de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 8 out. 1983. Suplemento Literário, p. 4-5.

## 1984

ANDRADE, Walter. O dar das pedras brilhantes ou a ópera do garimpo e dos diamantes. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 set. 1984. Suplemento Literário, p. 6-7.

ALMEIDA, Ana Maria de. O tema da mãe terrível em João Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 10 nov. 1984. Suplemento Literário, p. 6-7.

## 1985

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. O discurso da ficção em Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 7 set. 1985. Suplemento Literário, p. 4.

LUCAS, Fábio. A volta de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 set. 1985. Suplemento Literário, p. 10.

—. Oralidade na prosa de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 mar. 1985. Suplemento Literário, p. 10.

## **1986**

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Os exorbitantes. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 jan. 1986. Suplemento Literário, p. 2-3.

## **1987**

PONTES, Hugo. A simbologia da iniciação maçônica em O recado do morro, de Guimarães Rosa. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 maio 1987. Suplemento Literário, p. 5-7.

## **1988**

VALERIANO, Jane Alves. O recado do morro: uma perspectiva mítica. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 abr. 1988. Suplemento Literário, p. 9-12.

## **1989**

AVELAR, Idelber Vasconcelos. Porque vivemos numa época barroca. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 set. 1989. Suplemento Literário, p. 12-13.

## **1996**

ARQUIVO: o poeta da pRosa. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 15, p. 12-13, jul 96.

COSTA, Ana Luíza Martins. As cadernetas do viajante João Rosa. **Suplemento**, Belo Horizonte, p. 9-11, nov. 1996.

MENDES, Murilo. De Murilo para Rosa. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 13, p.20-21, maio 1996.

NUNES, Benedito. Leitura filosófica de Guimarães Rosa. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 19, p. 20-22, nov. 1996.

RIBEIRO NETO, Amador. Poesia & prosa via semiótica. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 9, p. 14-15, jan. 1996.

ROSA, vida e obra. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 19, p. 17, nov. 1996.

SANTIAGO, Silviano. Transtornado incerto. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 19, p. 3-8, nov. 1996.

SCARPELLI, Marli Fantini. Grande Sertão: Fronteiras. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 19, p. 23, nov. 1996.

STARLING, Heloísa. Outras conversas sobre os jeitos do Brasil. **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 19, p. 14-16, nov. 1996

VERSIANI, Ivana. 50 anos de Sagarana? **Suplemento**, Belo Horizonte, n. 19, p. 18-19, nov. 1996.

## TEXTOS DE GUIMARÃES ROSA PUBLICADOS NO MINAS GERAIS

ROSA, João Guimarães. Natal do sertão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 24 dez. 1966. Suplemento Literário, p. 3. (Extraído de **Noites do sertão**).

\_\_\_\_\_. Viver é muito perigoso. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento. (Extraído de **Grande Sertão: Veredas**). p. 5

\_\_\_\_\_. Os irmãos Dagobé. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento, p. 8 (Extraído de **Primeiras estórias**)

\_\_\_\_\_. Cartas para sua mãe, para seu pai, para Murilo Mendes (datadas de 9 de julho de 1964, as primeiras, e 9 de agosto de 1967, a última). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 nov. 1967. Suplemento, p. 7.

\_\_\_\_\_. Aí está a mineiridade. **Minas Gerais**, Belo Horizonte 25 nov. 1967. Suplemento, p. 3. (Publicado posteriormente em *Ave*, palavra, com o título “Minas Gerais”)

\_\_\_\_\_. Pescaria (poesia). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, dez. 1967. Suplemento, p. 13.

\_\_\_\_\_. Carta a Miguel T. Chquiloff (datada de 8 de fevereiro de 1934). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 abr. 1968. Suplemento.<sup>63</sup>

\_\_\_\_\_. Carta a Curt Meyer-Clason (datada de 9 de fevereiro de 1965). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento.

\_\_\_\_\_. Cartas a Paulo Emílio Pereira Diniz (datadas de 23 de agosto de 1963 e 29 de julho de 1965). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. Suplemento, p. 2.

---

<sup>63</sup> Algumas das cartas referenciadas estão incluídas nos artigos publicados nas mesmas datas indicadas.

\_\_\_\_\_. Melim Meloso. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 nov. 1968. p. 12 (Extraído de **Terceiras estórias**)

\_\_\_\_\_. O imperador. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 nov. 1970. p. 1-3.

\_\_\_\_\_. Carta para Vicente Ferreira da Silva (datada de 21 de maio de 1958) **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 25 set. 1976, p. 2.

\_\_\_\_\_. Carta para Waldemar Reis (datada de 21 de setembro de 1956). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 05 jul. 1976. Suplemento, p. 12.

\_\_\_\_\_. Cara-de-bronze. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 06 abril 1974. Suplemento, p. 1. (Extraído de “Cara-de-bronze”, de **No Urubùquaquá, no Pinhém**).

\_\_\_\_\_. As garças. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 mar. 1974. Suplemento, p. 11-12. (Publicado, posteriormente, em **Ave, palavra**)

\_\_\_\_\_. A terceira margem do rio. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 30 mar. 1974. Suplemento. (Extraído de **Primeiras estórias**)

\_\_\_\_\_. Cartas a Manoel Carvalho (datadas de 14 de julho de 1932 e de 26 de junho de 1936). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11 set. 1976. Suplemento, p. 4.

\_\_\_\_\_. Carta a Pedro Moreira Barbosa (datada de 19 de julho de 1949) **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 08 out. 1983. Suplemento, p. 4.

\_\_\_\_\_. Cartas a A.A. de Lima Coutinho (datadas de 04 de novembro de 1949 e 21 de julho de 1958). **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 out. 1983. Suplemento, p. 8.

\_\_\_\_\_. João Guimarães Rosa (reprodução de original de página datilografada de **Grande Sertão: Veredas**). **Suplemento**, nov. 1996, p. 24.

\_\_\_\_\_. Carta para Murilo (datada de 9 de agosto de 1967). **Suplemento**, nov. 1996, p. 12.

\_\_\_\_\_. Carta para Henriqueta (datada de 29 de maio de 1958). **Suplemento**, nov. 1996, p. 13.

